

Mestrado em Sociologia

Processos Identitários no Desporto: o caso específico do Futebol de Praia Francisco Oliveira Ferreira

M

2017



Francisco Oliveira Ferreira

**Processos Identitários no Desporto: o Caso Específico do
Futebol de Praia**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pelo Professor
Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2017

Processos Identitários no Desporto: o Caso Específico do Futebol de Praia

Francisco Oliveira Ferreira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pelo Professor
Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes

Membros do Júri

Professora Doutora Natália Maria Azevedo Casqueira
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Sandra Lima Coelho
Universidade Católica do Porto

Classificação obtida: 15 valores

Sumário

Agradecimentos	10
Resumo	12
Abstract	13
Índice de figuras	14
Introdução	15
Capítulo I – Enquadramento Teórico	
1.Desporto e sociedade	
1.1. Evolução teórica na sociologia do desporto: século XX	18
1.2. O desporto nas sociedades contemporâneas.....	20
1.3. O caso específico do futebol de praia	27
2.As identidades desportivas	
2.1.Instabilidade identitária na contemporaneidade	29
2.2.O desporto como elemento identitário estruturante	33
2.3.A identidade coletiva no futebol de praia	37
3.Pluralidade dos indivíduos e dos campos	41
4. História do futebol de praia	42
Capítulo II – Metodologia	
1. Objeto de estudo	44
2. Questões de partida e objetivos	44
3.Modelo de análise	45
4.1. Métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados	46

4.2. Procedimentos e dificuldades encontradas na recolha de dados	47
Capítulo III – Análise e discussão dos resultados	
1.1.Caraterização da amostra	50
1.2.1.Influência da família na prática de futebol de praia	50
1.2.2. Influência dos amigos na prática de futebol de praia	52
1.2.3. Conciliação com a vida pessoal e familiar	53
1.2.4. Importância da prática desportiva para os indivíduos	55
1.2.5. Conciliação entre a prática desportiva e a formação académica e/ou vida profissional	58
1.3.1. Vertente financeira – Jogadores	60
1.3.2. Vertente financeira – Clubes e investidores	62
1.4. Motivações dos indivíduos	64
1.5.1. A relação com outros desportos: A independência do futebol de praia	65
1.5.2. A diferença de recursos: o surgir de uma oportunidade	66
1.6.1. A comunidade em torno da modalidade	68
1.6.2. Comunidades locais	72
1.6.3. As relações humanas distintas no futebol de praia	74
1.7. Futebol de praia: desporto ou espetáculo?	77
1.8. Nazaré: um dos berços do futebol de praia português	78
Capítulo V – Considerações finais e pistas futuras	
1. Principais conclusões	83
2. Pistas futuras	87
Referências Bibliográficas	88
Anexo 1. Guião de entrevista nº 1.....	91

Anexo 2. Guião de entrevista nº 2.....	92
Anexo 3. Categorização das Entrevistas	93

Agradecimentos

Neste espaço procurarei agradecer a todos aqueles que durante os últimos 5 anos contribuíram para que este percurso tivesse um desfecho positivo. Em primeiro lugar, um agradecimento a todos os entrevistados que sempre se mostraram disponíveis e colaboraram para que a recolha de dados corresse de forma eficiente.

Posteriormente, gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor João Miguel Teixeira Lopes, pelo apoio, pela abertura e por me permitir explorar um tema pelo qual nutro interesse. Agradeço também por, nos últimos cinco anos, ser um dos maiores responsáveis pelo meu interesse pelo curso, pela forma como é capaz de partilhar conhecimentos de forma acessível sem que se perca qualquer tipo de cientificidade. Agradeço também a todos os professores que me acompanharam ao longo destes cinco anos, de onde destaco a Professora Doutora Natália Azevedo, diretora da licenciatura e do mestrado, aquando da minha frequência dos dois ciclos de estudos. Agradeço a proximidade, o apoio e pelo gosto pela sociologia que partilha com todos os seus alunos.

Não podia deixar de agradecer aos maiores responsáveis por ser quem sou e por ter serem os meus companheiros de sempre – aos meus pais, um agradecimento pelo exemplo, esforço e dedicação. Sem eles, nada disto seria possível. Uma palavra também para aquele que, há 16 anos, é o maior companheiro e melhor amigo, o meu irmão. Para além deles, um agradecimento também à minha avó Salomé pela luta e coragem que sempre demonstrou e pela educação que me deu.

Ao longo dos últimos cinco anos, muitas foram as pessoas com quem tive o prazer de partilhar vivências. Contudo, há quem deixe a sua marca. Não podia deixar de referir os três companheiros: ao Leandro pelo companheirismo, pela compreensão e pela racionalidade, ao Manuel pela paciência, pela dedicação e pela força de vontade, ao Daniel pela assertividade nas palavras, pela simplicidade e pela coragem. Aos três, uma enorme agradecimento por tudo o que passámos e pela amizade que levo para a vida. Para além deles, não podia deixar de agradecer à Inês e à Patrícia por todas a ajuda ao

longo deste percurso. Refiro também o Ricardo pela companhia e amizade! Neste lote, terei, ainda, que destacar a Ana Patrícia pela amizade, pela presença e pelo apoio.

Agradeço também a todos aqueles com quem tive o prazer de cooperar no associativismo. A todos aqueles que comigo partilharam a direção da AEFLUP, o meu obrigado! Deste meu último ano, terei que destacar o Filipe, a Sara, a Sandra, o Diogo e a Vicky. Uma nota ainda para todos aqueles que lutam por um associativismo limpo de estruturas superiores com interesses que em nada dignificam os estudantes e em especial a todos aqueles com quem trabalhei a nível do desporto universitário.

Sendo o tema da dissertação, não podia deixar de agradecer aos meus companheiros na equipa de futebol de praia do Clube Desportivo Nacional. Foram quatro anos de grande aprendizagem e crescimento. Um agradecimento especial ao João Carlos Delgado pelo exemplo, pela amizade e pela aposta, ao Rui Delgado pela amizade, pelos valores e pelo caminho percorrido, ao João Jasmins pela paixão pela modalidade, pela persistência e pelo compromisso. Agradeço ainda a todos os que contribuem para o crescimento da modalidade!

Por último, mas por ventura, um dos mais importantes, agradeço à minha companheira de viagem de há sete anos para cá. À Raquel Cruz, o meu obrigado pelo amor, pela partilha e pela cumplicidade. O caminho nem sempre foi fácil, porém, termino esta etapa como comecei, contigo do meu lado. És parte fundamental daquilo que sou e que vou conquistando. Obrigado pela namorada que és!

Gostaria, no entanto, não de agradecer, mas de dedicar todo este trabalho às três pessoas que tendo uma importância extrema em mim e neste trabalho, não puderam assistir fisicamente à conclusão do mesmo. Ao avô Jacinto pela luta, pelo trabalho e pela simplicidade, ao avô Faustino pela educação, pelos momentos e por me tornar no que sou hoje. À Professora Doutora Dulce Magalhães, pela simplicidade, pela crença em mim e pela paixão à sociologia e à educação.

Resumo:

Nesta dissertação procurar-se-á compreender os processos identitários inerentes ao desporto, conferindo um particular enfoque às características específicas do futebol de praia. Pretende-se, também, perceber de que forma a prática desportiva é influenciada pela socialização dos atores sociais com destaque para os grupos sociais – amigos, meio profissional, meio académico - em que o indivíduo se insere e para a família.

Deste modo, almeja-se trazer para discussão uma série de temáticas relacionadas com a sociologia do desporto, ainda pouco desenvolvidas, mas também temáticas relacionadas com a socialização dos indivíduos, com a construção identitária (individual e grupal) e com o futebol de praia, em específico. Serão também apresentadas diversas tipificações ao nível dos desportos, de forma que se torne mais explícito o enfoque desta dissertação, tendo igualmente o objetivo de deixar pistas para futuros trabalhos na área. Para isso, realizaram-se entrevistas com o objetivo de traçar retratos sociológicos dos entrevistados, tentando compreender todas as dinâmicas inerentes à prática desportiva.

Como resultado desta investigação, conclui-se então que o futebol de praia se assume como elemento estruturante na construção identitária dos indivíduos, tendo influência em todos os meios sociais presentes na vida dos entrevistados. Podemos também concluir que o futebol de praia se revela como elemento central na criação de comunidades – sejam elas nacionais ou regionais –, e que, apesar de ser um desporto recente, a sua evolução é cada vez mais notória assim como a sua independência face ao futebol de onze e ao futsal.

Palavras-chave: Identidades, socialização, sociologia do desporto, futebol, futebol de praia

Abstract

This dissertation will pursue identity processes inherent to sport, giving particular focus to beach soccer's specific characteristics. It is also intended to realize in what way the practice of sport is influenced by the social actors' socialization, with emphasis on the social groups – family, friends, professional environment, academic environment - which the individual inserts himself.

Thereby, it is aimed to bring up for discussion a series of themes related to the sociology of sport, still undeveloped, but also themes related with the individuals' socialization, with the identity construction (individual and group) and with beach soccer, specifically .

It will also be presented several typifications at sports' level, in order to make more explicit this dissertation approach, also aiming to leave tracks to forthcoming works in the area. For this purpose, interviews were conducted with the aim of mapping sociological portraits of the interviewees, trying to understand all the dynamics inherent to the practice of sports. As a result of this investigation, it is concluded that beach soccer assumes itself as a structuring element in the identity construction of individuals, having influence in all the social surroundings present in the interviewees' life. It can also be concluded that beach soccer reveals itself as a central element in the creation of communities - whether national or regional - and that, despite being recent sport, its evolution is increasingly more remarkable as its independence facing football and futsal.

Keywords: Identities, socialization, sociology of sport, soccer, beach soccer

Índice de figuras

Figura 1 – Modelo de Análise	45
------------------------------------	----

Introdução

Esta dissertação foi desenvolvida no seguimento do Mestrado em Sociologia e tem, como tema, *Processos Identitários no Desporto: O caso específico do Futebol de Praia*. Para a realização desta investigação, foi constituída uma amostra composta por seis jogadores de clubes que disputam a Divisão de Elite do Campeonato Nacional de Futebol de Praia. Tentou-se que estes seis atletas tivessem percursos distintos na modalidade, assim como fora dela. Procurou-se então aplicar uma abordagem teórico-metodológica que tinha como objetivo estudar e compreender aprofundadamente a forma como a prática desportiva influenciava os diversos meios sociais da vida dos indivíduos assim como compreender as razões para que a prática desportiva deste desporto tenha vindo a crescer.

Esta pesquisa torna-se relevante pois há uma crescente importância atribuída ao desporto nas sociedades contemporâneas, contudo, existem poucos estudos sociológicos sobre os fenómenos desportivos em Portugal, assim como o impacto que a prática desportiva tem nos restantes meios que compõem o espectro social da vida dos indivíduos.

O desporto pode e deve ser visto como meio de inclusão social assim como tem, inerente a si, um conjunto de processos identitários que advêm da pertença grupal e das identidades coletivas que se vão formando no meio. A prática desportiva tem a capacidade de moldar comportamentos e atitudes com base nas preferências, gostos ou ideologias desportivas. Assume-se, então, como um dos fatores de mudança social, sendo que, tendo em conta a crescente mercantilização do desporto, pode-se constituir, também, como um mecanismo de melhoria de condições de vida e de ascensão social.

Este trabalho teve como objetivos compreender de que modo ocorrem os processos identitários no futebol de praia, compreender as dinâmicas sociais, grupais e interpessoais que decorrem da pertença grupal e da prática desportiva, compreender o impacto do futebol de praia na identidade de um praticante da modalidade, compreender até que ponto a socialização é importante para o início da prática desportiva e inserção neste meio social, detetar a existência de uma comunidade em torno do futebol de praia, e não apenas um conjunto de praticantes da modalidade, isolados entre si ou agrupados

em equipas e por último entender e explicar quais as diferenças entre o futebol de praia e as duas modalidades mais próximas deste (futebol e futsal).

Relativamente a este trabalho em concreto, ele divide-se em seis capítulos: o “Enquadramento teórico”, dividindo-se este capítulo em dois subcapítulos – *O desporto e a Sociedade* e *As identidades desportivas*”, capítulos onde se apresenta e debate a problemática teórica referente aos dois eixos centrais deste trabalho: a relação entre desporto e sociedade e a relação entre desporto e identidades, servindo também de sustentação teórica para o restante trabalho. Para além disso, surge uma contextualização histórica do futebol de praia em Portugal assim como uma incursão sobre a instabilidade identitária nas sociedades contemporâneas.

O capítulo seguinte é referente à “Metodologia”, onde se apresentam e justificam as escolhas metodológicas tomadas para a realização deste trabalho, os objetivos, objeto de estudo e as questões de partida de forma mais alargada e abrangente. Para a realização deste trabalho, optou-se pela utilização do paradigma qualitativo, utilizando como técnica predominante o retrato sociológico, procurando relacionar o futebol de praia com os diversos meios sociais em que um indivíduo se insere. Para isso foram realizadas entrevistas a seis jogadores de equipas da Divisão de Elite do Campeonato Nacional de Futebol de Praia, com percursos distintos entre si, de diversas idades e também com locais de residência variados, procurando ter uma amostra o mais representativa possível.

Posteriormente, surge o terceiro capítulo – “Escolhas metodológicas para recolha e tratamento de dados” onde se apresenta o modelo de análise, os métodos e técnicas para a recolha e tratamento de dados assim como as dificuldades encontradas neste processo, sendo que a principal deveu-se ao excessivo prolongamento da fase de recolha de dados devido à indisponibilidade por parte de alguns entrevistados, assim como a falta de investigação que existe na sociologia do desporto, ainda agravada se tivermos em atenção a relação entre desporto e processos identitários.

Surge, por último, a “Análise e discussão dos resultados obtidos”, finalizando este trabalho, com as “Considerações finais e pistas futuras”. Ao longo destes capítulos são referidas as conclusões do trabalho nomeadamente na relação entre a prática desportiva

e os meios sociais mais próximos do indivíduo, sobre a importância da prática desportiva para o quotidiano de um desportista, é também analisada a relação entre a prática desportiva não-profissional e a vida profissional e/ou académica, a vertente financeira (quer dos atletas, quer dos clubes) é também um dos pontos de análise. Surgem ainda as conclusões sobre as temáticas das motivações dos praticantes de futebol de praia, da relação com o futebol de onze e com o futsal, abordando, por último, as questões das relações humanas que se estabelecem, assim como a constituição de comunidades locais e nacional em torno da modalidade, sendo dada ênfase à comunidade nazarena. Nos anexos, estão presentes as grelhas de análise das entrevistas, assim como a transcrição das mesmas.

I. Enquadramento teórico

1. Desporto e sociedade

1.1 Evolução teórica na sociologia do desporto: Século XX

A nível teórico, a sociologia do desporto é das áreas que mais tardou em surgir dentro da sociologia. Este atraso deve-se à génese da sociologia que se preocupa com problemas sociais e que nem sempre viu com bons olhos a análise do desporto e das suas funções sociais. Contudo, se analisarmos as obras de autores clássicos da sociologia como Weber, Durkheim ou Spencer podemos encontrar algumas referências ao desporto, sempre com ligações a outros fenómenos e nunca abordando as dinâmicas sociais inerentes ao desporto de forma clara e independente.

No entanto, estas primeiras incursões foram essenciais para que outros autores se iniciassem no estudo do desporto, baseando-se naquilo que estes autores abordaram. Segundo Clara Freitas (2000), podemos identificar 5 períodos de evolução teórica dentro da sociologia do desporto sendo que o primeiro (e mais longo) se pode definir pelo período compreendido entre o início do século XX até 1964, onde surgem as primeiras abordagens sociológicas ao fenómeno social do desporto, em particular na Alemanha, expandindo-se posteriormente aos EUA, Canadá e França. O segundo período diz respeito ao tempo compreendido entre 1964 e 1971 e onde se assistiu a uma institucionalização da sociologia do desporto com a criação da ICSS – *International Committee for the Sociology of Sport*. Surge em 1972 um terceiro período na sociologia do desporto que dura até 1978 e que se baseia nos Jogos Olímpicos de Munique’72, onde, com o seu impacto, o desporto ganhou uma importância a nível político e esteve em destaque durante esse período. Na década de 80, regista-se um quarto período, em que a sociologia do desporto deixa de ser essencialmente histórica e começa a ter como objeto de estudo a contemporaneidade. No último período que se inicia em 1990 e decorre até aos dias de hoje, dá-se o crescimento da importância do desporto para os decisores políticos a nível mundial.

A nível teórico, Elias e Dunning (1992) fazem um resumo das teorias sobre desporto moderno já existentes, destacando três: “(...) a perspectiva histórico-filosófica

de Huizinga; a perspectiva interacionista simbólica de Stone; e a orientação marxista de Rigauer.” (Elias e Dunning, 1992:305/306). Cada uma destas perspetivas, sugere que o equilíbrio entre a polaridade *interesse dos atletas vs interesse do público* foi perturbado pelo surgimento do desporto moderno, nos moldes em que o conhecemos hoje. Huizinga defende que esta polaridade sofreu um desequilíbrio provocado pelo desenvolvimento da ciência, pela emergência de movimentos sociais no sentido da igualdade e da industrialização. Por outro lado, Stone (1955) considera que esta polaridade sofreu pelo facto dos espectadores tornarem o desporto num espetáculo e como tal perde a sua essência de ser um jogo-desporto, de pura competição; já Rigauer (1969) defende que o desporto passa a ter características semelhantes ao trabalho onde cada luta de resultados é o mais importante e, deste modo, considera que houve uma alienação no desporto e dá como exemplo disso o treino intervalado e os circuitos de treino.

Como resposta a estas teorias, Elias e Dunning (1992) defendem que o desporto envolvia “(...) cinco componentes principais: 1) a tendência para nomear e promover pessoal de acordo com um critério desportivo mais do que segundo um critério académico; 2) a seleção de prefeitos, isto é, dos rapazes que assumiam o comando nas escolas, com base, em especial, na capacidade demonstrada no desporto; 3) a elevação do desporto a uma posição dominante e, em certos casos proeminente, no currículo; 4) a racionalização educativa do desporto, em particular das equipas, como um instrumento de treino do carácter; e 5) a participação de membros do pessoal docente na organização e nos jogos dos seus alunos. É provável que semelhante movimento só pudesse ter nascido nas escolas de *élite*, na maioria das quais os alunos não dependiam de uma educação académica para as suas carreiras futuras.” (Elias e Dunning, 1992:314). O autor indica-nos que o nascimento deste “movimento” do desporto nas escolas, começou nas escolas de *élite*, e que, em parte, isso se deve à falta de necessidade dos alunos das mesmas em terem aptidões académicas para prosseguirem as suas carreiras, devido ao capital cultural e económico que já adquiriram. No entanto isto pode levar a que se fale na perpetuação das desigualdades sociais no acesso ao desporto nas escolas, pois apenas os alunos de escolas características de classes altas teriam essa oportunidade.

O crescimento da importância do desporto ao longo dos últimos anos deu-se devido a razões de vários quadrantes – desde os benefícios físicos ao nível da saúde, aos

benefícios psicossociais inerentes à pertença grupal que o desporto (em particular os desportos coletivos) transporta consigo para o indivíduo. Contudo, tudo isto abriu uma porta no mercado que não demorou a ser preenchida e com isso causar grandes alterações na dinâmica naquilo que era o desporto antes desta mercantilização do meio desportivo – contudo esse assunto será aprofundado no próximo ponto. Para Bernad Jeu (cit por Freitas, 2000), o desporto pode ser resumido em três razões: a razão poética, a razão histórica e a razão moral e política – “A razão poética trata de pensar porque o desporto nos atrai e nos cativa. (...) O desporto é belo porque nele se descobrem coisas antigas. As profundidades do inconsciente nos levam à profundidade da história. A segunda razão é a razão histórica. Esta revela o desporto em sua genealogia e surgiu através de uma dinâmica do tempo, a génese de uma instituição; criação sem dúvida descontínua, marcada por várias etapas, mas também criação contínua, posto que cada geração a reinventa, e que a nossa consolida com a criação de clubes e competições. A terceira, e última razão, é a razão moral e política. Na história, vivemos o presente. Isso implica, portanto, na nossa responsabilidade. Essa nos obriga, portanto, a interrogarmos sobre as finalidades do desporto que dependem, em grande parte do bom uso da nossa liberdade.” (Freitas, 2000:31)

1.2. O desporto nas sociedades contemporâneas

O desporto, enquanto fenómeno social tem-se vindo a universalizar e com isso a alterar as suas dinâmicas próprias. Com a universalização, cimentou-se também uma mercantilização, por vezes excessiva, de tudo aquilo que é o desporto e o que se relaciona com o mesmo. Tal como refere Salomé Marivoet o desporto deixa de se caracterizar como a “prática lúdica e de distinção social, sem recompensas económicas, para se revestir de um carácter marcadamente competitivo, num complexo mercado profissionalizante aos mais diferentes níveis, dando lugar ao espectáculo por excelência” (Marivoet, 1997:102)”. Sendo assim, falamos cada vez mais de um desporto ligado ao espetáculo, ao marketing e aos meios económicos do que a um desporto relacionado apenas com a prática de atividade física e com a competição entre pares. Isto decorre dos processos sociais característicos de sociedades capitalistas, onde o mercado é o ator mais importante e com maior influência sobre os outros. Porém, o desporto tem que ser encarado como um dos elementos estruturantes de qualquer sociedade, assumindo-se, tal como defende Costa (1992) como uma amostra de uma determinada sociedade para poder depois constituir-se modelos de análise social,

permitindo assim, investigar novas dinâmicas, ideias e motivações. Para além da vertente económica, segundo Claro (2016), o desporto tem a capacidade de criar, no seu campo social, uma oportunidade de mercado que se vê já respondida por um grande segmento de mercado que gera lucros exponenciais, para além dos benefícios e dinâmicas sociais inerentes ao desporto. Por outro lado Bromberger (1995) considera que o desporto pode ser encarado como o ópio do povo no sentido em que desvia as atenções dos problemas sociais e faz com que se possa atenuar a tensão social. Com isto podemos então afirmar que há uma instrumentalização sociopolítica do futebol operada pelos Estados para aliviar e controlar a tensão em volta de temas negativos para a vivência social. O mais recente exemplo disso, foi a conquista do Campeonato Europeu de Futebol pela seleção nacional que estima-se que tenha tido um impacto de dois mil milhões de euros na economia nacional, por via do otimismo que gerou aliado, obviamente, a prémios e direitos de imagem.

A importância que o desporto ganhou a nível económico advém do facto de se tratar de um fenómeno generalizado e com a capacidade de mover massas nos grandes eventos desportivos, sejam Jogos Olímpicos ou Campeonatos Mundiais de desportos como o futebol, atletismo ou ciclismo ou ainda grandes Torneios de Ténis ou Golfe. Vanessa Claro defende esta ideia, dizendo que “Esse olhar sobre o desporto enquanto fenómeno internacional é resultado de um crescente contributo do mesmo para a economia, uma vez que alguns dos espetáculos mais visíveis internacionalmente são do foro desportivo; o desporto é entendido também enquanto parte do social e do tecido cultural relativos a diferentes localidades, regiões e nações, e apresenta-se como modificador manifesto em algumas das áreas mais pobres do mundo; (...)” (Claro, 2016:17)

O desporto é, segundo Elias e Dunning (1992), a representação da sociedade, e ao mesmo tempo um meio pertencente à mesma, constituindo assim um sistema, podendo, ser equiparado e relacionando-se com o sistema económico, político ou qualquer outro que compõe as sociedades contemporâneas. Para além das questões macro e referentes à dinâmicas sociais, o desporto pode levar-nos a uma melhor compreensão de atitudes e experiências pessoais - “Refletir sobre o fenómeno que é o desporto pode, de alguma forma, auxiliar-nos na compreensão da experiência pessoal de um indivíduo desportista

que está conectada com questões públicas mais vastas.” (Claro, 2016:17). Pode-se também atribuir ao desporto, e ao futebol em particular, um local para a expressão de identidades coletivas e locais. Esta ideia, de Bromberger (1995), pode ser vista com a adesão que as pessoas têm aquando dos jogos das seleções nacionais ou dos derbys entre equipas da mesma cidade ou região, onde existe um choque de identidades e onde se pode, em última análise, estar a disputar qual a equipa que melhor representa aquilo que a cidade representa – podemos então ter em mente três jogos: Celtic x Glasgow, na Escócia, onde mais do que em qualquer outro jogo, é muito mais do que apenas desporto, de um lado temos o catolicismo (Celtic) contra o protestantismo (Glasgow); Atlético de Madrid x Real Madrid, em Espanha assistimos aquilo que entendo como sendo um choque de mentalidades, por um lado a raça e o crer tipicamente latinos ligados ao Atlético (muitos destes sentimentos por culpa do atual treinador, Diego Simeone), do outro lado, o capitalismo, as estrelas e a classe do Real Madrid representados através do seu Estádio e do nome de estrelas como Alfredo di Stefano, David Beckham ou Cristiano Ronaldo; por último, o derby de Manchester, entre United e City representa mais uma vez a mudança dos tempos. Por um lado temos o legado de Sir Alex Fergusson que, após duas décadas, deixou o clube com uma identidade de clube vencedor, com classe e sem investimentos gigantescos, do outro temos um clube renascido, fruto do investimento de um bilionário que tentou (e conseguiu) devolver o City aos grandes palcos europeus, por via do investimento financeiros nas estruturas e na compra de jogadores por grandes quantias. Para além disso, e pegando (e reformulando) o exemplo dado por Bromberger (1995), a Juventus, conhecida por *Velha Senhora* por ser um clube onde, tradicionalmente, tem em atenção a postura de todos os seus membros e onde a qualidade e o mérito dos seus jogadores não é determinante, mas sim a sua postura correta e de respeito para com todos os agentes desportivos, neste momento personalizada na pessoa do seu capitão – Gianluigi Buffon.

Então, analisando os fenómenos que ocorrem no desporto podemos analisar o funcionamento da sociedade, e Elias e Dunning (1992) fizeram-no dando particular destaque à análise da violência do desporto visto que a mesma tem vindo a aumentar nas sociedades (“Acredita-se hoje plenamente que vivemos num dos períodos mais violentos da história” (Elias e Dunning, 1992:327)) e por isso, também se ressentem no desporto, não só entre os desportistas como também nos adeptos e meios envolventes.

Segundo os autores, mais do que o aumento, houve uma alteração no tipo de violência, ou seja, passou as agressões tornaram-se mais duras e menos ordenadas, como os fenómenos de hooliganismo que temos assistido.

O desporto, enquanto fenómeno social, é influenciado pelo contexto em que decorre e isso é defendido por Bourdieu (1979) quando apresenta o conceito de *habitus*. Assim, podemos afirmar que o meio social irá influenciar a participação desportiva que se regista, devido às condições que se verificam, num determinado contexto espaço-temporal. Isto vem ajudar a explicar o facto da participação desportiva ser diferente consoante a região que analisamos assim como os desportos praticados. Estas circunstâncias sociais aliadas a razões históricas explicam o porquê do desporto mais praticado em países latinos ser o futebol, em países Asiáticos surgirem desportos como o críquete ou o ténis de mesa ou o rugby na Austrália.

O desporto é muitas vezes um meio de refúgio e de apoio para as pessoas e também uma maneira de reverem e aplicarem alguns dos seus ideais e sonhos, sendo isso mais visível nas nossas sociedades contemporâneas no exemplo do futebol “Embora sendo um espelho da sociedade, o futebol é também, talvez mais ainda, a expressão deste desejo profundo do homem de qualquer coisa que o ultrapassa e já uma certa realização duma sociedade mais perfeita, mais justa, mais festiva e mais fraterna do que aquela que conhecemos” (Costa, 1992:107). Ou seja, o desporto, mais concretamente o futebol, é também um meio de integração social e pode ser entendido como uma forma de atenuar as falhas sociais, pois para além de meio de abstração do real social, leva também a que haja uma união em torno de determinados objetivos comuns a um coletivo (equipas, clubes, regiões, países) que pode levar a que os indivíduos dele constituinte obtenham um exemplo na maneira de encarar determinados problemas da vida. “Através da sua função ideológica, o futebol pode constituir um meio de integração social, de justificação da realidade sociopolítica e mesmo de dissimulação das deficiências da sociedade na qual ele funciona” (Costa, 1992:106). Para além disso, a questão da fatalidade e da valorização da *sorte* é algo que justifica a importância do futebol nas sociedades contemporâneas onde se entende que o mérito, só por si, não chega para que se consiga determinados objetivos – a sorte faz com que uma bola não entre porque desviou na relva, bateu num adversário ou outro qualquer ato

aleatório que alterou o destino do jogo e muitas vezes de um campeonato. Podemos então estabelecer um termo comparativo com a vida quotidiana, onde a *sorte* é regularmente utilizada para desculpar o insucesso ou os erros.

Apesar disso, também no desporto há falhas, à semelhança do que acontece na sociedade. Estas falhas são retratadas e visíveis em fenómenos como o holiganismo (comportamento caracterizado por violência e destruição de bens ou equipamentos públicos, especialmente durante ou após jogos de futebol). “Além disso, na medida em que a sociedade não consegue gerir um certo número de problemas importantes, o futebol vê-se igualmente ameaçado pela violência física. O holiganismo é disso uma prova irrefutável. Quando uma sociedade consegue regular os seus conflitos sociais, não só no que diz respeito às maiorias, mas também no que se refere aos casos marginais, a violência é mais facilmente afastada e, a nível do futebol, ela será apenas ritualizada.” (Costa, 1992:105). Para além do holiganismo, estas falhas estão também visíveis em situações como o *doping* e a manipulação de resultados, sendo que estes fenómenos resultam da excessiva mercantilização do desporto, levando assim a que possamos falar de situações de perda da essência do desporto, alienação dos participantes num dado desporto sendo que estas situações podem levar a que haja uma implosão, de determinados meios dentro do desporto no geral – como grande exemplo disso temos a desconfiança permanente sobre desportos como o ciclismo ou o atletismo. Isto faz com que o objetivo de cada praticante seja sempre atingir a melhor performance possível e vencer - seja a que custo for, mesmo que seja por vias ilegais - e por outro lado, os lucros elevados que os meios ilegais podem oferecer face aos baixos rendimentos que o desporto oferece em divisões inferiores ou desportos que não o futebol, levam a que haja quem se *venda* e se ponha em causa a veracidade e a essência do desporto devido a obterem grandes pagamentos por quem detém elaborados esquemas de, por exemplo, apostas desportivas. Uma outra falha que podemos apontar, prende-se com o facto de haver um sistema de justiça “injusto” onde nem sempre os melhores vencem e onde os erros dos árbitros e das estruturas organizativas (que tendem, na contemporaneidade, a serem cada vez mais diminutos) transmitem uma situação de injustiça e de revolta junto dos atletas e dos adeptos.

Dunning, fazendo uma referência a Durkheim, apontando-lhe falhas na sua análise acerca do desporto e da sua análise num dado contexto social “(..) a sua análise possui uma lacuna fundamental, que deriva da sua incapacidade de reconhecer que a interdependência funcional ou divisão do trabalho não conduz, necessariamente, a uma integração harmoniosa e cooperativa, mas antes, mesmo nas suas formas «normais», ao conflito e ao antagonismo” (Elias e Dunning, 1992:319). Elias surge com uma nova ideia neste ponto relacionado com “A industrialização e o desenvolvimento de formas de desporto orientadas para os resultados”, começando por falar sobre a industrialização e das consequências da mesma, afirmando que “(...) um dos aspetos mais significativos, sob o ponto de vista sociológico, desta transformação social total consiste na emergência de «cadeias de interdependência» mais extensas e mais diferenciadas, isto é, envolvendo a emergência de maior especialização funcional e a integração de grupos diferenciados, a partir das suas funções, no quadro de redes mais vastas.” (Elias e Dunning, 1992:319). Ou seja, discorda de Durkheim, desde a sua ideia inicial sobre este tema, assumindo assim uma posição contraditória. Isto irá depois refletir-se na análise que Elias faz sobre a sociedade e o desporto, pois apresenta noções, conceitos e relações entre conceitos mais adequados à área em estudo, algo que Durkheim não conseguiu ter. Neste ponto, Dunning acaba por fazer uma equiparação entre as equipas e os grupos existentes na sociedade com as devidas ressalvas, utilizando para isso os conceitos e a teoria de Elias, construída anteriormente. Ou seja, considera que o desporto pode ser equiparado com uma sociedade, sendo as equipas vistas como grupos sociais – tal como as classes sociais ou as profissões são numa sociedade – sendo que o meio desportivo é dependente do contexto socio espacial onde decorre.

Elias e Dunning tentam também encontrar explicação para o aumento da importância do desporto nas sociedades, e são apontadas três razões *macro* para este fenómeno:

- O desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de excitação agradável;
- A transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva;

- A emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas.

Segundo Elias e Dunning (1992), o desporto é vivido de forma semelhante à religião devido ao declínio da importância da mesma nas sociedades contemporâneas. Esta análise, apesar de se poder considerar um pouco excessiva, representa aquilo que sucede no meio social, referindo os autores que o desporto pode ser visto como a religião secular da contemporaneidade.

Podemos então afirmar que a alteração da essência do meio desportivo está diretamente relacionada com a pressão social decorrente das constantes expectativas de êxito e da ambição.

Assim sendo, os autores defendem que, apesar do aumento da importância do desporto, isso leva também, associado à pressão inerente à necessidade de resultados, ao desaparecimento do fator jogo e leva a que a ganância e a obtenção de resultados assumam um papel maior e mais evidente na prática desportiva, havendo assim uma alteração na essência destas práticas.

Por seu lado, Gunther Luchen (1979; 1984; 1991, cit. por Marivoet, 1997) defende que o desporto enquanto campo numa determinada sociedade, pode ser equiparado ou complementar até do sistema de ensino no sentido em que é um meio de ascensão social, por via do talento, mas também, e essencialmente, pelo trabalho e pela dedicação, capacidades que são também elas necessárias para o sucesso no meio escolar. No entanto, o autor refere igualmente o desporto como um meio para se esbater as diferenças sociais, algo que, no desporto contemporâneo se torna cada vez mais difícil, resultado da passagem para um sistema desportivo que se preocupa cada mais com o lucro e com a vertente económica e menos com o talento e com a *pureza* do desporto. A existência na contemporaneidade de grandes empresas de agenciamento de todos os atores sociais envolvidos no mundo desportivo (jogadores, treinadores, diretores), a postura adotada por uma larga maioria dos clubes que se preocupa em valorizar os seus ativos (isto é, jogadores) para os vender com uma grande margem de lucro ao invés de se focar exclusivamente no sucesso desportivo, vem demonstrar que a ideia de Luchen (1991) tem vindo a perder alguma força visto que atualmente, ter um

alto capital social e cultural pode ser mais determinante do que as capacidades físicas e técnicas para um dado desporto. Para além disso, considero que para tal ideia ser totalmente adequada às sociedades atuais o acesso aos diferentes subsistemas desportivos (entenda-se, qualquer desporto) teria que ser mais igual e com as mesmas oportunidades para todos e não estar sujeito ao nível que cada indivíduo tem, relativamente ao capital social, cultural e económico.

1.3.O caso mais específico do Futebol

Nas sociedades ocidentais contemporâneas o desporto que reúne um maior número de praticantes e que, conseqüentemente move mais pessoas e capital é o futebol, podendo aqui incluir-se o futsal e o futebol-praia. Pegando nas ideias vinculadas no ponto anterior e entendendo o futebol como um reflexo das sociedades onde é praticado, considero que se pode evidenciar três tipos de países que se diferem entre si: o primeiro grupo será constituído pelos países do Reino Unido e pela Alemanha onde assistimos ao acompanhamento permanente dos adeptos às suas equipas, registando-se médias de espetadores muito acima do normal – num estudo realizado pela *Pluri Consultoria*, dos cem clubes com maiores assistências anuais, 23 são clubes alemães e 18 são ingleses sendo que há registos de clubes que têm o estádio lotado em todos os jogos que realizam no seu estádio -, e onde há o esforço, por parte das entidades responsáveis em equilibrar os campeonatos com uma forte redistribuição dos rendimentos provenientes das receitas televisas, por exemplo. A este nível, e segundo a regulamentação existente em Inglaterra, metade das receitas televisivas angariadas são distribuídas de maneira equitativa pelos vinte clubes da *Premier League*. Para além disso, a organização da Liga investe mais de 200 milhões de euros em apoios a clubes dos escalões secundário e mais 200 milhões para serem investidos em infraestruturas, tudo para que possa manter e aumentar a competitividade do futebol inglês. Segundo declarações do diretor-executivo da Liga, o último classificado da Liga Inglesa, financeiramente, vale mais que o campeão holandês. Podemos atribuir razões de ordem histórica para o sucesso do futebol nestes países, após terem enfrentado, em especial a Inglaterra, uma onda de *hooliganismo* que conseguiu superar. São neste países, onde o futebol se aproxima mais daquilo que era a sua génese, a nível europeu.

Pegando nesta ideia de desporto puro, entramos com o segundo grupo de países: os países sul-americanos onde a emoção do desporto está mais presente que em qualquer outra parte do mundo. Esta emotividade sobrepõe-se aos interesses económicos mas também, algumas vezes, à racionalidade – seja dentro de campo, falando estritamente em aspetos técnico-táticos do jogo, como fora dele com episódios de violência que muitas vezes se propagam para dentro de campo. A nível institucional, há ainda uma grande dificuldade em contornar e dar resposta a estes problemas.

O terceiro grupo de países, diz respeito a países como Portugal, França, Itália ou países de leste onde a cultura de massas apenas se verifica nos jogos onde participam os clubes de topo de cada país e onde as instituições não conseguem suplementar-se face aos interesses económicos havendo por isso diversos casos de corrupção registados nesses países, estádios vazios, clubes que desaparecem fruto da falta de apoio – seja de adeptos, seja a nível de apoio institucional para evitar o desaparecimento dessas instituições (em Portugal, podemos falar do caso do Campomaiorense, Estrela da Amadora ou Alverca).

O futebol é o desporto mais praticado em Portugal, sendo que representa, relativamente ao número total de atletas federados, cerca de 30% de todos os desportos (segundo dados do IPDJ). Isto demonstra a importância do futebol dentro do desporto no panorama nacional, e o número de praticantes, a nível federado (mais de 158 mil atletas) mostra o impacto que tem numa sociedade, em particular se encararmos o desporto como a maneira de escape e de aliviar a tensão que a rotina quotidiana produz nos indivíduos, ideia defendida por Norbert Elias.

O futebol pode ser visto como um ritual, ideia justificada por Bromberger (1995) por haver um conjunto de estruturas semelhantes entre o futebol e a religião nomeadamente a pertença grupal que ambos fornecem aos indivíduos e a crença que os indivíduos têm, quer no futebol quer na religião. Para além disso há uma sacralização do Estádio de futebol representada pelo facto de não se treinar no estádio para se proteger as suas condições mas também na distribuição dos lugares onde nas bancadas centrais se encontram os camarotes presidenciais e os lugares reservados para sócios, ficando as bancadas atrás das balizas normalmente para as claques da equipa visitada, enquanto

que as claques visitantes ficam normalmente remetidas para um segundo anel, regularmente, num canto do estádio.

O desporto e o futebol podem ser encarados como uma forma de atenuar barreiras culturais e sociais na medida em que a linguagem neles implícita é algo universal, em particular no futebol, o objetivo é o mesmo em qualquer parte do mundo: superar a equipa adversária, marcando mais golos que o adversário. Nesse sentido, e fazendo a ligação entre desporto e cultura, Vanessa Claro afirma que “o desporto é, porventura, hoje, a forma mais popular de participação cultural, o domínio mais universal da cultura e, dessa forma, anula barreiras culturais como a língua, a religião, as fronteiras geográficas, ou até as manifestações de nacionalismo.” (Claro, 2016:14).

Tendo como referência o tema desta dissertação, podemos então estabelecer as devidas comparações entre aquilo que é, enquanto fenómeno social, o futebol e o futebol de praia: o futebol de praia acaba por ser a variante do futebol que mais perto se encontra de um espetáculo por tudo aquilo que o envolve - o facto de se jogar, maioritariamente na praia, sempre com música durante os jogos e acompanhado de diversas animações. É também a vertente do futebol onde os fatores económicos menos impacto têm, tornando-o num desporto mais *puro*. Isso também acarreta algumas dificuldades para quem o pratica, mas ao longo do trabalho isso será abordado mais a fundo. Há, no entanto, um forte sentimento de comunidade entre os praticantes da modalidade que advém do ambiente positivo que a modalidade tem associada mas também pelo facto de haver uma grande circulação de jogadores (isto é, um jogador pode representar vários clubes durante o ano, desde que, em países diferentes, o que faz com que a ligação entre os jogadores seja grande, pelos momentos que são partilhados, quer nos diversos campeonatos, quer também a representar a seleção nacional). O futebol de praia é mais do que desporto, é desporto, é espetáculo, é festa, é comunidade e é também o expoente máximo do *Fair Play*.

2.As identidades desportivas

2.1. Instabilidade identitária na contemporaneidade

A identidade, seja ela individual ou grupal, está sempre relacionada com os processos de socialização que envolvem os atores sociais. Esta socialização, seja primária, ou secundária, tem um forte impacto nos processos identitários exercendo sobre eles uma influência considerável, visto que é através dos diversos tipos de socialização que os indivíduos tomam consciência do meio social em que estão inseridos. A socialização será um dos temas em análise neste trabalho, pois é através dela que se consegue a criação e a manutenção de uma comunidade relativamente aberta e em constante crescimento e mutação.

Relativamente aos processos identitários, importa desde já fazer referência a dois tipos de processos identitários: individuais e sociais, sendo que os primeiros dizem respeito à constituição da identidade do indivíduo enquanto os segundos decorrem em contexto grupal ou societal. No entanto não se pode falar de algum deles de forma isolada e independente, pois há influência direta e mútua de ambos e a barreira entre eles é muito ténue. Podemos então definir os processos identitários individuais como dizendo respeito à imagem que o ator social tem de si mesmo enquanto os processos identitários sociais relacionam-se com a forma como um determinado grupo social se identifica e se demarca dos restantes grupos e meios sociais. Sobre isto, importa abordar a temática da “Identidade nós-eu” referida por Elias (1987), onde o autor defende que as identidades individuais estão *presas* às identidades coletivas devido à pressão que as segundas exercem nas primeiras, contudo as identidades individuais continuam a ser independentes.

Segundo Madureira Pinto (1991), a produção de identidades sociais implica dois processos simultâneos: um primeiro onde os indivíduos se integram em grupos mais vastos, de pertença, fundindo-se de modo tendencial (*processo de identificação*) e um segundo, onde os autores se tendem a distanciar socialmente dos outros, marcando a sua imagem e identidade própria, fixando fronteiras (*processo de identização*). Falamos então de um duplo processo de inclusão e exclusão em simultâneo que irá fazer com que os grupos de vão alterando, passando a representar melhor quem faz parte deles.

Para abordar os processos identitários, considero importante fazer uma contextualização histórica daquilo que tem sido estudado, sobre este objeto teórico. Com a globalização e todas as alterações socioeconómicas que se verificaram nas últimas décadas, podemos afirmar que, segundo Dubar (2006), atualmente, vivemos numa forte crise identitária por via das mudanças que foram surgindo nos meios sociais – “Ora, toda a mudança é geradora de “pequenas-crisis”: é necessário um “trabalho sobre si”, uma modificação de certos hábitos, uma perturbação das rotinas anteriores” (Dubar, 2006:143) - que mais contribuíam para a constituição de uma identidade, fosse ela individual ou coletiva: o trabalho, a família, a religião e o meio político.

Analisando cada um separadamente, ao nível das alterações no meio do trabalho, assistimos hoje a uma forte fragmentação dos empregos e à perda da estabilidade que anteriormente este meio permitia um indivíduo ter. Isto deve-se, em larga escala, à recomposição dos ciclos de vida profissional e à alteração daquilo que é tido como expetável. Serão diminutos, os indivíduos que atualmente conseguem manter um mesmo emprego ao longo de toda a sua vida, havendo por isso momentos em que a instabilidade se irá apoderar dos indivíduos e com isso, haver uma crise identitária ao perder-se aquilo que é um elemento estruturante da vida social de um indivíduo.

Relativamente à família, podemos registar dois fatores-chave que influenciam esta instabilidade identitária: a emancipação da mulher e a instabilidade das relações. A emancipação da mulher porque vai alterar toda uma série de dinâmicas sociais, nas mais diversas esferas do quotidiano (desde o emprego, à vida familiar, ou à situação económica). Já a instabilidade das relações, faz com que os atores sociais possam se ver privados de uma parte importante da sua identidade individual com o término de uma relação e por isso, entrarem também num processo de crise identitária.

Em relação à religião, o processo de secularização que se verifica nas sociedades contemporâneas, faz com que a mesma se torne em mais um elemento estruturante para a instabilidade identitária atual. A religião foi, no passado, uma das bases nos processos identitários, em particular no interior do país. Com a perda de importância da religião no quotidiano, há mais uma alteração significativa face ao que eram os processos identitários, o que deixa, mais uma vez, os atores sociais algo perdidos e num estado de *anomia identitária*. A diminuição da participação política pode ser analisada como

causa e consequência dos processos já referidos, tendo em conta as alterações que os indivíduos têm no seu quotidiano e nos processos identitários individuais e coletivos, levam a que haja um desinteresse por determinadas áreas. Esta falta de participação política leva a que haja, posteriormente, uma perda no sentido de comunidade e de pertença grupal, com o afastamento nas tomadas de decisão público-políticas.

Um excelente exemplo daquilo que são as crises identitárias e as alterações que estas provocam, prende-se com as identidades locais que hoje parecem surgir com cada vez mais força, mas é algo ilusório (efeito dos *media*), já que com a constante internacionalização sociocultural, estas identidades têm vindo a perder importância e essência, havendo, então, uma falta de identificação face a uma excessiva padronização dos diversos meios sociais. Ao falar-se destas crises, importa também avançar com uma explicação do porquê de as mesmas serem identitárias. Segundo Dubar (2006), estas crises são identitárias por perturbarem a imagem que um dado ator tem de si mesmo, alterando assim a estima e a própria definição da sua pessoa.

Para se falar de processos identitários, importa também falar de identidades e defini-las. A identidade pessoal é uma “(...) construção sempre frágil e inacabada que é a construção de um sujeito mergulhado numa forma social de dominante “societária”” (Dubar, 2006:141). Esta definição leva a que possamos afirmar que existe uma certa pressão da sociedade sobre os indivíduos, pressão essa, que aliada a um certo estado de anomia – provocado pelas alterações apresentadas anteriormente-, leva a que se atinja as crises de identidade pessoal, manifestadas pelas depressões: “A depressão transformou-se o exemplo mais comum das crises de identidade pessoal” (Dubar, 2006:142)

Concluindo então este subcapítulo, importa ter em conta o conceito de *Homem Plural* (Lahire, 2002) para que se compreenda a influência que a prática desportiva e o meio desportivo têm na socialização do indivíduo e respetiva construção identitária. Lahire defende que a pertença a diversos meios sociais tem consigo aliado tipos de socialização diversos e específicos consoante o campo em que ocorrem, afirmando, porém, que a socialização primária é a que tem maior impacto na construção identitária de um indivíduo por haver aí uma dependência socio-afetiva face aos familiares que partilham o meio social com o ator social. Durante a socialização secundária, o indivíduo insere-se numa série de outros meios sociais, estruturados e onde decorrem,

constantemente, lutas pelo poder e por lugares cimeiros na hierarquia social do meio em questão.

Lahire entende então que a identidade de um indivíduo não é mais que a soma das suas vivências, nos diversos meios sociais em que o mesmo esteve inserido até ao presente. Entende ao mesmo tempo que o indivíduo vai desempenhando diversos papéis consoante os diversos meios em que está inserindo, dando então a ideia de que cada ator social é um ator plural “(...), portanto, produto da experiência - amiude precoce- de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. No curso de sua trajetória ou simultaneamente no curso de um mesmo período de tempo, participou de universos sociais variados, ocupando aí posições diferentes” (Lahire, 2002:36).

2.2. O desporto como elemento identitário estruturante

O desporto é um dos fenómenos sociais que ganha destaque nos últimos anos devido, também, para a importância que ganha nos processos identitários. O desporto fornece aos indivíduos, desde sempre, um sentimento de pertença grupal e de ilusão de êxito, contudo, isso apenas o foi reconhecido na contemporaneidade. Tal facto, aliado aos fatores apresentados no subcapítulo anterior faz com o desporto passe a ter um grande impacto na constituição de identidades. Os níveis de prática desportiva atingem os valores mais elevados na história devido, também, ao fomento da prática desportiva por parte das Instituições Oficiais, por ser um meio benéfico para a saúde - seja ela física ou psicológica -, para além de ser um meio social que pode trazer diversos benefícios aos atores sociais que nele estão inseridos: alargamento das redes de contato, procura de objetivos comuns, sentimento de pertença grupal, integração social e até de atenuação de desigualdades sociais. Para além disso, como defende Elias (1992), o desporto traz consigo uma libertação do corpo e da mente graças à procura incessante do êxito enquanto se tem benefícios físicos. Para além de tudo isto, o desporto permite também aos indivíduos que haja uma valorização pessoal por via do desporto, através das conquistas ou dos exemplos que se passam aos mais novos.

O desporto tem vindo, ao longo do tempo, a aumentar a sua importância nas sociedades contemporâneas, seja pelo aumento no número de praticantes, adeptos ou pela influência que exerce sobre os indivíduos. Na sua génese, o desporto começou a ser

pensado politicamente aquando da percepção de que seria uma “(...) forma extremamente económica de mobilizar, ocupar e controlar as massas (sobretudo a juventude)” (Lopes, 2014:176), primeiramente nas escolas públicas inglesas, sendo que foi, progressivamente, expandindo-se e globalizando-se esta ideia. Para além de concentrar um grande número de pessoas num espaço limitado, o que facilita o seu controlo, permite também que os praticantes libertem a sua agressividade entre eles e que possam, assim, diminuir os casos de violência nas sociedades.

Inerente à prática desportiva, há que ter em atenção um conceito importante, seja a nível desportivo, social ou individual: o *Fair Play*. Segundo Lopes (2014), e tendo por base as ideias bourdianas, este é um conceito revelador da existência da filosofia política no desporto, enquanto a postura em relação ao mesmo é reveladora das desigualdades sociais representadas na prática desportiva: o conceito surge em Inglaterra, no seio das classes dominantes, definindo-se como, apesar da busca constante pela vitória, um conjunto de valores como a justiça, respeito (pelo jogo, regras e adversários) e solidariedade. No entanto, a ideia de que as classes trabalhadoras ou desfavorecidas procuram a vitória a todo o custo, surgiu e permaneceu até hoje, com alguns ajustes: o *fair play* é sempre mais fácil de defender, quando estamos na posição de vencedor de determinado desporto. Podemos então concluir com a ideia de Bourdieu (1997) de que a relação de um indivíduo com o desporto está dependente da relação que a fração de classe social em que o ator social se encontra tem com o corpo e sobre o modo como o usa, sendo que as funções e significados sociais são variáveis consoante as diversas frações de classe. As classes sociais privilegiadas encaram o corpo como um fim em si mesmo, já para as classes trabalhadores o corpo é tido como um instrumento.

Continuando com a linha de pensamento Bourdiana, podemos também analisar a questão do gosto associado ao desporto. Bourdieu encara o gosto como algo assimilado e incorporado socialmente ao longo do trajeto individual de cada indivíduo, sendo também tido como diferenciador hierarquizado das pessoas, isto é, o gosto varia consoante a posição que a pessoa ocupa na estrutura hierarquizada de uma dada sociedade. Estas dinâmicas podem ser observadas no desporto, mas não em todos. *Desportos de elite* como o críquete, o ténis, o golf ou a quase totalidade de desportos de inverno, são praticados, em larga maioria por indivíduos de classes sociais elevadas, que

encaram o gosto por estes desportos como algo distintivo e marcante na sua posição de classe. Este tipo de desportos podem ser assim definidos devido, não tanto ao gosto, mas sim aos custos inerentes à sua prática que leva a que a maioria da população não tenha acesso aos mesmos, não podendo sequer afirmar se tem ou não gosto, devido à falta de acessibilidade destes desportos. Por sua vez, os desportos que podem ser tipificados como *desporto de elites* só o são até que haja uma globalização da sua prática, porque “(...) logo que uma prática se difunde, perde o seu valor distintivo.” (Bonnevitz. 2005:108). Isto leva, então, a que sejam as classes dominantes a definir o que são os desportos mais *corretos* ou *legítimos*, devido ao domínio que exercem sobre as opiniões públicas e políticas (a exemplo disso, a construção em massas de campos de ténis ou de piscinas). A teoria de Bourdieu esbarra, porém, em desportos globalizados, como o futebol, onde há adeptos de todas as frações sociais, podendo isso ser observado nos diferentes lugares de onde observam um jogo, mas, havendo, atualmente, uma forte contestação por parte das claques, tidas como sendo pertencentes às classes sociais mais baixas, contra o modelo burguês de adepto, que assiste aos jogos no camarote ou nos lugares mais caros do estádio, não manifestando o seu apoio à sua equipa e tirando a essência daquilo que é o futebol, enquanto espetáculo desportivo.

Toda esta temática leva-nos a questionar a importância que a hierarquização social assume para com a constituição das identidades dos indivíduos através do meio desportivo. Tendo em conta que são as classes dominantes que influenciam fortemente o gosto dentro das demais frações de classe, tendo isso repercussões a nível intra e interclassista, mas também a nível político, quer nas tomadas de decisão sobre investimentos desportivos, quer na regulamentação relativa aos adeptos (por exemplo, a proibição por parte de alguns clubes, das claques organizadas, tidas como sendo compostas por elementos de classes mais baixas), podemos então afirmar que o desporto, através da temática do gosto, pode ser visto como reprodutor das desigualdades sociais. Porém, há uma outra vertente do desporto onde é possível constatar que também pode ser visto como meio de ascensão social. Com diversos trabalhos sobre esta temática, podemos afirmar que, nos desportos que estão mais acessíveis à totalidade dos indivíduos, se verifica que existe uma ascensão social por via da prática profissionalizada do desporto, apesar de todas as dificuldades inerentes a este processo.

Falando na distinção entre desportos elitizados e não elitizados, e tendo em conta aquilo que já foi referido, considero que se pode encarar esta divisão tendo por base o fato de se tratar de desportos coletivos ou individuais. A esmagadora maioria dos desportos elitizados trata-se de desportos individuais, com elevados custos inerentes à sua prática, onde a sua prática é restrita devido à escassez de recursos à disposição (de forma gratuita) da população. Os processos identitários neste tipo de desportos dão-se essencialmente por via intraclassista ao manifestar-se um gosto requintado e que pode ser visto como distintivo do resto da população. As ideias de pertença grupal, conquista e glória e trabalho em equipa estão diluídos e pouco presentes. São desportos onde o corpo é visto como sendo um fim e onde a glória é individual e não partilhada. Podemos então afirmar que se trata de processos identitários macrosociais por ser o gosto determinado pela fração de classe que influencia a prática desportiva.

Em relação aos desportos coletivos, com acesso globalizado na sua maioria, encontraremos fenómenos diferentes daqueles que foram apresentados anteriormente. É certo que, que a posição ocupada na estrutura social influencia o sucesso desportivo e as oportunidades que possam surgir, mas isto deve-se ao capital social dos indivíduos e não tanto ao capital económico, isto é, são as relações sociais que se estabelecem fora do meio desportivo que podem vir a alargar horizontes e não o fato de se ter capacidade económica ou financeira para ter melhores condições que trazem o sucesso. Temos diversos exemplos disso na história do desporto, sejam elas vitórias coletivas (o título conquistado recentemente pelo Leicester na Liga Inglesa de futebol) ou sucessos individuais (sendo o caso de Cristiano Ronaldo o mais conhecido). Inerente a este tipo de desportos, temos sempre as ideias apresentadas ao longo do primeiro capítulo, sobre a ilusão da glória, o sentimento de conquista e de sucesso que fazem com que sejam altamente populares e que o número de praticantes aumente de ano para ano, não só devido aos benefícios que trazem do ponto de vista físico e biológico, mas também ao nível social. Neste aspeto, podemos então afirmar que as dinâmicas sociais criadas nos desportos coletivos irão produzir uma série de processos identitários, quer coletivos quer individuais, por via da socialização e dos sentimentos de comunidade e de pertença grupal que trazem inerentes a si. Podemos então falar de processos identitários microsociais por surgirem através da interação entre indivíduos e da partilha que daí decorre, havendo processos de influência entre eles, mas não de uma super estrutura

social. São os indivíduos que formam e determinam o tipo de grupo existente, assim como as suas vontades e objetivos específicos e não o oposto.

2.3. A Identidade coletiva no futebol de praia

O futebol de praia enquadra-se na tipologia dos desportos coletivos, globalizados e com uma acessibilidade relativamente fácil. Porém, devido à não-mercantilização deste desporto, nem sempre é fácil gerir os custos por parte da grande maioria dos clubes e atletas. No entanto, e muito devido ao espírito e à solidariedade que envolve este desporto, estas dificuldades são superadas. O futebol de praia enquadra-se também na categoria do desporto-espetáculo pois tem inerente a si uma série de atividades e condições que vão muito para além de um simples desporto competitivo.

O surgimento da identidade coletiva do futebol acaba por surgir como resultado da evolução do mesmo e das suas condições endógenas. O fato de um jogador poder representar diversos clubes ao longo de um ano é a primeira que apresento. Ao se representar diversas entidades, terá, necessariamente, diversos grupos de trabalho, e num país poderá ter alguém como colega que noutro país era adversário, o que acaba por contribuir para um bom ambiente que envolve a modalidade. Contribui também para o conhecimento mútuo entre uma grande parte dos agentes envolvidos. O segundo fator está relacionado com o ambiente envolvente e com o contexto histórico da modalidade. O clima de festa e animação que se vive em torno dos jogos e/ou competições faz com que a agressividade em campo seja controlada e que a vertente mais artística do desporto surja. Este ambiente é proporcionado pela música constante, atividades de animação, mas também pelo facto deste desporto se realizar na sua maioria em zonas balneares onde pairam sentimentos inerentes à boa disposição e ao relaxamento dos indivíduos. A terceira condição endógena está relacionada com a não-mercantilização do desporto. Deste modo, a essência do desporto não é adulterada em torno dos desejos ou vontades de um mercado que envolva o desporto (o que acontece no futebol e que foi abordado ao longo do primeiro capítulo). Contudo este facto traz consigo uma consequência negativa: a incapacidade por parte da maioria dos clubes em suportar as despesas dos atletas, não podendo, para já, pagar pelos serviços dos jogadores – isto, tendo em conta o panorama nacional. A nível internacional, já há países e clubes a investirem no futebol de praia e nas estruturas (o caso da Rússia é um

dos maiores exemplos com a construção de campos *indoor* para tornar a prática possível naquele país), conseguindo, desta maneira, aumentar a competitividade e a qualidade dos diversos campeonatos, não apenas usufruindo da qualidade dos melhores jogadores de outras nacionalidades, mas aproveitando também as partilhas de experiências e dos diversos modelos em torno de um só objetivo: melhorar as condições deste desporto.

Esta identidade coletiva em torno do futebol de praia, envolve não só os jogadores, como os treinadores, dirigentes, alguns clubes que se destinam em exclusivo à prática deste desporto, mas também os adeptos e todos aqueles que contribuem para a animação envolvente (*speakers, cheedleaders*, animadores de bancada). Esta identidade tem vindo a alterar-se. Se optarmos por uma abordagem histórica, o futebol de praia começa a surgir em Portugal no final dos anos 90, início dos anos 2000, sendo que a grande maioria dos praticantes eram jogadores profissionais de futebol, em fim de carreira ou jogadores de divisões secundárias que jogavam futebol de praia nas férias, para se divertirem e manter a forma física. Ao longo das últimas duas décadas o desporto foi alterando-se e tornando-se cada vez mais exigente e aos poucos, começaram a surgir jogadores que jogavam apenas futebol de praia e que se destacavam pela qualidade evidenciada (os casos incontornáveis de Madjer e Belchior têm que ser referidos). O futebol de praia era, no seu surgimento, um desporto algo elitizado e praticado, quase na sua maioria, por jogadores acima dos trinta anos, e num núcleo muito restrito de pessoas, na sua maioria dentro de grupos de amigos. Com o avançar dos anos, e com a divulgação que ia sendo feita através da transmissão televisa de algumas das maiores competições mas também, da organização, no nosso país, de diversos Mundialitos (primeiramente na Figueira da Foz, passando depois para Portimão, tendo sido disputado em Carcavelos e Espinho mais recentemente), começou a haver uma maior abertura do desporto, também devido ao facto de a Federação Portuguesa de Futebol ter começado a organizar de forma mais efetiva as seleções, e mais recentemente os campeonatos nacionais.

Neste momento, há uma boa parte dos jogadores que se dedicam apenas ao futebol de praia, apesar de apenas haver competição nacional entre os meses de maio e setembro, praticando futebol ou futsal durante o resto do ano para manter a forma física. O futebol de praia começa a ser visto não como opção mas sim como uma prioridade

para a maioria dos seus praticantes algo que tem trazido resultados concretos para o nosso país. Esta alteração de mentalidade, associada a uma boa organização por parte da FPF que vai rentabilizando a qualidade existente em Portugal, fez com a nossa seleção se tornasse Campeã Mundial em 2015, num Campeonato Mundial organizado em Espinho, tendo sido considerado, na comunidade internacional, como a melhor organização de sempre de uma grande competição de futebol de praia.

Passando agora para a definição daquilo que caracteriza esta identidade coletiva, na contemporaneidade, podemos utilizar dois termos-chave relativo ao que é a identidade de outros desportos: *Fair Play* e solidariedade. Por não haver, para já, uma hierarquização classista firmada dentro do futebol de praia, associada aos argumentos já apresentados, permite que o bom ambiente que se vive em torno do desporto, se viva também dentro de campo. O *Fair Play* acaba por ser uma das imagens fortes do futebol de praia devido também ao *marketing* presente na modalidade para esse efeito. A solidariedade surge de duas formas: interna e externamente. Internamente pode ser constatada através, mais uma vez, do bom ambiente que envolve todas as competições, mas também, através do facto de uma parte dos jogadores, aquando da não existência de competições, isto é, fora do período competitivo (de Outubro a Abril), acabam por treinar juntos, apesar de nenhuma, ou quase nenhuma equipa estar a treinar, treinando juntos para que se possa aumentar o nível do futebol de praia em Portugal, mesmo que jogadores que se defrontam várias vezes por ano, treinem juntos. Fora de campo, esta solidariedade é algo social, através de ações que visam o benefício das populações e povoações que recebem as grandes competições. Ações de limpeza do areal, do fundo do mar ou a realização de ações de formação com crianças de meios desfavorecidos ou com algum tipo de deficiência são atividades recorrentes aquando da realização de grandes torneios para que o futebol de praia chegue mais facilmente às pessoas mas que também lhes tragas benefícios, não só aos indivíduos, mas a todo o meio social envolvente. Se olharmos a um nível mais macro, importa também registar as diversas ações de formação que são feitas em países que se iniciaram tardiamente no futebol de praia, afim de, através da experiência dos jogadores e técnicos internacionais mais experientes adotarem a melhor estratégia para a evolução do desporto naquele país. Para além disso, a *Beach Soccer Worldwide*, uma entidade reconhecida pela FIFA como a responsável pela organização dos grandes torneios internacionais (quer de clubes, quer

de seleções) e como a maior responsável por fomentar o desenvolvimento do futebol de praia a nível mundial, tem na sua posse os “passes” dos maiores jogadores mundiais, pagando-lhes para que eles estejam presentes nas formações faladas anteriormente mas também para que esses mesmo jogadores – tidos como *embaixadores* do futebol de praia – participem em determinados torneios para que os mesmo possam ter uma maior visibilidade e também um nível competitivo mais elevado.

Podemos então dizer que o futebol de praia leva a que exista um desenvolvimento individual em três vertentes: desportiva, social e psicológica. Desportiva, se encararmos a vertente desportiva do futebol de praia, com modelos competitivos próprios, onde existem um conjunto de metodologias e técnicas com visto ao êxito desportivo. A parte social, relacionada com os benefícios que a realização dos grandes torneios, e não só, trazem às regiões onde são realizados, quer por receitas (diretas e indiretas), quer pelas ações de formação já referidas. A parte psicológica no sentido em que todos aqueles que estão agora a iniciar a modalidade, procurarão seguir os (bons) exemplos daqueles que têm marcado a modalidade, para além dos sentimentos de pertença grupal, quer micro (no sentido da equipa), quer meso (no sentido de estar ligado ao sucesso do país, de contribuir, por pouco que seja, ao crescimento da modalidade), mas também a um nível macro (comunidade de jogadores de futebol de praia a nível mundial, onde há um conhecimento entre uma grande maioria e onde todos procuram o mesmo: o crescimento da modalidade).

Existe também, a busca permanente pelo reconhecimento, seja ele interno através da vitória em torneios ou campeonatos nacionais, ou externo, no que diz respeito às vitórias da nossa seleção no estrangeiro ou até de equipas nacionais que disputam torneios internacionais (casos do CD Nacional, SC de Braga e Sporting CP). Para além disto, importa também referir que o futebol de praia, está, progressivamente, a ganhar a devida independência face ao futebol e ao próprio futsal, podendo, atualmente, estar a evoluir para um estádio semelhante ao que o futsal vai tendo nas sociedades contemporâneas o que traria um maior investimento, quer dos clubes, quer principalmente dos órgãos de decisão política e, entenda-se, das Federações Nacionais com vista a que deixe de ser, definitivamente, um desporto sazonal para passar a ser algo anual.

3. Pluralidade dos indivíduos e dos campos

Um dos pontos centrais deste trabalho, prende-se com a interpretação do indivíduo como um ser plural, estabelecendo, por isso mesmo, relação com diversos meios sociais, focando a análise num desses meios, mas também na interação deste com os restantes meios sociais fundamentais para a vida de um qualquer ator social. Importa então, referir que esta ligação entre os diversos meios sociais onde o indivíduo/jogador se insere, se baseia na ideia de Lahire (2002), do *homem plural*, isto é, que um indivíduo ao pertencer a diversos grupos sociais, com condicionantes próprias de cada grupo, irá agir de diferentes maneiras, perfazendo a ideia de que um só indivíduo acaba por ter identidades plurais, conforme o meio social que o rodeia. Desta forma, será importante apelar à reflexividade dos atores pertencentes ao público-alvo para conseguir compreender todas as dinâmicas que surgem neste meio social. Deste modo, tentarei então, utilizar o *retrato sociológico* como forma de compreender todas as dinâmicas inerentes aos diversos tipos de socialização neste meio. Procurarei, então, na construção do guião, “(...) perceber a forma como as disposições individuais se formam e encarnam nos diferentes papéis sociais do actor, nos múltiplos “mundos da vida”(...)” (Lopes, 2014:3).

O espaço onde decorrem todas estas interações entre os diversos meios existentes na vida de um indivíduo – o *espaço social* – é constituído por uma série de campos que serão definidos e delimitados por aqueles que neles se enquadrem, em determinados contextos espaço-temporais. Um mesmo indivíduo estará então, presente em diversos campos, sendo por isso o elo de ligação entre os diversos campos existentes. Estes campos são então dinâmicos e vão-se alterando consoante as mudanças que os elementos que nele se inserem sofrem também, são por isso, “produtos da história das suas posições fundamentais e das disposições que as beneficiam (Bourdieu, 2001)” (Claro, 2016:38). Podemos, então, encarar o indivíduo como corpo socializado e socializador em simultâneo pois é influenciado pelo meio social em que se insere (tal como nos campos a que pertence), mas é também ele que promove as dinâmicas de mudança que nele decorrem. Isto, “(...) reflecte no seu percurso a arquitectura invisível das forças sociais, desenvolvendo modos de relação consigo próprio e com os contextos e situações onde se move. Essa forma de produção de si incorpora os mais pesados

constrangimentos sociais e nada deve às teorias encantadas e ilusórias do livre-arbítrio.” (Lopes, 2012:11).

Focando em concreto no objeto de estudo deste trabalho, teremos que ter em atenção as dinâmicas existentes entre o campo do futebol de praia em particular mas também compreender as relações que se estabelecem com os diversos campos, começando logo por perceber qual a posição do futebol de praia no campo do desporto em geral e na sua relação com os desportos mais próximos, com destaque para o futebol e futsal. Então, e como defende Claro, “em suma, para compreender um desporto é preciso reconhecer a posição que ele preenche no campo dos desportos (Bourdieu, 1983)” (Claro, 2016:39)

4.História do futebol de praia

O futebol de praia surge, de maneira informal nos anos 30 do século XX, havendo registos para pequenos campeonatos disputados em praias brasileiras nos anos 60, sendo jogado por duas equipas de onze jogadores – não era mais que jogos de futebol de onze, na praia. Apenas em 1992 passou a ter regras próprias e a ser reconhecido como desporto, sendo que o primeiro torneio internacional de seleções se disputou no ano seguinte. No entanto, levou 12 anos a que fosse reconhecido pela entidade máxima do futebol mundial – FIFA-, sendo que o primeiro Campeonato do Mundo organizado por esta entidade data de 2004, realizado então na Praia de Copacabana, tendo a França vencido o torneio e tornando-se, por isso, a primeira Campeã Mundial de Futebol de Praia.

Em Portugal, o desenvolvimento da modalidade surgiu bem mais tarde. A seleção nacional desde o final do século passado que disputa competições internacionais, contudo esta seleção não era organizada pela Federação Portuguesa de Futebol mas sim por uma empresa especializada em desporto. Apenas em 2007 a seleção nacional passou a ser gerida pela FPF. A nível de seleções, importa também fazer referência a um dos torneios de maior prestígio ao nível de competição de seleções- o Mundialito. Este torneio disputa-se desde 1997, sempre em Portugal, entre 1997 e 2004 na Figueira da Foz, entre 2005 e 2012 na Praia da Rocha, em Portimão, seguindo-se uma edição em

Gaia (2013) e uma em Espinho (2014). Em 2015, o torneio não se realizou, tendo em 2016 e 2017 sido disputado na Praia de Carcavelos, em Cascais.

Ao nível do quadro competitivo nacional, apenas em 2010 houve um Campeonato Nacional organizado pela FPF, tendo, ao longo dos anos, sofrido diversas alterações e contando, desde 2015 com a existência de duas Divisões: Divisão de Elite (com 8 participantes) e o Campeonato Nacional (o número de participante varia, consoante as inscrições).

II - Metodologia

1. Objeto de estudo

O objeto empírico desta dissertação são todos os atores envolvidos com o futebol de praia e as relações estabelecidas entre si. Contudo, haverá um enfoque nos jogadores de equipas da Divisão de Elite (equivalente à primeira divisão), por ser a maior competição a nível nacional, a que mais se aproxima da profissionalização do futebol de praia e a que acaba por ter um impacto maior nas outras vertentes da vida dos indivíduos, procurando compreender as relações que estabelecem entre os diversos atores, mas também, a nível mais micro, na relação individual com a modalidade e no seu percurso neste meio socio-desportivo.

2. Questões de partida e objetivos:

A questão de partida desta dissertação prende-se com quais os processos identitários que ocorrem no meio socio-desportivo do futebol de praia, encarado como contexto relevante de socialização. Ao longo do trabalho, procura-se responder a esta questão, de forma mais ampla possível, abordando o máximo de parâmetros possíveis a fim de se compreender o fenómeno desportivo e festivo que é o futebol de praia, assim como os fatores e as consequências desta ocorrência social, quer a nível das construções identitárias individuais, quer na constituição de grupos ou até mesmo de uma comunidade associada a este desporto.

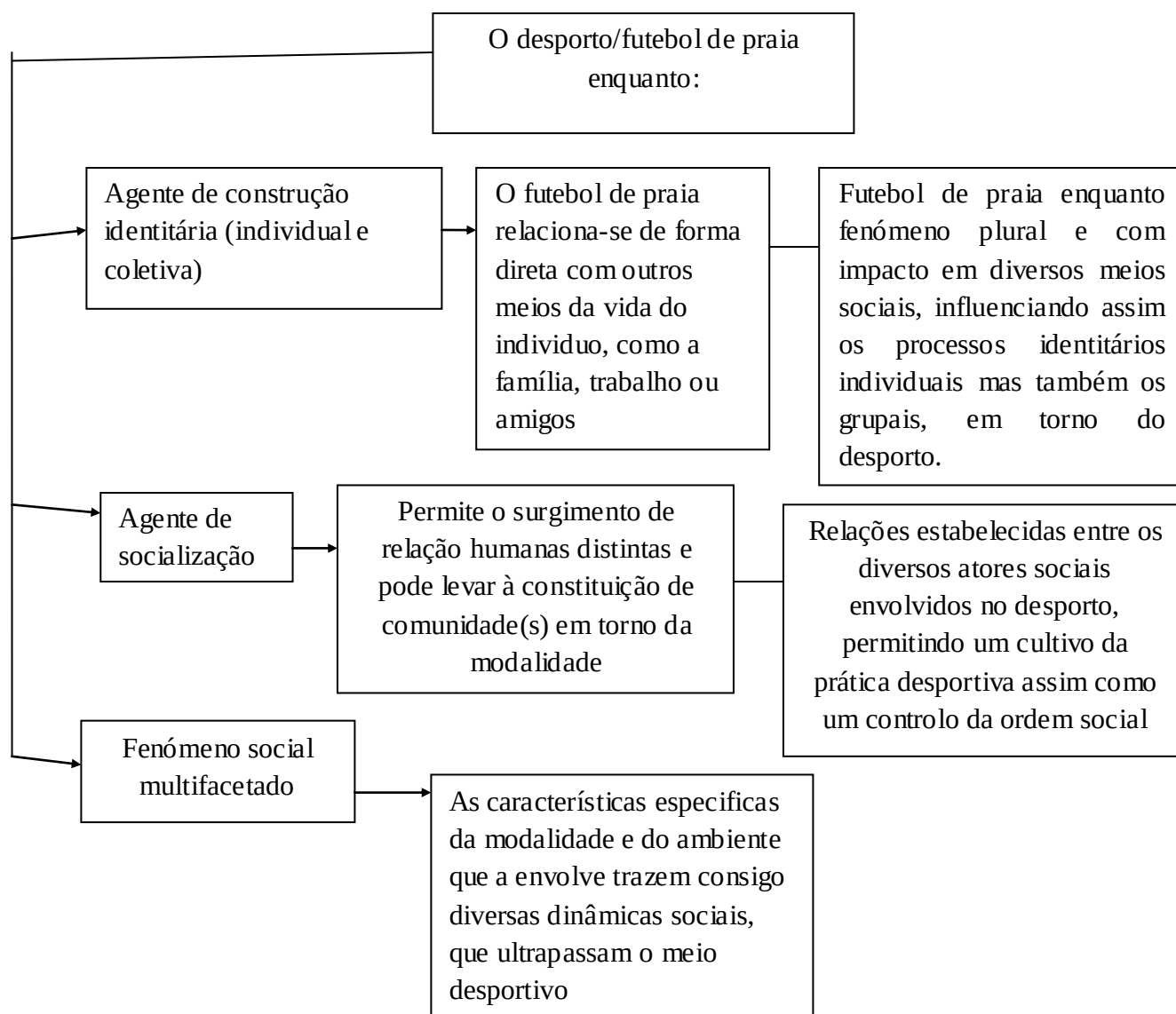
O objetivo primário desta dissertação é compreender de que modo ocorrem os processos identitários no futebol de praia. Para isso será necessário compreender as dinâmicas sociais, grupais e interpessoais que decorrem da pertença grupal e da prática desportiva, mas também ter em conta as diversas especificidades do desporto em análise, que vai para além daquilo que acontece dentro do campo desportivo.

Como objetivos secundários para este trabalho assume-se compreender o impacto do futebol de praia na identidade de um praticante da modalidade, assim como compreender até que ponto a socialização é importante para o início da prática desportiva e inserção neste meio social. Entendo que estes dois objetivos possam estar diretamente interligados pela influência que a socialização tem na construção

identitária. Para além destes dois objetivos, pretendo também perceber se existe uma comunidade em torno do futebol de praia, e não apenas um conjunto de praticantes da modalidade, isolados entre si ou agrupados apenas em equipas. Pretendo ainda entender e explicar quais as diferenças entre o futebol de praia e as duas modalidades mais próximas deste (futebol e futsal), tendo em conta que uma boa parte dos praticantes se iniciou numa destas modalidades.

3. Modelo de análise

Procurou-se construir um modelo de análise para que fosse mais fácil perceber e compreender as relações entre as dimensões e os indicadores que tornam possível responder aos objetivos:



4.1. Métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados

Tendo em conta os objetivos que a investigação visa atingir, assumi que deveria seguir-me pelo paradigma qualitativo, utilizando o método biográfico como dominante, sendo realizadas entrevistas a seis indivíduos (em quatro deles, duas sessões, nos outros três apenas uma).

Tal como diz Lopes (2012), “O retrato sociológico consiste, antes de mais, numa entrevista biográfica de cariz semi-directivo. A sua grande especificidade reside no guião, onde se procura, como objectivo primordial, perceber a forma como as disposições individuais se formam e encarnam nos diferentes papéis sociais do actor, nos múltiplos “mundos da vida” (para utilizar uma expressão tão cara à fenomenologia) onde habita(...)” (Lopes, 2012:3). Assim sendo, justifica-se a utilização deste tipo de ferramenta metodológica tendo em conta que os objetivos da investigação incidem sobre a relação do desporto com os diversos campos da vida do indivíduo.

O ponto fundamental para o sucesso na aplicação das entrevistas prende-se com o conhecimento do meio e com a neutralidade das questões, permitindo que os entrevistados exponham as suas opiniões, sem qualquer restrição ou limitação, procurando assim recolher o máximo de informação no seu estado mais puro e completo. Assim, “durante a entrevista, é essencial que o entrevistador não se conduza totalmente pelas questões que o entrevistado coloca a si mesmo, pela seleção que ele produz na descrição de personagens e factos. É relevante tentar colocar-lhe questões que ele mesmo não colocaria, perguntas para as quais não existem respostas imediatas. E são estas que “provavelmente darão material para saltar, na análise de uma mera reprodução do autorretrato que o entrevistado entrega, para um retrato mais genuinamente sociológico, que incorpora em si o que poderíamos chamar de princípio da não-consciência: que os atores sociais nem sempre têm consciência completa das razões que condicionam suas práticas” (Junior e Massi, 2015: 565-566)” (Claro, 2016:47)

Para além da realização do guião, torna-se igualmente importante a análise ao que foi dito mas também à linguagem não-verbal assim como as diversas maneiras de se falar (tom de voz, acentuação). Será então fundamental conseguir perceber as

disposições do entrevistado e as relações que os diversos meios estabelecem, para ele. Então, e “Desta forma, o actor expressará (em primeiro grau), continuidades e rupturas, transferências e especificidades entre as diferentes esferas, matéria que o investigador analisará (em segundo grau) para estabelecer as condições de transporte (ou fixação) das disposições, bem como mecanismos contextuais de activação e/ou inibição.” (Lopes, 2012:5)

De forma sucinta, Lopes (2012) apresenta-nos “as fases de elaboração deste dispositivo:

1. Formulação de um guião de entrevista semi-directiva de cariz biográfico, adequado aos objectivos da pesquisa em concreto, mas contendo, obrigatoriamente, questionamentos sobre o posicionamento do actor em várias esferas da vida, domínios de actividade, papéis sociais, contextos e quadros de interacção.
2. Realização de duas a três sessões de entrevista, preferencialmente afastadas temporalmente umas das outras por um período de dias ou de uma semana, de modo a permitir ao entrevistador e ao entrevistado acréscimos de reflexividade.
3. Transcrever as entrevistas, seguindo as regras clássicas para o efeito.
4. Editar as entrevistas, transformando-as num discurso na 1ª pessoa do entrevistado, fluido e corrente, como se de uma narrativa se tratasse, sem considerar silêncios, interjeições, etc., nem tão-pouco as questões e interferências do entrevistador. Almeja-se com esta construção, um pouco à semelhança de *Os Filhos de Sánchez*, de Óscar Lewis, resgatar a cadência biográfica do relato.
5. Num vaivém entre recursos teóricos e material empírico, constrói-se o retrato. Este, como se depreende pelo exemplo apresentado, não é meramente descritivo, ganhando um pendor interpretativo, embora sem a análise “pesada” que será remetida para outra instância.
6. Cada retrato deverá, na opinião de António Firmino da Costa e de mim próprio, conter um título, onde se realce o fio condutor interpretativo do relato; um conjunto de parágrafos (no exemplo dado aparecem a **bold**) capaz de funcionar como resumo do percurso e, por fim, um corpo mais detalhado. Trata-se, na verdade de três possibilidades de leitura complementares da série de retratos: pelo título (ultra-rápida), pelo resumo (rápida), pelo corpo principal (mais demorada)” (Lopes, 2012:10)

4.2. Procedimentos e dificuldades encontradas na recolha de dados

Este trabalho teve a duração de um ano, tendo sido iniciado em setembro de 2016 e terminado no mesmo mês do ano seguinte. Foram escolhidos 6 jogadores de

equipas da Divisão de Elite. Para tentar que houvesse o máximo de heterogeneidade da amostra, foram escolhidos três internacionais portugueses, um atleta que se iniciou recentemente na modalidade, um atleta com vasta experiência, tendo também atenção ao local de residência e ainda dois atletas que assumem também funções de organização das equipas das quais fazem parte, podendo assim dar uma outra visão das relações estabelecidas dentro do desporto. Foi também tida em conta a idade dos atletas e o seu percurso no futebol de praia. O acesso aos mesmos foi relativamente fácil pelo conhecimento do meio, apesar da distância dos locais de origem dos entrevistados e consequentemente da realização das entrevistas – foram realizadas entrevistas na Póvoa do Varzim, Nazaré, Loures, Ericeira e Lisboa.

No primeiro contacto realizado com os entrevistados, foi-lhes explicado o intuito da entrevista assim como da pesquisa e os objetivos da mesma, tendo sido marcadas as primeiras entrevistas, tendo estas decorrido durante um período de tempo bastante alargado, tendo a primeira sido realizada no dia 24 de janeiro e a última no dia 13 de junho. Para além disso, a dois dos entrevistados foi realizada apenas uma entrevista, assim como ao treinador por se ter conseguido recolher informação necessária na realização da entrevista devido ao interesse e adesão dos mesmos. Contudo, num dos casos poderia ter sido realizado uma segunda sessão mas tal não foi possível visto que o mesmo esteve em Itália durante um longo período de tempo, em competição. O guião de entrevista divide-se então com o intuito de abordar sete categorias de análise: vida pessoal e familiar; vida profissional e académica; vertente económica; relação com o futebol de onze; comunidades e relações humanas; o desporto como espetáculo; o caso específico da Nazaré e a influência dos eventos realizados – ver guião em anexo.

Durante a realização das entrevistas, a adesão dos entrevistados foi muito boa, tentando compreender ao máximo aquilo que as perguntas questionavam, abordando as várias áreas pretendidas – havendo, obviamente, alguns que falaram e se expuseram mais que outros - havendo uma grande abertura em relação aos temas abordados – o anonimato dos entrevistados contribui para que possam assumir posições mais extremas que podem ir contra aquilo que se pode considerar ser politicamente correto. Talvez a maior dificuldade tenha sido na realização das entrevistas na Nazaré, duas aquando da realização da *Eurowinners Cup*, havendo por isso algum ruído de fundo, mas não

dificultando a compreensão quer das perguntas, como das respostas. Contudo, “Os diálogos internos em que o indivíduo é o objeto são processos intelectuais, íntimos, conscientes, sem que exista obrigatoriamente algum tipo de exteriorização. Esses diálogos são expressos por recursos linguísticos, assim como por imagens e símbolos.” (Claro, 2016:50). Sendo assim, importa que durante a análise de conteúdo das entrevistas exista alguma reflexividade, tendo também em conta as alterações de tom de voz, as pausas para pensar e todos os gestos ou indefinições aquando da realização das entrevistas.

III. Análise e discussão dos resultados obtidos

1.1. Caracterização da amostra

A amostra deste trabalho é constituída por seis jogadores da Divisão de Elite assim como por um treinador de uma equipa dessa mesma divisão. Três dos entrevistados são internacionais portugueses, tendo quatro dos entrevistados idades superiores a trinta anos. Dois dos entrevistados concluíram os estudos há menos de dois anos, tendo estes dois em conjunto com um terceiro entrevistado conciliado os estudos com a prática de futebol de praia. Três dos entrevistados praticam a modalidade de forma oficial há mais de dez anos, um dos entrevistados iniciou-se na modalidade há dois anos. Todos os entrevistados praticaram futebol e/ou futsal antes de ingressarem no futebol de praia. Dois dos entrevistados acumulam funções organizativas nos clubes que representam. Cinco dos entrevistados já disputaram campeonatos no estrangeiro.

Importa ter em conta que, há exceção de casos muito pontuais, não existe a profissionalização dos jogadores no futebol de praia, pelo que, dos seis entrevistados, cinco possuem emprego, sendo o sexto elemento, um dos poucos casos de profissionalização no futebol de praia. Dos cinco empregados, dois possuem negócios próprios, sendo que dos três que trabalham por conta de outrem, um desempenha funções de gestão, tendo por isso bastante liberdade de horários.

Em relação ao local de residência, dois dos entrevistados residem na Nazaré, um na Póvoa do Varzim, um na Ericeira e dois em Lisboa. Este fator tem alguma importância tendo em conta a possibilidade de treinar regularmente ou não, e principalmente para o desenvolvimento e inclusão em comunidades locais (ponto abordado mais à frente neste trabalho).

1.2.1. Influência da família na prática de futebol de praia

Na relação que é estabelecida entre o futebol de praia e a família as opiniões recolhidas são distintas, por um lado temos um apoio grande e incondicional, registando-se até o facto de a família ser uma das motivações para continuar a jogar, por outro lado existe o desinteresse e a falta de apoio. O futebol de praia pode, então, assumir-se como uma instituição social que se intromete entre os indivíduos e a família,

inserindo-se, assim, nos processos inerentes à socialização secundária – “Assim, a socialização familiar não é o mero resultado da transmissão dos pais, mas é um produto da interação (implicando conflitos) entre os membros da família, influenciada por diversas instituições (Zuluaga, 2004).” (Abrantes, 2011:124)

Analisando primeiramente a correlação positiva entre ambos os meios, registo para a expressividade do entrevistado 1 que afirma que sem a família já não jogaria e que vê a família como uma das grandes motivações e apoios para continuar a dedicar-se à modalidade “*O apoio é incondicional como costuma dizer o meu irmão e atrevo-me a dizer que sem esse apoio, neste momento não estaria a jogar.*” (Entrevistado 1). Compreende-se então a ligação forte a nível familiar e emocional entre o atleta, a família e o desporto, havendo um apoio contínuo e incondicional. Esta ideia é corroborado pelo entrevistado 5, que afirma que a influência da família no futebol de praia “*É grande. Dão-me bastante apoio, quer no início, quando comecei, os meus pais, quer depois de casar, a minha mulher.*” (Entrevistado 5). Neste caso deparamo-nos também com o facto deste apoio ser intergeracional, sendo primeiramente dado pelos pais e posteriormente pela mulher, isto após o casamento. Por outro lado, a família afirma-se também como um grande suporte e apoio financeiro (devido à insustentabilidade financeira inerente à modalidade e abordada mais à frente neste trabalho), algo que o entrevistado 4 nos refere, dizendo “*A nível de futebol de praia, a minha família ajudou-me sempre muito, (...). Curiosamente, o Nacional, quando começou as suas idas a Oceanside, em 2011, deveu-se muito, essencialmente, ao apoio financeiro da família (...)*” (Entrevistado 4). Entende-se então, que a família é um suporte importante e fundamental, seja através dos pais como dos conjugues, não só pelo apoio motivacional que dão, mas também pelo apoio financeiro e pela compreensão face ao tempo despendido.

Em sentido oposto, registo para a opinião de dois dos entrevistados que afirmam que a família não tem qualquer influência na prática desportiva, num dos casos devido à pouca visibilidade que o futebol de praia tinha aquando do início da sua carreira no futebol de praia, por outro lado, a separação dos pais e a origem Ribatejana do pai, fazia com que se idealizasse a prática de alguma atividade tauromáquica e não desportiva. O entrevistado 2 diz-nos que “*A família, nunca ligou muito ao futebol de praia em si em*

termos de futuro porque era mais o futebol, na altura, também não se ouvia tanto...” (Entrevistado 2). Ou seja, para além da pouca visibilidade que o futebol de praia tem, o facto de, neste caso, ser um atleta que provém do futebol de onze, fez com que a família nunca apoiasse tanto como no futebol de onze, devido à fama que o mesmo tem, assim como as oportunidades que o mesmo pode trazer. Já o entrevistado 3 diz que a influência da família *“É nenhuma... Os meus pais são divorciados, o meu pai, a parte do meu pai é da Arroquelas, uma vila no Ribatejo, eles queriam que eu fosse forçado, ou que andasse a pegar touros e eu sempre vivi aqui com a minha mãe e com a minha avó...”* (Entrevistado 3).

1.2.2. Influência dos amigos na prática de futebol de praia

Analisando a correlação entre as amizades e a influência das mesmas na prática do futebol de praia, constata-se que as amizades assumem uma grande preponderância, essencialmente para que os entrevistados se tenham iniciado na modalidade, registando-se também o caso de um dos entrevistados que assume que já construiu grandes amizades com outros praticantes.

Podemos então afirmar que os processos de socialização, principalmente durante a adolescência assumem-se como fundamentais para a experimentação desta prática desportiva, algo corroborado por quatro dos entrevistados: o entrevistado 1 refere a influência dos grupos de amigos e também a relação forte entre o futebol de praia e as restantes modalidades praticadas na areia *“(...)desde muito cedo sempre vivi com um grupo de amigos que gostava de praticar desportos na praia, não só futebol de praia, mas também futevolei, e uma coisa leva a outra...”* (Entrevistado 1). O entrevistado 5 tem um discurso próximo ao afirmar que *“Comecei com os meus amigos, com 16 anos. Inscrevemo-nos num torneio que havia e gostámos, fomos continuando.”* (Entrevistado 5). Outra das derivações que encontramos é, não dos desportos de areia, mas do futebol e futsal, que por influência dos amigos se passou a praticar futebol de praia, tal como nos diz o entrevistado 2: *“(...) foi um bocado um grupo e olha, vamos todos, vamos fazer isto. Jogávamos todos à bola, portanto também era fácil fazer isso. Mas foi um bocado, entrávamos em torneios de futsal, depois entrámos também no futebol de praia, depois o Rui (Delgado) também tinha a equipa e depois daí para a frente já comecei a entrar também.”* (Entrevistado 2). Já o entrevistado 3 refere também que se iniciou

neste desporto devido ao seu grupo de amigos e à paixão pelo desporto no geral - *“Sempre gostei de jogar à bola, foram os meus amigos e a paixão que eu tenho pelo desporto...”* (Entrevistado 3).

Por outro lado, o entrevistado 4 reconhece a influência do seu grupo de pares, contudo afirma que foi uma questão aleatória de ter experimentado o futebol de praia, sendo que já havia praticado futebol de onze e futsal e teve o primeiro contacto com o futebol de praia ainda durante a sua adolescência: *“(...) porque nós em Agosto, entre os 14 e os 20 anos vamos sempre, Julho e Agosto, para a ilha do Porto Santo e eles organizavam lá sempre uma semana e nós acabámos por nos inscrever, tínhamos uma equipa onde a maior parte tinha 16 anos, 17 anos e jogávamos futebol de praia como podia ter sido outro desporto, não foi nada assim...”* (Entrevistado 4). Contudo, esse mesmo entrevistado reconhece a importância dos amigos atualmente na prática desportiva, colocando-os, a par da família, como fundamentais em certos momentos na sua carreira desportiva *“A nível de futebol de praia, a minha família ajudou-me sempre muito, os amigos também, até tenho grandes amigos a jogar futebol de praia. Curiosamente, o nacional, quando começou as suas idas a Oceanside, em 2011, deveu-se muito, essencialmente, ao apoio financeiro da família e dos amigos. Portanto, eu diria que sem eles, esta modalidade não existiria na vertente do Nacional, portanto é alta.”* (Entrevistado 4).

Além do mais, surge um dos entrevistados que refere que não houve qualquer influência de amigos no início da sua carreira do futebol de praia. No entanto reconhece que se iniciou devido a amigos de amigos, havendo, mesmo assim, algum tipo de influência nas relações de pares para que alguém se inicie na modalidade – *“É assim, a influência não é muita, como já disse, comecei através do João Pedro Oliveira, mas nenhum dos meus amigos pratica ou praticou alguma vez futebol de praia. Portanto, digamos que a influência é quase nula. Ou é nula mesmo”* (Entrevistado 6)

1.2.3. Conciliação com a vida pessoal e familiar

Este é um dos pontos onde todos os entrevistados que abordaram abertamente esta temática têm uma opinião semelhante: a conciliação entre a prática de futebol de praia e a vida pessoal e familiar é feita de forma muito complicada, onde há um prejuízo

claro das relações amorosas e familiares dos jogadores. Este prejuízo é reconhecido por todos, o que leva à valorização do seu conjugue e que se tente, de alguma maneira, compensar a ausência de outros modos.

Para uma melhor compreensão sobre a relação da família com os meios sociais, Santos (1969) refere que “No duplo circuito particular-geral, geral-particular, a família aparece como um intermediário entre o indivíduo e a colectividade. É um subsistema a um tempo afectado pela colectividade e afectando-a — parte de um todo orgânico, numa relação de interdependência e interpenetração.” (Santos, 1969:67)

O entrevistado 2, refere que esta conciliação é mais fácil de se fazer com os familiares directos (pais, avós, etc), pois segundo ele *“É assim, a tua mãe, o teu pai, a tua avó, estão sempre contigo...”* (Entrevistado 2), o que se torna realmente complexo é a conciliação com o conjugue e com a sua vida profissional e académica, tendo em conta os longos períodos que passa longe de casa e o facto dos jogos e uma parte dos treinos de futebol de praia se efetuarem aos fins-de-semana e durante o verão, altura do ano em que a maioria das pessoas tem férias, vendo-se assim privado de momentos de distração e divertimentos com a conjugue – *“Agora em relação à tua namorada... A minha namorada estuda em Lisboa... Em Setembro começou as aulas. Eu no ano passado, saí no fim-de-semana de 9 e 10 de maio, parei no fim de semana de 29 e 30 de agosto... E ela no fim-de-semana a seguir começou as aulas... Não é fácil, não é fácil... Ou tens uma pessoa que aceita e que gosta de ti... Eu cheguei hoje a casa e estava há 27 dias sem estar em casa. Porque tivemos aqui um torneio, fomos para a Figueira da Foz uma semana e meia antes da Eurowinners, viemos directamente para aqui, a Eurowinners acabou no domingo, eu viajei na segunda de manhã... Cheguei ontem. E ela foi hoje para Lisboa, de manhã... Tive com ela ontem 4/5 horas. Ela teve que ir para Lisboa para estudar... É assim, não é fácil. Mas tens que ter uma pessoa que te conhece já há 7 ou 8 anos, ou que aceita muito bem, mas não é fácil. Principalmente, não é fácil porquê? Porque qualquer relação normal ou escolar ou tu trabalhares, chega a uma altura em que vais ter férias, férias de verão, e as férias, é para jogar... (...) Mas é assim, são opções... São opções de vida! Não é fácil!”* (Entrevistado 3). Já o entrevistado 5 reforça esta ideia, ao dizer que *“O futebol de praia exige que passe fins-de-semana fora, que perca bastante tempo e temos que coordenar bem as coisas e*

haver alguma compreensão para que tudo seja possível...” (Entrevistado 5), reforçando ainda, *“Não é fácil porque estarmos a ir fazer um jogo à figueira da foz ou a ir fazer um jogo a Ansião, por exemplo, implica um sábado que deixa de existir para a família, portanto nunca é fácil essa conciliação, mas isto são opções que se têm na vida...”* (Entrevistado 5). Estas opções terão então que ser aceites pelo conjugue, e, tal como o entrevistado 3 refere no seu discurso, é necessário que a pessoa tenha bastante compreensão. O entrevistado 6, refere também que o tempo despendido em treinos, competições e viagens também interfere severamente com a sua vida pessoal, afirmando que *“São muito dias fora, são muitas horas que se perdem, são muitos fins-de-semana que se perdem, são horas que podíamos estar a passear, com a família, com os filhos, com a namorada, pronto, uma série de situações que podíamos estar a fazer e abdicamos disso tudo... Ou melhor, quem está ao nosso lado, abdica para nos ver feliz, para nos ver concretizar um sonho e uma satisfação e realização pessoal.”* (Entrevistado 6). Surge aqui a ideia de que a relação amorosa acaba por ser prejudicada em detrimento de *uma satisfação e realização pessoal* de um dos elementos, havendo por isso, segundo o entrevistado 6, uma valorização por parte do jogador, da pessoa que se dispõe a prejudicar de alguns momentos ao seu lado, para ver o seu conjugue lutar por um objetivo pessoal - *“(...) portanto eu mais do que o valor que eu dou aquilo e ao esforço que faço, dou ao esforço de quem está por trás de mim ou ao meu lado, porque acho que é de valor a quem está connosco, quem nos atura em todas as viagens, todos os estágios, todas as horas perdidas e não compartilhadas, são sempre compartilhadas, mas pronto, não estamos lá naquele dia para ir ao cinema, para ir levar o cão à rua, para fazer uma série de situações que podíamos estar a ajudar também.”* (Entrevistado 6).

1.2.4. Importância da prática desportiva para os indivíduos

Em relação à importância da prática de futebol de praia para o quotidiano dos indivíduos, todos os entrevistados afirmam que é algo extremamente importante assumindo-se, na maioria dos casos, como um escape e/ou forma de libertação da pressão e do stress do quotidiano, mas também pela realização pessoal no âmbito desportivo. Abrantes (2011), explica, de que modo a envolvimento em práticas desportivas pode influenciar a vida de um qualquer indivíduo – *“Veja-se, por exemplo,*

como o envolvimento intenso e regular dos indivíduos em certas práticas desportivas vai permitindo uma modulação do corpo e do espírito, não apenas no sentido da incorporação das regras, mas também da produção de formas criativas (progressivamente mais sofisticadas) de utilizar essas regras a seu favor, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias dos outros jogadores e, eventualmente, (re)negociação das próprias regras (Elias, 1992). Desta forma, as práticas dos agentes vão gerando evoluções nas estruturas” (Abrantes, 2011:126)

O entrevistado 1 diz que o futebol de praia é *“É extremamente importante, não só pela realização pessoal e no âmbito desportivo, mas também porque é algo que me permite libertar um pouco, digamos que é o meu elo de escape da tensão do dia-a-dia, e cada vez que vou para a praia treinar é o único momento em que a minha cabeça fica limpa.”* (Entrevistado 1), enquanto o entrevistado 2 reforça a importância que a prática desportiva tem na sua vida, em especial o futebol de praia, por considerar que tem especificidades que o tornam distinto de todos os outros desportos - *“É muito importante e ajudou-me muito a crescer, epá, como pessoa e como desportista, eu acho que como desportista conseguimos aliar as duas coisas, ou seja, como desportista e como pessoa, porque esta modalidade é um bocadinho, penso eu, diferente dos outros desportos, porque há mais cumplicidade entre os adversários, acho que os adversários dão-se um bocadinho melhor...”* (Entrevistado 2).

Neste ponto, o benefício para as suas vidas profissionais é algo também abordado por dois dos entrevistados, havendo uma relação positiva entre ambos os meios – contudo, a conciliação entre a vida profissional e o futebol de praia nem sempre é fácil, algo a ser analisado no próximo ponto desta dissertação- *“Sempre foi uma coisa que gostei muito, agora na loja é assim, eu venho para aqui às nove e meia, dez horas, saio daqui às sete da tarde, se eu não for treinar, chego aqui às cinco, seis da tarde, estou farto de estar aqui, fico doido... Sempre que vou treinar é um escape enorme! Entro aqui, abro a porta, estou aqui um bocadinho, às onze e meia a minha avó aparece, mais ou menos, eu já tenho ali a minha roupa, visto-me, agarro no saco e vou-me embora, vou treinar até há uma, uma e meia, chego a casa, tomo banho e almoço, quando venho abrir a loja às três da tarde, passa a correr! Neste aspeto, é uma diferença enorme! Treinar e não treinar, é uma diferença enorme! Ajuda-me bastante, no meu dia-a-dia!”* (Entrevistado 3). O entrevistado 4 refere que não é apenas a prática desportiva que o beneficia profissionalmente, mas também a preparação e organização logística que envolve toda a equipa, acaba por ser um escape para ele –

“olha, o futebol de praia é muito importante, e antes disso acho que qualquer pessoa deve ter sempre um desporto na sua vida porque relaxa e abstrai-se muito do seu dia-a-dia. O futebol de praia acaba por me ajudar muito a nível profissional porque liberta-me no fim-de-semana do stress da semana, o futebol de praia que gosto muito não só de jogar mas também de organizar, de arranjar jogadores, organizar idas aos EUA, tornou-me numa pessoa mais responsável e organizada. O futebol de praia deu-me a conhecer mais como pessoa ligada ao desporto na Madeira e está a começar a ser falada aqui no Nacional, mas em termos pessoais é muito importante e não só, fez-me conhecer muita gente, alguns ficaram amigos, outros muito amigos, alguns inimigos mas isso faz parte também do desporto.” (Entrevistado 4).

Surgem ainda mais duas opiniões que, seguindo, em geral, as opiniões já aqui expostas, diferem um pouco nos motivos que determinam a importância que o futebol de praia assume na vida dos indivíduos. Por um lado, há a referência do quanto a prática do desporto prejudica outras vertentes da vida do entrevistado, porém, dado o gosto que o mesmo tem pela modalidade, continua a praticá-la - *“É muito, até porque a nível financeiro o futebol de praia não me dá nada, já deu, mas já há uns anos que não dá, e se eu não gostasse mesmo disto, já tinha deixado. É algo que gosto muito, apesar de perder bastante, quer a nível pessoal, quer a nível profissional e nem sempre é fácil fazer a gestão.”* (Entrevistado 5). Por outro lado, o futebol de praia assume-se como um novo meio de sociabilidade, criando, por isso, uma série de relações humanas fortes para os indivíduos, sendo que isso, segundo o entrevistado 6, acaba por ser muito importante para ele, assim como o sentimento de pertença grupal e de busca por objetivos coletivos - *“Muito[importante]! Primeiro porque me permitiu conhecer pessoas, e formar amizades. Conhecer pessoas novas e formar amizades! Depois é algo que eu gosto bastante, um desporto que gosto bastante. Faço questão de me preparar para na altura do verão estar sempre em forma para ajudar o grupo a atingir os objetivos.”* (Entrevistado 6). Sobre esta última opinião, importa ter em conta aquilo que Carvalho (2012) refere sobre as questões identitárias e na influência que as instituições/meios sociais podem ter sobre ela - *“Afinal, quando nos perguntamos “quem somos” a resposta vai muito além de um conhecimento estático e solipsista: nossa identidade se engendra em infinitas possibilidades proporcionadas pela experiência social. Nesse aspeto, as instituições sociais adquirem um importante significado no processo de construção da identidade, posto que constituem-se no espaço*

de produção de saberes, de experiências, de interrelações, de comunicações, de intenções e das operações de sentido – simbólicas” (Carvalho, 2012:210)

1.2.5. Conciliação entre a prática desportiva e a formação académica e vida profissional

A relação entre a prática desportiva e a formação académica ou ocupação profissional é algo complexa e de difícil conciliação. Este ponto irá estar, à partida, separado entre a relação prática desportiva e formação académica e a relação prática desportiva e vida profissional, apesar de a relação ser semelhante, a segunda torna-se mais complexa e de difícil conciliação.

Em relação à formação académica – tendo 4 dos 6 entrevistados frequentado o ensino superior, todos eles em simultâneo com a prática de futebol de praia – importa ter consciência da coincidência entre o início da época competitiva de futebol de praia e o fim do 2º semestre, com incidência na época de exames de junho/julho. Isso acaba por ser mesmo a grande dificuldade na relação entre ambas as vertentes. Sobre isto, o entrevistado 3 expõe, de modo extenso, a sua experiência (negativa) em relação a esta sobreposição – *“E até aí, não me ajudou muito, se queres que eu seja sincero, eu tenho um curso de relações humanas e comunicação empresarial em Leiria, que tenho todas as cadeiras do primeiro semestre feitas e tenho cinco cadeiras do segundo semestre que nunca as acabei por causa do futebol de praia... Não me ajudou muito a nível de tempo...”* (Entrevistado 3), voltando a reforçar, uma segunda vez *“A nível escolar, matou-me os meus segundos períodos... Eu tenho o curso feito, tenho todas as cadeiras do primeiro período feitas, fi-las todas nos três anos e depois tive mais dois anos só para tentar fazer o segundo período porque nunca conseguia... Chegava ali aquela altura, esquece. Nunca conseguia ir às frequências fin ais ou aos exames. A nível escolar é muito complicado.”* (Entrevistado3).

Para além deste testemunho, de maneira geral, todos os entrevistados reconhecem que a sua formação académica saiu prejudicada devido ao tempo despendido em treinos e jogos de futebol de praia - *“Não é fácil, não é fácil porque muitas vezes para estar a treinar ou para estar a jogar implica estar a abdicar de*

algumas horas de trabalho.. Há uns anos atrás, de algumas horas de estudo...”
(Entrevistado 5).

Em relação à vida profissional, podemos, desde já, através da última citação, perceber que a conciliação também não é fácil, sendo até mais complexa em comparação com a formação académica – a maioria do período competitivo desenrola-se durante o período de férias escolares – algo que a nível profissional não acontece. Devido a isso, há casos de jogadores que utilizam todas as férias que têm para conseguir disputar determinadas competições, algo testemunhado pelo entrevistado 3, que nos ilude bem a dificuldade existente na conciliação – “ (...), se tu quiseses jogar ao mais alto nível e saíres imensas vezes, não tens férias que cheguem... Não tens férias que cheguem... A gente teve pessoal no Sporting que pediu férias para o Irão, pediu férias para a Eurowinners e acabou...” (Entrevistado 3). Esta situação é também partilhada pelo entrevistado 6 ao explicar que “(...)é super difícil conciliar... Porquê? Todos nós na equipa, ou estudamos ou trabalhamos, ninguém faz disto profissão. Mesmo nós, que temos um elemento que tem sido chamado às convocatórias com mais regularidade, o Pedro Vasconcelos, ele próprio trabalha, tem que conciliar e fazer trinta por uma linha para conseguir estar nos estágios da seleção, para depois conseguir conciliar a nível profissional essa situação, nós todos, como foi o caso destes 4,5,6 dias, em que estamos na Nazaré, não é fácil. Temos que tirar férias, temos que organizar família, temos que organizar a vida pessoal e a profissional, é bastante, bastante difícil.” (Entrevistado 6).

Como resposta a este problema, o entrevistado 3 afirma que para se ser jogador de futebol de praia de alto nível competitivo, “ (...) tens três hipóteses: Ou és patrão – que é o meu caso, ou tens um emprego por turnos ou por horas ou dás aulas, e consegues trocar, tendo um horário flexível, o que não é fácil... Um enfermeiro, um professor de ginástica, um professor de educação física, um personal trainer... Ou então não fazes nada. Infelizmente, são as únicas três hipóteses que tu tens.” (Entrevistado 3).

De maneira geral, quer o entrevistado 4, quer o 5, reconhecem que o futebol de praia os prejudica a nível de tempo e que poderiam ser melhores profissionais devido à difícil conciliação que têm que fazer - “Não tenho qualquer tipo de dúvida que poderia ser um melhor estudante e um melhor profissional sem o futebol de praia, já abdiquei

de muita coisa,” (Entrevistado 4), “Não é fácil, não é fácil porque muitas vezes para estar a treinar ou para estar a jogar implica estar a abdicar de algumas horas de trabalho.. (...) Mas hoje em dia, a nível profissional, não é fácil conciliar as coisas. Felizmente, tendo em conta a minha vida profissional, tenho alguma facilidade em gerir os meus horários e consequentemente consigo adaptar-me.” (Entrevistado 5).

1.3.1. Vertente financeira – jogadores

Em relação à vertente financeira da modalidade, analisando apenas a parte dos jogadores, importa ter em atenção que a grande maioria dos praticantes de futebol de praia em Portugal não têm qualquer tipo de rendimentos financeiros provenientes da modalidade, sendo que aqueles que conseguem receber algum rendimento, apenas uma pequena parte se pode considerar profissional da modalidade. Podemos então falar de algum tipo de insustentabilidade do ponto de vista financeiro para os jogadores que não conseguem ter retorno do investimento financeiro que fazem da modalidade, assim como do tempo e de todo o empenho e dedicação que, na maioria dos casos prejudica outros campos na vida do indivíduo.

Esta realidade é corroborada por grande parte dos entrevistados, registando-se a opinião do entrevistado 1 *“Óbvio que por ser uma modalidade que não nos permite viver dela, de não ser sustentável,(...)”* (Entrevistado 1), apoiada pela opinião do Entrevistado 6 que considera que o futebol de praia é um hobbie - *“É um hobbie, como em muitos, se calhar 90% a nível da modalidade para não dizer só do Nacional, é um hobbie,(...)”* (Entrevistado 6). Há também, a opinião de que, tal como referido no primeiro parágrafo desta análise, de que há quem tenha rendimentos mas que os mesmos não permitem que se viva exclusivamente da modalidade *“Não é aquele dinheiro que ganhas no verão, ou a ir a um torneio internacional ou uma coisa qualquer que dá para construíres uma casa, para comprares um carro... Tens que ter sempre alguma coisa... Se quiseres ter um bom futuro... Se viveres em casa dos pais, for só para pagar as despesas, o dinheiro que ganhas no verão, se calhar até dá.”* (Entrevistado 3), mas que este rendimento pode ser uma boa ajuda *“Hoje em dia é uma coisa que posso dizer que posso ganhar dinheiro. Hoje em dia consigo tirar para mim, no verão consigo juntar um pézinho que me ajuda bastante na minha vida e no meu futuro.”* (Entrevistado 3). Surge também uma ideia de um certo retrocesso no discurso

de um dos entrevistados ao nos dizer que “(...)porque a nível financeiro o futebol de praia não me dá nada, já deu, mas já há uns anos que não dá, e se eu não gostasse mesmo disto, já tinha deixado (...)” (Entrevistado 5). Este discursos leva a que se equacione qual a motivação que os praticantes desta modalidade têm para se manterem nela, para além do gosto pela mesma – algo que será abordado mais à frente neste trabalho.

Tendo em conta estas respostas, houve a tentativa de perceber, na visão dos jogadores, o que poderia mudar na modalidade para que a mesma se desenvolvesse a nível financeiro com o intuito dos jogadores terem um maior retorno. e também quais as alternativas que os mesmos têm, caso queiram dedicar-se mais à modalidade. O entrevistado 1 diz-nos que devido aos sucessos recentes da nossa seleção e também à facilidade de contacto entre os jogadores e equipas de vários países, passou a ser possível que “(...)não só grandes, mas também médios/bons jogadores continuem a praticar a modalidade, porque conseguem ir buscar rendimentos a vários sítios, ok? Como eu disse, é uma modalidade sazonal, e quando aqui é inverno, nós temos que ir buscar fontes de rendimento a outros lados.” (Entrevistado 1). Contudo, aquilo que se pode concluir, tendo em conta a amostra deste trabalho, é que a solução passaria por uma maior dinamização das competições nacionais - “Isso, depois, por consequência, traria mais dinheiro, e aqueles que andam aí pelo dinheiro, não teriam necessidade de andar aí de uma equipa para a outra. (...) acredito que o futebol de praia ainda tenha muito para crescer e ainda tenha muito para ganhar a nível de condições financeiras.” (Entrevistado 5), obrigando com isso mais investimento por parte dos clubes – “O clube tem que investir nesse jogador para esse jogador não sentir necessidade de sair para outros clubes ou para outros países. A meu ver, 90... É claro que chegas a uma idade que gostas de ir experimentar o campeonato da Itália, uma vez, gostas de ir experimentar, para ver... Mas a seguir a essa uma vez, 95% das pessoas que saem, saem por necessidade... Certamente que se tu disseses a qualquer um dos que joga futebol de praia em Portugal, que tem o trabalho, que tem os seus filhos, se lhe pagarem bem em Portugal, ele tem necessidade em ir sair? Apanhar o voo às cinco da manhã, às sete, treinar não sei quantas vezes por semana, não sei para onde, voltar ... Ninguém tinha vontade de sair. É claro que como o ser humano gosta de experiências, toda a gente tinha essa vontade, agora, penso que se não fosse isso, se não fosse essa

possibilidade de jogar em vários campeonatos, em várias equipas, em ganhares o teu, penso que já tinha havido muita gente que já tinha desistido de jogar futebol de praia, porque infelizmente em Portugal, ainda não há a capacidade financeira de tu teres uma exclusividade máxima.” (Entrevistado 3).

1.3.2. Vertente financeira – clubes e investidores

Relativamente à vertente financeira no futebol de praia, na ótica dos clubes e investidores, surgiram diversas opiniões entre os entrevistados, sendo algumas delas opostas. No entanto, o ponto comum entre todos os discursos prende-se com o motivo para que exista, no geral, um fraco investimento financeiro no futebol de praia: a falta de visibilidade deste desporto. Sobre isto, o entrevistado 1, reconhece a dificuldade em “ (...) *ter a capacidade de arranjar apoios e patrocinadores para uma modalidade que tem uma visibilidade muito reduzida.*” (Entrevistado 1), ideia refutada pelo entrevistado 3 ao dizer que “*O Sporting tem um bocado mais visibilidade, mas tens o Nacional. Tu vais investir no Nacional para quê? Não apareces em lado nenhum, não dá um jogo na televisão, é bola.*” (Entrevistado 3).

Outro dos pontos abordados foi a questão da livre circulação dos jogadores entre vários campeonatos ao longo de uma época (entenda-se, ao longo de um verão) poder ser um entrave no investimento por parte dos clubes. Este foi o ponto onde tivemos opiniões mais fraturantes entre os entrevistados, tendo sido registadas opiniões completamente contrárias, quer nos efeitos que esta livre circulação provoca, quer no que motiva a que os jogadores sintam necessidade em se deslocar entre vários países e equipas para obterem maiores rendimentos económicos.

Começando pelos efeitos da livre circulação dos jogadores, o entrevistado 1 entende que isto pode levar a que não haja um investimento tão grande por parte dos clubes pois estão a pagar por algo que não é apenas seu - “*Porque os clubes se calhar não investem tanto, porque acabam por não ter os atletas só para si, de trabalhar com eles num longo período, (...)*” (Entrevistado 1), opinião essa partilhada e explicada de forma mais completa pelo entrevistado 6 – “*Por outro lado, quem investe, quem investe, as equipas, os patrocinadores, podem ver isto de uma forma um bocadinho mais fria... E se calhar analisar mais ao nível dos números que as empresas são analisadas a nível*

de números... *Estão a fazer um investimento para algo que nunca é seu, é só seu durante aquele período, no entanto, o que antecede ou sucede a isso, poderá ser que esse mesmo jogador se poderá lesionar ao serviço de outra equipa, durante esse período de campeonato poderá até ter que estar parado, e pode ser até um pouco mal para cada um dos investidores ou das equipas.*” (Entrevistado 6). Com uma opinião contrária a esta na relação binária entre jogadores e equipas, surge o entrevistado 3 que defende que se os clubes investirem, os jogadores não sentem necessidade de ir procurar rendimentos noutros campeonatos - *“O clube tem que investir nesse jogador para esse jogador não sentir necessidade de sair para outros clubes ou para outros países.”* (Entrevistado 3). Com uma visão distinta da situação, o entrevistado 5 defende que esta livre circulação de jogadores favorece os clubes com maior capacidade financeira e também os melhores jogadores da modalidade uma vez que *“Os patrocinadores e os clubes como sabem que podem ir buscar os melhores jogadores quando quiserem, podem simplesmente pegar em cem mil euros e ir buscar os jogadores que quiser, forma a melhor equipa e ganha,(...)”* (Entrevistado 5). Esta opinião enquadra-se perfeitamente na contemporaneidade, havendo jogadores a serem campeões nacionais em mais de três países, jogando nas equipas que mais investem no futebol de praia, sendo que é algo que pode ser considerado nocivo e agressivo para os jogadores locais dos diferentes países, assim como para as equipas sem capacidade económica de investir nesse tipo de jogadores. Sendo assim, a livre circulação de jogadores fará com que se tendam a acentuar as diferenças entre os clubes com maior ou menor capacidade financeira assim como dificulta que haja mais jogadores a conseguir retirar dividendos da modalidade, enquanto ajuda a que outros aumentem os seus rendimentos, possibilitando a profissionalização da elite do desporto.

Apesar das opiniões diversas no ponto anterior, há o reconhecimento por parte dos entrevistados de que tem havido melhorias nos últimos anos para a maioria dos jogadores. Este reconhecimento foi individual - *“Estou num clube que graças a Deus tem uma boa capacidade financeira, que está a apostar na modalidade e que a solução passa por combater com as mesmas armas que os outros.”* (Entrevistado 1), mas também coletivo - *“Penso que pouco a pouco o Braga vai reconhecendo a sua equipa de futebol de praia e vai ajudando, o Sporting a mesma coisa, estou a ver o Belenenses mais focado este ano e com um projeto muito mais bonito, se calhar o Nacional também*

apoia um bocadinho mais a estrutura mesmo sendo longe, o que não ajuda...”
(Entrevistado 3).

1.4. Motivações dos indivíduos

As motivações que levam a que qualquer indivíduo comece a jogar futebol de praia, não diferem muito das motivações que levam a que se inicie a praticar um qualquer desporto: prática desportiva, pertença grupal e busca pelo sucesso. Isto, num ponto de vista mais geral. De forma mais específica, o futebol de praia assume-se como uma via alternativa para se alcançar o sucesso que não se conseguiu noutras modalidades, com relação óbvia com o futebol de 11 e com o futsal. Sobre este último ponto, importa registar a ideia do entrevistado 2 – *“Chega uma certa idade que a gente percebe que não vai conseguir, que dificilmente vai conseguir, e se calhar, aproveitei o futebol de praia para, epá, já que não fui no futebol, posso conseguir fazer alguma coisa no futebol de praia...”* (Entrevistado 2)

Os entrevistados reconhecem que, ao se iniciarem neste desporto – com enfoque nos três internacionais – não pensavam chegar ao patamar que conseguiram chegar, passando uma ideia de que se iniciaram sem grande horizonte e só com as chamadas à seleção nacional perceberam que era realmente possível e que deveriam apostar mais na modalidade. Isso é visível no discurso do entrevistado 1 ao dizer que *“(...) mas na altura a realidade daquela seleção era totalmente diferente, e no dia em que surgiu a primeira chamada foi com surpresa que constatei que podia lá chegar.”* (Entrevistado 1), mas também com as palavras, quer do entrevistado 2, quer do entrevistado 3 – *“Então, quando fui à seleção, preocupei-me e foquei-me nos objetivos e fui tentando alcança-los, pronto. Basicamente foi isso...”* (Entrevistado 2) *“Depois foi normal, continuei a jogar sempre no Sotão, e depois só em 2011, quando fui chamado à seleção é que comecei a levar as coisas mais a sério...”* (Entrevistado 3).

Contudo, não só as convocatórias à seleção nacional se revelam como motivo para uma maior dedicação e empenho, mas também as conquistas individuais e coletivas que os indivíduos vão tendo e que, desse modo, vão-se apercebendo que a luta constante pelo sucesso pode estar presente no futebol de praia satisfazendo o desejo de conquista inerente e intrínseco a todos os desportistas. Isto é retratado no discurso do

entrevistado 3 - *“Epá estava no Sotão, naquele ultimo ano no Sotão, era para ir para o Belenenses, não quis, o Belenenses foi campeão nacional, ganhou ao Sotão, foi para a EuroWinners, eu não fui... A partir daí percebi que devia apostar mais, começar a treinar, a evoluir outras coisas, que podia começar a fazer essas coisas todas. A partir daí...”* (Entrevistado 3), reforçando ainda *“E nós entrámos como Sotão B, na segunda divisão, era uma equipa pequenina, de miúdos, o objetivo era não descer de divisão, não ficarmos em ultimo e nesse ano fomos campeões nacionais, eu fui o melhor marcador, e três ou quatro jogadores dessa equipa foram logo convocados para um estágio em Dezembro, foi assim muito rápido.”* (Entrevistado 3). Isto é também abordado, sucintamente pelo entrevistado 1 *“(...)até porque juntamente com um grupo de amigos, a gente revelava algum jeito e o entusiasmo aumentava.”* (Entrevistado 1). Esta relação entre sucesso e empenho – por esta ordem cronologicamente falando – está também presente no discurso do entrevistado 4 *“Mas anualmente, comecei a gostar mesmo da modalidade, começámos a ganhar tudo o que havia para ganhar lá, e achámos por bem arriscar mais a nível nacional.”* (Entrevistado 4).

Esta busca pelo sucesso, leva a que os índices de trabalho, empenho e dedicação aumentem - *“Faço questão de me preparar para na altura do verão estar sempre em forma para ajudar o grupo a atingir os objetivos.”* (Entrevistado 6), levando também a um maior desenvolvimento da modalidade. Importa reter que todos os entrevistados que afirmaram ter sido o sucesso a fazer com que apostassem mais na modalidade têm largos anos na modalidade, havendo, atualmente, uma alteração na mentalidade dos jogadores. Hoje, o futebol de praia é largamente independente de outras modalidades e há atletas que se empenham antes de qualquer conquista, havendo a inversão do binómio sucesso e empenho, passando o futebol de praia a ter um funcionamento, relativamente a este binómio, semelhante a qualquer outro desporto profissionalizado, surgindo o empenho para as conquistas. Esta mudança de mentalidade acaba por ser um dos primeiros passos para que a modalidade se desenvolva e possa abrir novas portas.

1.5.1. A relação com outros desportos: a independência do futebol de praia

Historicamente, e tendo em conta as condições endógenas do futebol de praia, ele era tido como um desporto de férias para jogadores de futebol de onze/futsal ou para

ex-jogadores profissionais dessas modalidades. Contudo, e fruto da evolução e desenvolvimento que se tem verificado dentro deste meio desportivo, havendo, por isso, um aumento na intensidade e na qualidade de quem o pratica, levou a que exista, atualmente, uma relativa dependência do futebol de praia face ao futebol de onze e ao futsal. Um dos entrevistados aborda esta questão de maneira bastante extensa mas completa, dizendo que *“É como te digo, nos últimos anos houve uma alteração de certas leis do jogo, que fizeram com que o jogo se tornasse muito mais exigente, a capacidade física, o ritmo que tem que ser imposto num jogo, não permite que um ex-atleta do futebol acompanhar jogadores que começam logo com 20 anos a jogar, e que por muito que eles sejam atletas de elite no campo, quando chegam aos 35/40 anos, à beira desses jovens que já têm um andamento totalmente diferente na areia, vão sentir muita dificuldade. Por isso, é que tu hoje em dia, não vês nenhum ex-jogador de futebol, eu não me estou a lembrar de nenhum, a fazer parte dos quadros de nenhuma seleção europeia ou mundial.”* (Entrevistado 1).

Outro dos exemplos que temos sobre este ponto de análise, prende-se com o discurso do entrevistado 2, que praticou futebol de onze também e que, ao falar da maneira como se iniciou no futebol de praia, refere que o fez apenas para manter a forma – sendo que é preciso ter em conta que isto acontecia há cerca de uma década - *“Assim um bocadinho mais a sério, foi, até foi, uma lesão no joelho, que eu tive, que me apanhou uma parte final do futebol, ou seja a recuperei e comecei a jogar na parte final da época desportiva de futebol de onze. Então aproveitei o verão para não ficar parado, para reforçar e assim.”* (Entrevistado 2).

Contudo, existe ainda uma minoria dos jogadores que pratica outros desportos durante o ano, visto que o período competitivo ainda é bastante curto – em Portugal – e há a possibilidade de conciliar com a prática de futebol de onze ou futsal mas apenas em divisões inferiores e sabendo que poderá haver alguns conflitos na conciliação entre ambos.

1.5.2. A diferença de recursos: o surgir de uma oportunidade

A diferença nos recursos para a prática desportiva entre o futebol de praia e o futebol de onze e o futsal é abismal. Começando por analisar o número de campos utilizados nas duas principais divisões nacionais, temos 38 no futebol de onze, cerca de 70 no futsal e cerca de 8 no futebol de praia. Apesar de sermos um país com condições

naturais favoráveis para a prática de futebol de praia, a verdade é que temos poucos campos e tirando os campos que se situam em locais que não a praia – caso de São João da Talha (Lisboa), Porto Mendo (Tomar) e Ansião – o campo existente na praia da Nazaré, e também o campo existente em Setúbal, no Parque Urbano de Albarquel, não existem campos montados durante todo o ano.

Em relação aos recursos financeiros, há uma série de dinâmicas a ter em atenção. Tal como já foi referido neste trabalho, a profissionalização no futebol de praia é uma miragem para a esmagadora maioria dos atletas, algo que não acontece no futebol de onze, visto que há a obrigatoriedade legal de haver contrato de trabalho para com todos os jogadores da primeira e segunda divisão nacional, com legislação própria e ajustada ao meio. No caso do futsal, não havendo obrigatoriedade legal, há no entanto um maior investimento nos jogadores, havendo três clubes totalmente profissionais em Portugal.

Contudo, na última década houve um decréscimo grande no investimento no futebol de onze por parte dos clubes das divisões inferiores, algo que nos é descrito por um dos entrevistados - *“Porque é assim, hoje em dia, hoje em dia, tu já não ganhas no futebol de onze... Aqui à quatro ou cinco anos tu ainda ganhavas no futebol de onze... Havia muitos jogadores que jogavam futebol porquê? Ganho aqui 400 ou 500€ no mija na escada... Hoje em dia tu ganhas 50, 60, 100, 150€ no máximo! É o que te pagam na maior parte das divisões portuguesas...”* (Entrevistado 3). Com isto, passa a ideia de que, havendo o investimento no futebol de praia, poderá haver um significativo número de atletas que pode investir neste desporto ao invés do futebol de onze, visto que, tal como já foi abordado, pode ser um caminho mais curto até ao sucesso pessoal, desportivamente falando. Contudo, teria que haver um maior investimento e também um prolongamento do desenrolar da competição nacional – *“O que é que eu estou a querer dizer com isto, haveria muita gente que se houvesse um bom projeto, deixava o futebol de onze! Agora, para quê? Vão deixar para jogar dois meses?”* (Entrevistado 3). Então, pode-se afirmar que a quebra na capacidade económica no futebol de onze pode abrir novas portas ao futebol de praia, caso este continue a sua evolução.

Relativamente às estruturas organizativas e à exigência que existe nos três desportos, o entrevistado 4 aborda o tema, visto que praticou os três – *“Eu joguei futebol de onze até aos meus 15/16 anos, joguei futsal no Nacional, joguei futebol de onze no Nacional,*

na terceira divisão nacional cerca de dois anos e depois joguei futebol de praia. Muitas diferenças! Tanto a nível de jogo, tanto a nível das pessoas, tanto a nível físico, de exigência... No futebol de onze não cheguei a atingir um limite alto, uma exigência máxima... No futsal, já se pode compara, porque o futsal, na terceira divisão já acaba por ser tão bem organizado, as equipas já estão a levar a sério, como levam o futebol de praia” (Entrevistado 4). Com isto podemos então concluir que o futebol de praia, no que às estruturas e organização diz respeito, continua a estar com bastante atraso face ao futebol de 11 e pode ser comparável ao futsal, mas apenas se tivermos em conta as divisões inferiores.

1.6.1. A comunidade em torno da modalidade

Um dos pontos-chave deste trabalho estava relacionado com a tentativa de perceção sobre a existência ou não de uma comunidade em torno da modalidade e se, aos olhos dos jogadores, isto é positivo ou não e quais as vantagens e desvantagens que poderá trazer para a modalidade. Para além disso, havia também a curiosidade e o objetivo de perceber se se poderia também falar de comunidades locais e não apenas de uma comunidade mais abrangente. Então, importa ter presente a perspetiva teórica de Carvalho (2012), ao referir que “As identidades, coletivas e individuais, resultariam de um entrecruzamento de vetores sócio-culturais mais abrangentes. Nesse sentido, uma identidade específica seria uma apropriação de diferentes níveis semióticos heterogêneos, presentes na sociedade. Assim, elas sempre são relacionais, pois dependem do reconhecimento do outro.” (Carvalho, 2012:213)

Relativamente à existência da comunidade, é unânime entre todos os entrevistados que ela existe, envolvendo não só os jogadores mas também todas as pessoas relacionadas com o futebol de praia, desde treinadores, diretores, elementos federativos entre outros que, segundo o entrevistado 2, “(...) *trabalham todos para o mesmo objetivo que é desenvolver a modalidade, desenvolver o próprio clube, ter uma equipa mais competitiva ou conseguir um torneio melhor organizado, etc...*” (Entrevistado 2). Todos os outros entrevistados referem a existência desta comunidade – “*Eu julgo que há uma comunidade... Essa comunidade existe em Portugal!*” (Entrevistado 1), “*Penso que essa comunidade se ajuda e desfruta dessa paixão pela modalidade né? Não quer dizer que nesses jogos não houvesse chatices, mas é normal (risos).*” (Entrevistado 3), “(...) *existe. Pelos jogadores essencialmente, todos se*

conhecem, é um meio pequeno. Aliás é quase exclusivo aos jogadores, a nível de adeptos, não temos muito isso.” (Entrevistado 5), *“Sim, considero, e isso é presente nas redes sociais, (...)”* (Entrevistado 6).

Analisando agora a opinião que os entrevistados têm sobre esta comunidade, há que deixar explícito que há uma divisão clara e forte entre aqueles que consideram que a existência desta comunidade é positiva e aqueles que pensam o oposto e consideram que esta comunidade nem sempre defende os interesses coletivos, havendo quem aponte o perigo da mesma se fechar em demasia, colocando barreiras à evolução do futebol de praia.

Começando pela opinião negativa, o entrevistado 1 diz que *“Essa comunidade existe em Portugal! Agora, se a sinceridade de cada uma das pessoas que a formam é pura e igual entre todos, isso já não acredito. Sou-te sincero, sei que há um grupo de pessoa que deseja que a modalidade cresça, que luta por isso, mas há outras que na hora H, acabam por pensar mais no próprio umbigo.”* (Entrevistado 1), ou seja, considera que entre as pessoas mais influentes desta comunidade, há quem coloque os interesses individuais à frente dos coletivos, havendo o detrimento do bem coletivo e da evolução do desporto para que haja um maior retorno individual. Opinião também negativa, tem o entrevistado 3 – apesar de, numa segunda entrevista, alterar um pouco o seu ponto de vista – ao dizer que *“O futebol de praia é um meio muito pequeno e há muita inveja e muitos sentimentos negativos num meio tão pequeno e com tão pouca insignificância por vezes, acho que às vezes podia haver um bocadinho mais de ajuda. Nesse aspeto de fazer uma força todos juntos, contra uma federação, todos juntos contra uma coisa qualquer, a pedir melhores condições, etc... Para pedir um estádio melhor, bolas melhores... (...) Acho que às vezes as pessoas, é um meio muito pequeno, e acho que as pessoas deviam ter mais uma coisa de comunidade...”* (Entrevistado 3). Apesar de considerar que esta comunidade existe, o entrevistado considera também que podia existir uma maior cooperação entre todos os membros desta comunidade tendo em vista a melhoria das condições existentes. O entrevistado 4 tem, possivelmente, a opinião mais forte sobre a possibilidade do fechamento da comunidade, não pela parte dos jogadores, mas, segundo ele, pela parte dos órgãos diretivos e federativos, ao dizer que *“Existe e isso só prejudica a modalidade, porque existe um grupo pequeno, reduzido, seletivo e muitas vezes esse grupo não deixa entrar mais ninguém, acho que o núcleo que existe no futebol de praia, esse núcleo são*

as mesmas pessoas que existia há cinco anos, há dez... Portanto, acho que a modalidade devia de cativar mais gente, não só a nível de jogadores, mas deveríamos levar isto para outros lados.” (Entrevistado 4). Inerente a esta opinião, surge a ideia de Abrantes (2011), relativamente à forma como os indivíduos se conseguem, ou não, integrar num determinado meio social – “Em particular, é o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da racionalidade que nos torna pessoas, com capacidade de interpretar e de atuar sobre o meio envolvente (e, mais tarde, sobre o “eu”). Esse desenvolvimento depende da integração, inicialmente periférica e progressivamente mais ativa, em comunidades em que já existem formas de falar, pensar e sentir. Chegamos a um mundo já organizado, com uma materialidade própria (edifícios, equipamentos, instrumentos), entrelaçada com sistemas simbólicos, entre os quais a língua é o mais complexo e integral, mas não o único (Connerton, 1993).” (Abrantes, 2011:123). Neste contexto, a questão da linguagem não assume destaque, contudo a existência de uma comunidade pode dificultar a integração e o desenvolvimento da própria modalidade.

Em contraste com estas opiniões, surge a ideia, algo simples mas concreta, por parte do entrevistado 2 ao afirmar que *“A maior parte das pessoas ligadas ao futebol de praia, ou seja, seja a jogar, como diretores ou assim, a organizar, a maior parte, trabalham todos para o mesmo objetivo (...)”* (Entrevistado 2), enquanto que o entrevistado 6, quando questionado se esta comunidade é algo positivo para a modalidade, responde, dizendo que *“Sim, sem dúvida! Primeiro porque o futebol de praia tem uma coisa boa, como está na última parte do nome da modalidade, praia. Se põe praia, põe calor, põe sol, põe verão, e tudo o que põe verão, as pessoas gostam!”* (Entrevistado 6). Já sobre a ideia do fechamento, levantada ao longo do discurso do entrevistado 4, surge uma opinião contrária, do entrevistado 3, que apesar de achar que a comunidade existente devia de se juntar mais para conseguir melhores condições, considera que é uma comunidade aberta e inclusiva, dando até alguns exemplos práticos *“Eu estou a perceber onde queres chegar mas isso era se aparecesse aqui muita gente nova assim de repente e essa tal comunidade os fechasse. Isso parece-me que não acontece. Um exemplo mais em off, o Sotão, sentia eu e sentia alguns diretores em conversa comigo e até jogadores, que sentia necessidade de que se calhar, precisava de um treinador novo... Porque são 15 anos acho eu, do Paulo... Cansados já... A tal comunidade, mas a situação é assim, não há mais ninguém, percebes? Eu entendi o que queres dizer, se aparecesse uma carrada de gente e essa comunidade que são sempre os mesmos pensasse que “somos nós que aqui estamos, que*

vamos à seleção e assim” esse tipo de comunidade, mas é assim, a realidade é que não há o aparecimento de assim tanta gente nova... Acho que a nível dos jogadores, sim, está sempre a aparecer gente nova e aí penso que toda a gente é aberta, toda a gente é aberta a isso, vejo em todo o lado. O Braga é um projeto diferente, é uma maneira diferente de estar no futebol de praia, agora até no Sporting, um clube que foi campeão, está sempre à procura em qualquer tipo de torneio, de qualquer coisa, está sempre à procura de um miúdo diferente, o Belenenses, o Nacional, a Casa do Benfica e acho que isso é muito importante e muito motivador. Lá está, para as pessoas novas que aparecem, mas lá está, a nível, depois, de fechar e retrain, acho que isso não acontece. Acho que essa comunidade, não há assim tanta gente exterior que abrange mais ou se fecha mais.” (Entrevistado 3). O entrevistado considera que devido à dimensão reduzida da modalidade, não há espaço para o fechamento, já que, não há tantos interessados em se iniciarem e integrarem na modalidade. A questão da dimensão da modalidade e da fraca exposição mediática e do fraco investimento facilita que esta comunidade se mantenha – “(...) eu acredito é que enquanto não houver dinheiro no futebol de praia a sério, os dirigentes nunca irão olhar para isto numa perspectiva de investimento. Porque depois uma coisa gera a outra... (...)” (Entrevistado 5). Por outro lado, a dimensão reduzida da comunidade, na visão do entrevistado 6, pode levar ao fechamento da mesma “A divulgação da modalidade não tem a expressão que tem outras modalidades e já não estamos a falar sequer de futebol de onze ou mesmo de futebol de salão ou de futsal, como se diz hoje em dia. É uma comunidade mais fechada, que tem a sua grande comunicação por parte de amigos ou conhecidos, que se vai desenvolvendo (... ” (Entrevistado 6).

Apesar de todas estas opiniões distintas, há o reconhecimento de que nos últimos anos houve uma melhoria e uma maior abertura desta comunidade, resultado do crescimento da modalidade, e, consequentemente, pela vontade dos indivíduos que se inserem na comunidade. Tal como defende Abrantes (2011), “(...) as práticas são acompanhadas, legitimadas, interpretadas e transformadas por discursos e representações (regulamentos, manuais, conversas, etc.), também eles intersubjetivos, ou seja, produtos de (e produtores de) ideologias, valores, conhecimentos, etc” (Abrantes, 2011:126). A maior aposta por parte dos clubes e entidades organizativas recentemente assume-se também como elemento estruturante nesta melhoria – apesar de se considerar que esta aposta é ainda insuficiente. O entrevistado 3 diz que apesar de todos os constrangimentos, “(...) acho que as coisas estão a mudar ao longo dos

tempos, estão a mudar...” (Entrevistado 3), e, abordando a questão dos clubes, partilha a sua visão, dizendo que *“O Braga é um projeto diferente, é uma maneira diferente de estar no futebol de praia, agora até no Sporting, um clube que foi campeão, está sempre à procura em qualquer tipo de torneio, de qualquer coisa, está sempre à procura de um miúdo diferente, o Belenenses, o Nacional, a Casa do Benfica e acho que isso é muito importante e muito motivador. Lá está, para as pessoas novas que aparecem, mas lá está, a nível, depois, de fechar e retrain, acho que isso não acontece. Acho que essa comunidade, não há assim tanta gente exterior que abrange mais ou se fecha mais.”* (Entrevistado 3). Já o entrevistado 4, apesar da sua visão negativa sobre a comunidade existente, afirma que *“É muito fechado mas acho que nos últimos dois anos abriu muito, fruto também da aposta das seleções e equipas africanas e americanas, mas mesmo assim vai continuar a ser muito fechado e muito exclusivo”* (Entrevistado 4). Já o entrevistado 6 afirma que esta melhoria decorre também da realização de determinados eventos em Portugal – algo que abordaremos mais à frente neste trabalho. Assim sendo, ele diz que *“(…) nos últimos dois anos, penso eu, que o desenvolvimento, a partir do Mundial de 2015, quando Portugal organizou e sagrou-se campeão Mundial de futebol de praia, houve um desenvolvimento maior da modalidade.”* (Entrevistado 6).

1.6.2. Comunidades locais

Ao longo da recolha de informação, e resultado também do conhecimento já tido na área, surgiu a possibilidade de perceber se poderíamos falar da existência de comunidades locais ou não, algo independentes da comunidade mais alargada que já foi abordada no ponto anterior deste trabalho.

Sendo assim, foram identificadas algumas comunidades, consoante a opinião dos entrevistados, contudo, a única que acaba por ser reconhecida de forma generalizada é a comunidade da Nazaré. Apesar de abordar um pouco ao longo deste ponto, haverá, mais à frente neste trabalho, um capítulo dedicado, inteiramente à Nazaré e às suas características. Sobre o reconhecimento das diversas comunidades, o entrevistado 3 refere que *“É assim, aqui na Nazaré há uma comunidade... Há uma comunidade porque nascemos todos no mesmo sítio, e independentemente dos clubes, precisamos todos uns dos outros para evoluir e para trabalhar (...)”* (Entrevistado 3). O entrevistado reconhece ainda a existência de outras comunidades e afirma a ligação que

existe entre elas, especialmente fora do período competitivo – *“Existe, existe os tais sítios, o pessoal da Póvoa do Varzim que vem do futevolei, o pessoal de Setúbal, existe isso aí... Entre essas ligações, e não quê, não acho que há assim tantas... Penso que no final de contas, toda a gente se ajuda mutuamente! Claro que a gente sabe, que quando chega a altura de ganhar, toda a gente quer ganhar... Mas penso que aí, esta comunidade, não só neste Inverno, também no Inverno passado, tinha havido aí duas ou três coisinhas... Penso que essa comunidade se ajuda e desfruta dessa paixão pela modalidade né? Não quer dizer que nesses jogos não houvesse chatices, mas é normal (risos).”* (Entrevistado 3). Com este discurso acaba por surgir mais dois locais onde, segundo os entrevistados, existem comunidades locais relacionadas com o futebol de praia: Setúbal e Póvoa do Varzim. O entrevistado 4, sem referir localidades, reconhece a existência das mesmas, dizendo que *“Pode-se falar em diversas neste momento, a nível nacional, por exemplo, pode-se falar em diversas... Porque Portugal tem vindo a apostar muito nisso, tem construído diversos campos espalhados de norte a sul do país, por isso podemos falar em várias comunidades locais.”* (Entrevistado 4). Surge aqui algo de novo, no que diz respeito ao motivo de existência destas comunidades. Se anteriormente, o entrevistado 3 falava, essencialmente da necessidade da existência da comunidade para um maior desenvolvimento individual, o entrevistado 4 refere que a existência de alguns campos espalhados ao longo do país acaba por ser uma motivação para a existência e manutenção das comunidades. O entrevistado 5, à semelhança do que fez o entrevistado 4, não referiu nenhum local, mas reconhece a existência destas comunidades, defendendo que as mesmas existem devido ao interesse dos praticantes que residem próximos desses locais em se preparem melhor e em desenvolver mais a modalidade, associando também a existência de pessoas que não jogadores, que vão permitindo que isso aconteça – *“Existem comunidades locais em determinados pontos do país, que sim, esses investem no futebol de praia, e vê-se, não a nível de jogadores mas também a nível de dirigentes, há um investimento e uma vontade própria de aumentar a qualidade e a quantidade dos jogadores de futebol de praia. Mas são pontos locais...”* (Entrevistado 5). O entrevistado 6, para além de referir a Nazaré, acaba por referir mais dois locais, devido à realização, durante alguns anos – tal como referido num ponto anterior deste trabalho – de uma competição internacional nesses locais, o *Mundialito*. Sendo assim, quando questionado sobre a existência de comunidades locais,

o entrevistado diz que *“Considero que há as duas, embora que em certos casos, casos como o da Nazaré, onde nós estamos neste momento, é flagrante, é um dos berços do futebol de praia, se não for o berço do futebol de praia em Portugal, é pelo menos um dos pontos de referência do futebol de praia, recordo-me de ser jovens e dois locais serem míticos: Portimão no Verão, a grande afluência de pessoas que existia e existe naquela época sazonal e também na praia da Figueira da Foz. Recordo-me de quando era mais jovem, já lá vão uns aninhos, de terem inúmeras pessoas sempre a ver os mundialitos, o que era algo de fantástico! Quem não se lembra do Zé Miguel na baliza, casos do Hernâni, aquele patrão lá atrás, epá e depois outros, mesmo já o próprio Belchior, Madjer, Alan, pronto, penso que aqui temos as duas situações mas casos flagrantes como estes três, Portimão, Nazaré e Figueira da Foz, tem mais desenvolvimento local.”* (Entrevistado 6).

1.6.3. As relações humanas distintas no futebol de praia

Sendo o futebol de praia um meio relativamente pequeno e onde a vertente económica está pouco presente, as relações interpessoais assumem-se como fundamentais para a evolução da modalidade mas também como fator diferenciador face a outras modalidades. Tal como refere Abrantes, a socialização é uma das condições base para que o ser humano sobreviva e evolua, *“Pela sua natureza social, o ser humano apenas pela socialização pode sobreviver, desenvolver-se e tornar-se pessoa. Ao nível das estruturas estritamente genéticas, é dos animais pior preparados para uma vida independente, dependendo de outros durante mais tempo e de forma mais intensa. Se lhe associamos a capacidade de desempenhar funções variadas e complexas, incluindo caminhar, conversar, aprender, pensar, ter consciência de si mesmo, tomar decisões racionais, divertir-se, etc., devemos reconhecer que resultam da interação com outros humanos durante longos períodos de tempo”* (Abrantes, 2011:122).

Começando pelo primeiro ponto, a questão das relações interpessoais serem um vetor de evolução e crescimento da modalidade, foi perguntado aos entrevistados se já tinham levado a que alguém experimentasse a modalidade – tendo em conta que desse modo, o número de praticantes pode aumentar. Todos eles assumem que já fizeram com que alguém experimentasse a modalidade. O entrevistado 1 assume que o fez, até para que os amigos percebessem a dificuldade inerente à modalidade - *“Sim, sim. Já, alguns amigos, já os desafiei a treinar e tudo, para eles sentirem as dificuldades, digamos que*

sim.” (Entrevistado 1). Já o entrevistado 4 assume que, em consequência do projeto que ele próprio iniciou, levou a que um grande número de pessoas experimentasse a modalidade, *“Eu diria que todas as pessoas da Madeira jogaram futebol de praia mais a sério devido ao Nacional, tivemos já jogadores na seleção, que aceitaram ir à seleção, já tivemos um que não aceitou ir à seleção... Já fiz com que muita gente da Madeira, e não só, comesse a jogar futebol de praia, curiosamente não são só pessoas jovens. Nós temos o caso, na equipa do Nacional, do Nuno Soares que com 28/29 anos começou a jogar futebol de praia em 2015. Portanto o Nacional já deu muitas oportunidades a muita gente.”* (Entrevistado 4). O entrevistado 6, mais sucintamente, assume que *“Já fiz com que alguém experimentasse, infelizmente não se adaptou. Mas gostou, gostou bastante.”* (Entrevistado 6).

Relativamente ao facto das relações interpessoais poderem ser distintas no futebol de praia em relação a outros desportos, a opinião dos vários entrevistados é unânime e assumem que esta diferença existe. No entanto, em relação às causas do estabelecimento destas relações, as opiniões já são mais diversas. Por um lado, alguns dos entrevistados afirmam que estas relações surgem fruto do resultado das condições endógenas da modalidade e da sua organização, que leva a que, apesar da periodicidade do contacto entre os intervenientes, quando este acontece é algo permanente pois passam longos períodos de tempo em permanente contato, acabando este por não se restringir apenas ao campo. Isto é ilustrado pelo entrevistado 1 dizendo que *“(…), tem características muito próprias que faz com que se calhar seja superior a todas as outras. Que é o facto de, por exemplo, quando estamos em estágios para competições e seleções, as equipas estão todas no mesmo hotel, há uma interação muito grande entre atletas, há uma amizade muito grande, o facto de podermos jogar em vários clubes, permite-nos ter vários companheiros de equipa, criar vários laços de amizade e então, aí, não se compara a todas as outras.”* (Entrevistado 1). O entrevistado 3 partilha da mesma opinião e diz que *“(…) o futebol de praia tem uma coisa boa, é que tu fazes estágios, tu estás junto com pessoas. No futebol de onze, isso não acontece. Tu treinas ... Tu fazes muitos estágios no futebol de praia e isso faz-te criar laços de amizade muito mais fortes do que no futebol de onze. Porque tens ali colegas que estás três/cinco dias, n vezes por ano, ou na seleção ou no clube que estás sempre em contacto com eles. A toda a hora, a todo o instante, dormem, comem, etc... Ou vão juntos para fora jogar, ou vão para outros campeonatos e isso faz-te criar uma amizade muito mais forte do que colegas que tens no futebol de onze.”* (Entrevistado 3). O entrevistado 4 partilha também a sua opinião, levantando também a questão de que estas relações se

estabelecem devido ao meio ser bastante reduzido “O espírito que se vive nos hotéis, fora dos campos, dentro dos campos é porque a modalidade é vista pelos jogadores... Porque a gente sabe que hoje estamos a jogar aqui, amanhã podemos estar do outro lado, portanto isso ajuda-nos muito e as relações interpessoais são muito grandes devido a isso e a modalidade está a crescer muito devido a isso.” (Entrevistado 4), completando, dizendo que “A nível pessoal, já disse aqui um e repito, no futebol de onze há muitos jogadores, no futsal também, não tens que ter aquela amizade com todos eles. No futebol de praia acabamos por ser só oito equipas na divisão nacional, oito equipas, se fizermos a 20 jogadores, são 160 jogadores, portanto acabas sempre por apanhar sempre as mesmas pessoas, se calhar daqui a um ano já estás a jogar na mesma equipa que eles, portanto existe muito mais amizade, mas uma amizade disfarçada, uma amizade, talvez há pessoas que fazem amizades para não ficar mal, porque daqui a um ano podem precisar e isso por vezes, esse núcleo pequeno como já referi, tem coisas boas mas também tem coisas muito más...” (Entrevistado 4). Já o entrevistado 5 afirma que “Tenho grandes amigos nas outras equipas e isso torna as coisas menos rígidas, ninguém se vai chatear por causa disto. Todos querem ganhar, claro que sim, mas há um respeito e um conhecimento muito grande entre as pessoas” (Entrevistado 5). Já o entrevistado 6 acredita que os grupos que se vão criando, se vão mantendo fora do período competitivo, revelando-se depois, útil em período competitivo - “Muito embora também tenha o seu peso a relação humana que se cria entre os grupos. Mais do que a sazonalidade da competição, é os grupos que criam e os laços que se criam entre as pessoas. No nosso caso do Clube Desportivo Nacional, isso acontece. É verdade, as pessoas reúnem-se com mais frequência na época de verão que é quando tem lugar a competição nacional, o campeonato. Mas durante o ano há sempre um grupo, há sempre um convívio, é difícil entre todos os elementos, mas entre grande parte deles vai-se falando através de jantares, almoços ou um simples café. (...) isso é visível não só neste grupo mas noutros grupos que nós vamos mantendo contato, e outras pessoas, amigos vá, digamos assim, que se vai criando também no desporto e na modalidade e isso é visível e está patente em cada uma das equipas e nas pessoas.” (Entrevistado 6). O entrevistado 5, por seu lado, não define que seja a sazonalidade e a intensidade das interações que determina a distinção do futebol de praia face a outros desportos, contudo, afirma que “É um desporto muito diferentes dos outros todos, não sei se isso é benéfico ou prejudicial, mas que é diferente, isso sem dúvida.” (Entrevistado 5)

Contudo, o entrevistado 4 deixa um reparo no seu discurso, ao afirmar que com o aumento da capacidade económica das equipas, as dinâmicas sociais intergrupais poderão continuar a existir mas o êxito desportivo dificilmente continuará a surgir vindo dessas equipas em detrimento daquelas que se apresentarão com os jogadores mais dotados internacionalmente. Quando questionado sobre se as relações interpessoais podem levar ao desenvolvimento do futebol de praia, o entrevistado afirma que *“Sim e não. Sim para aquelas equipas que estão semanalmente juntas, independentemente da chuva e isso fortalece. Há equipas que não, que só se juntam a partir de março, a partir de abril, um mês antes dos jogos, por isso essa questão é muito difícil, tanto dá para sim, como para não... Mas as grandes equipas, as que ganham, posso dar o exemplo que não porque é formado de grandes jogadores que só se juntam antes dos dias de jogos.”* (Entrevistado 4)

O futebol de praia constitui-se, então, como um meio de socialização, permitindo a criação de dinâmicas sociais próprias, assim como o surgimento de diversos grupos dentro do meio, ligados sempre pela prática desportiva que vai além do recinto desportivo.

1.7. Futebol de praia: desporto ou espetáculo?

Apesar de ser um tema que não foi abordado por todos os entrevistados, foi também um dos temas mais fraturantes entre os entrevistados. O futebol de praia, tem, desde sempre, uma forte componente de entretenimento voltada para o espetáculo, fora daquilo que é a prática desportiva em si. O fato de todos os jogos se realizarem com música a tocar ao mesmo tempo, o clima que as entidades organizativas fazem questão que envolva os jogos – espetáculos de dança nos intervalos, ou até realização de pequenos concursos para o público mais jovem entre os jogos –, e até mesmo as especificidades próprias da modalidade por se praticar (na maioria das vezes) na praia, durante o verão, coincidindo com o período de férias da maioria das pessoas – que se associa a um clima mais calmo e relaxado –, faz com que se possa questionar até que ponto, o futebol de praia não se encontra num enlace entre o desporto e o espetáculo que vai para lá do desportivo. No ponto de vista histórico, o facto de, no passado, ser visto como uma modalidade destinada a ex-jogadores profissionais de futebol de onze, pode também ajudar na compreensão desta dicotomia.

Em relação a esta dicotomia, os entrevistados acabaram por assumir três opiniões distintas. Por um lado o entrevistado 3 defende que a ideia de que o futebol de praia está mais voltado para o espetáculo está algo ultrapassada e já não se enquadra na realidade atual – *“Eu acho que isso do espetáculo já foi. Acho que isso do espetáculo já foi. Acho que é um desporto muito desgastante e muito complicado. Para quem joga ao mais alto nível, acho que ninguém tem dúvida... Para quem está de fora, não faz a mais pequena noção do que é que custa jogar futebol de praia, andar no futebol de praia, andar ao mais alto nível no futebol de praia, treinar, jogar, competir... Acho que isso na modalidade já foi quando jogava a malta que vinha do futebol de onze, acho que isso já foi.”* (Entrevistado 3).

Opinião completamente contrária a esta, é aquela que o entrevistado 4 assume, dizendo que *“Acima de tudo, como um espetáculo! Acho que hoje em dia ninguém consegue viver disto, não quer dizer que num desporto, os jogadores tenham que viver disso, não, mas acho que acima de tudo é um espetáculo, acima de tudo é um espetáculo até pelos espetáculos que existem dentro de campo, nos intervalos dos jogos existe o espetáculo de meninas, antes dos jogos existe outros, portanto isto é visto como um espetáculo acima de um desporto.”* (Entrevistado 4).

Opiniões menos fraturantes são as dos entrevistados 5 e 6 que consideram que o futebol de praia acaba por ser a junção entre desporto e espetáculo ao dizerem *“Acredito que vai ou que deve ser sempre visto como as duas componentes.”* (Entrevistado 5), e de forma mais extensa *“Eu acho que tudo o que é desporto, promove o espetáculo. Temos isto nas várias modalidades, seja no basket, seja no andebol, seja no futebol, ... O futebol de praia, pela sua criatividade, pelo que é possível fazer com a bola de futebol, eu penso que cria espetáculo, não é? Temos os tais brinca na areia que têm possibilidade de fazer coisas fantásticas, parecem fácil para os comuns mortais, como se costuma dizer, mas só quando pisamos a areia e tentamos fazer aquilo que eles fazem, percebemos que não é assim tão fácil.”* (Entrevistado 6)

1.8. Nazaré: um dos berços do futebol de praia português

A Praia da Nazaré é, desde há alguns anos, reconhecida dentro do panorama desportivo nacional como um dos locais marcantes ao nível do futebol de praia. Contudo, e antes de passar à explicação deste facto, acho que se considera relevante

fazer uma caracterização demográfica da região, dando, desde já a conhecer, algumas das condições que permitem que o futebol de praia se desenvolva na Nazaré de forma única.

O concelho da Nazaré tem, segundo os dados dos últimos Censos (2011) 15158 indivíduos, no que ao número de residentes diz respeito. Situa-se no distrito de Leiria, na zona norte da Região Oeste (NUTS III), tendo 3 freguesias: Famalicão, Valado dos Frades e Nazaré e uma área total de cerca de 83 km². No que à vila da Nazaré diz respeito, é uma vila piscatória, com uma forte densidade populacional na zona mais próxima da praia.

A nível desportivo, no concelho, existem 11 associações desportivas – apoiadas financeiramente pela Câmara Municipal, durante o ano transato. Durante os últimos meses, foram disputadas diversas competições internacionais de futebol de praia com destaque para a Eurowinners Cup (Liga dos Campeões Europeus de Futebol de Praia), a segunda etapa da Euro Beach Soccer League (Liga Europeia de seleções), a Taça Europeia de Seleções (Feminino) e ainda a Fase Final dos Campeonatos Nacionais.

Todo este desenvolvimento, tem, também um ponto de vista histórico. A Nazaré tem 12 internacionais (e ex-internacionais) portugueses de futebol de praia que residem no seu concelho, algo que demonstra bem a importância que assume no panorama nacional do futebol de praia. O entrevistado 3 vê este facto como um fator distintivo e de autenticidade da qualidade dos jogadores e da comunidade que ali existe – *“Nunca haverá um sítio com este número de habitantes a produzir jogadores desta maneira! Penso que é uma coisa que faz parte, já, da cultura da Nazaré.”* (Entrevistado 3) Existe, atualmente, um clube de futebol de praia na Nazaré, a ACD O Sotão, que, para além da equipa sénior, conta, também, com equipas de formação. Isto é algo que já acontece há alguns anos como nos explica o entrevistado 3 *“Comecei em 2004, a gente jogava nos Nazarenos, nas camadas jovens, e o nosso treinador era jogador do Sotão, e o Sotão quis fazer uma coisa que nunca tinha sido feita em Portugal, que era as escolinhas de futebol de praia.”* (Entrevistado 3). Para além disso, e do ponto de vista histórico, existia, na Nazaré, um torneio 24 horas que era ponto de encontro entre os diversos jogadores de todo o país – *“Na altura o 24 horas era um torneio de 24 horas de futebol de praia, onde vinha gente de todo o país, vinha o Zé Maria, vinha malta de*

todo o país. Era um torneio grande! E a gente crescia nesse âmbito, (...)” (Entrevistado 3).

Quando questionado sobre se via a prática de futebol de praia como uma herança cultural, o entrevistado 3 diz que *“A Nazaré sempre foi uma terra com tradição no futebol de praia. Para tu teres noção, o único jogo que a seleção perdeu, em toda a história, com equipas, foi aqui na Nazaré. A seleção já veio duas vezes à Nazaré e nunca ganhou... A gente crescia a ver isso!”* (Entrevistado 3) e reforça, dizendo *“E tu acabavas por crescer aqui, nós passávamos o verão a jogar à bola. O Jordan mora ali, passávamos o verão a jogar à bola na praia... Acabava por ser uma coisa natural que quem jogava à bola tinha que jogar futebol de praia, tinha muita fama na Nazaré, percebes?”* (Entrevistado 3). Para além disso, dá também o exemplo da sua geração e o percurso que fizeram ao longo das equipas de formação até (alguns deles) à chamada da seleção nacional *“Na altura conseguimos jogar contra a Foz do Arelho, Figueira da Foz e São Martinho do Porto, em contacto também fizeram lá umas equipas de miúdos e a gente começámos a jogar. (...) Com 18 anos... Esse grupo todo, era eu, o Tiago Lopes que já jogou na seleção, que era o Daniel, era pessoal que joga aqui no Sotão, era o Jordan... Dessa equipa de 2004, três foram internacionais, e os outros só não foram porque acabaram por se perder... Em 2008, a gente já tinha 18 anos, eles aproveitaram esse grupo de jovens, formaram... Juntaram à equipa senior, porque o Sotão já era campeão nacional na altura, já tinha ganho os Masters em Portugal, era a melhor equipa portuguesa...”* (Entrevistado 3). Para além destas conquistas, há ainda a referência a dois jogos disputados entre a equipa local e a seleção nacional, há alguns anos, mas que ainda hoje são lembrados *“A Nazaré sempre foi uma terra com tradição no futebol de praia. Para tu teres noção, o único jogo que a seleção perdeu, em toda a história, com equipas, foi aqui na Nazaré. A seleção já veio duas vezes à Nazaré e nunca ganhou...”* (Entrevistado 3). As memórias e a referência a estes resultados, embora tenham ocorridos há bastantes anos, traz a ideia de orgulho nos feitos já conseguidos e que distingue a Nazaré de outros locais com tradição no futebol, tornando-a única, na visão de quem é natural dali.

Um dos pontos de interesse que o entrevistado 3 refere ao longo do seu discurso prende-se com o facto de os mais jovens, ao terem como referência os jogadores adultos naturais da Nazaré, assim como acompanharem o sucesso, faz com que haja uma certa renovação desta comunidade local, assim como haja uma maior motivação por parte dos

mais jovens para que atinjam os níveis que já foram alcançados – *“E penso que com o decréscimo grande da equipa de futebol de onze, tem caído bastante, penso que há um tempo para cá, não tenho problema em afirmar que o primeiro desporto na Nazaré, se calhar o que mais ligam, e que dão mais importância, porque depois uns jogam na seleção, outros foram campeões do mundo, outros jogam no Braga, outros jogam no Sporting, e acaba por dar a Barcelona Cup, o Torneio do Irão ou o Mundialito de Clubes, acaba por dar imensas coisas que as pessoas gostam de ver e gostam de seguir, e que acabam por se identificar, e depois toda a gente gosta e toda a gente acaba por gostar.”* (Entrevistado 3). Para além da questão do acompanhamento dos mais novos e da sua crescente ambição, o entrevistado afirma mesmo que o futebol de praia acaba por ser o desporto com mais impacto na vila da Nazaré, algo que se justifica não só pelo sucesso individual dos atletas que ali residem mas também na organização de grandes eventos internacionais como já foi abordado no início deste ponto.

. Falando também do seu exemplo pessoal, recordando os seus tempos de criança, o entrevistado 3 refere que *“É assim, eu tenho uma foto, que já levei para um estágio do Sporting, em 2001, a seleção a jogar aqui, e eu atrás do Madjer com uma bola.”* (Entrevistado 3). Para além disso, refere também a importância que teve para o seu desenvolvimento, poder assistir e vivenciar os sucessos das gerações mais velhas, reconhecendo que isso lhe deu uma motivação extra para apostar na modalidade – *“Tenho a certeza que quando eu tinha 10/11 anos e via a seleção a perder aqui com o Sotão, e via o Fabinho e via o Hilário, e via aquela primeira geração que já nem joga, e dizia que gostava um dia de jogar como eles e de ser como eles... E era isso que me motivava a ir aos treinos!”* (Entrevistado 3). Sobre este tema, e relacionando-o com o impacto que os eventos recentes podem vir a ter na comunidade local e nos seus jovens, o entrevistado 3 diz que *“Tenho a certeza que daqui a dez anos teremos outra geração do Sotão a chegar à seleção, terá outra geração a fazer coisas bonitas. Eu ontem cheguei, passei no treino e estavam 18/19 a treinar. Estavam lá 7 miúdos...”* (Entrevistado 3).

Todas estas dinâmicas favoráveis ao fortalecimento da comunidade local, e até para o seu crescimento, começaram a ter reconhecimento por parte das entidades, nomeadamente da Câmara Municipal da Nazaré. Este reconhecimento teve o seu ponto alto na organização dos eventos já referenciados mas não se reduz a isso. O campo de

futebol de praia na Nazaré – batizado como *Estádio do Viveiro* – é um dos poucos (se não mesmo o único) que se encontra montado durante todo o ano numa praia, permitindo assim que haja uma preparação constante por parte dos jogadores que ali residem. Para além disso, o apoio estende-se também a medidas mais concretas – “*Aqui deu porque nós aqui temos apoios aqui do município, da Camara, temos muitas facilidades... Precisamos de umas redes, as redes ficam, as balizas ficam... Precisamos de água, temos água, precisamos de ir treinar a um ginásio, temos um ginásio... Ajudam-nos bastante.*” (Entrevistado 3). Para além disto, houve ainda, recentemente, o estabelecimento de uma parceria entre o município e quatro jogadores atualmente internacionais portugueses, com vista a possibilitar-lhes melhores condições nas suas preparações, havendo o retorno ao publicitarem a marca *Praia do Norte* – marca detida pela Câmara, criada devido ao investimento também realizado na divulgação e promoção da Praia do Norte da Nazaré e às ondas gigantes.

IV. Considerações finais e pistas futuras

1.Principais conclusões

Chegando ao fim deste trabalho, posso concluir que o futebol de praia, à imagem de qualquer desporto, sendo profissionalizado ou não, implica sérias relações entre os vários meios sociais em que um individuo se insere. Apesar de ser um desporto relativamente recente, quando comparado com os desportos mais praticados em Portugal, começa a ter os seus marcos históricos, locais característicos e uma subcultura própria e independente.

A relação com os meios sociais primários e fundamentais para qualquer indivíduo – família e amigos – acaba por ser pacífica, havendo um apoio que se revela fulcral para que os jogadores continuem a empenhar-se e a dedicar-se fortemente a um desporto que, reconhecidamente, os prejudica seriamente nas relações com aqueles que lhes são mais próximos. A conciliação entre estes meios sociais não é fácil, contudo, e por se tratar de algo que permite a realização pessoal dos indivíduos, há uma maior compreensão e apoio por parte das relações interpessoais mais próximas.

A prática de desporto é tida como fundamental na vida dos indivíduos, sendo vista como um meio de libertação de *stress* e nervosismo que o ritmo da vida quotidiana lhes traz. Há uma melhoria significativa, nos indivíduos que constituem a amostra deste trabalho, da qualidade de vida devido à prática desportiva regular, não só pelo alívio psicológico mas também pela possibilidade de satisfazerem o desejo de conquistas, o realizar de sonhos ou ainda o sentimento de integração e pertença grupal, tendo, inerente a isso, o alargamento da rede interpessoal dos indivíduos.

A relação entre a prática desportiva (não-profissional) e a vida profissional dos sujeitos será sempre algo complexo e de difícil conciliação pelo tempo que o desporto ocupa no quotidiano. No caso específico do futebol de praia, e por se tratar de um desporto relativamente pequeno, que se disputa ao longo de todo o território nacional, para além do tempo que ocupa, há que ter em conta o desgaste que tem nos indivíduos, podendo ainda, no caso dos atletas de topo no panorama nacional, envolver deslocações ao estrangeiro e a necessidade de estar períodos relativamente longos distantes do seu local de residência, tornando-se, então, a conciliação com a vertente profissional de

difícil gestão, no caso de se tratar de um trabalhador por conta de outrem. Relativamente à conciliação com a vida académica, o maior constrangimento acaba por ser a ocupação do tempo, com destaque para o início do período competitivo que coincide com o término do ano letivo, coincidindo, também, com uma época de exames, havendo o prejudicar da vida académica devido à prática desportiva.

Do ponto de vista financeiro, o desporto tem-se afirmado como um dos mercados onde se movimentam mais recursos, sejam eles financeiros ou humanos. Contudo, o futebol de praia consegue, ainda, não se incluir nessa perspetiva pelo que não há grande investimento por parte dos clubes devido à falta de visibilidade que o desporto tem. Este facto, acaba por se afirmar como um vetor de duplo sentido: por um lado, ao haver pouco investimento, os jogadores que tentam ter o máximo de lucros possíveis, circulam por vários campeonatos de modo a ganhar mais, porém, isto pode acabar por ser um entrave ao investimento dos clubes, pois não irão investir em algo que acaba por não ser exclusivamente seu. Apesar disto, será muito redutor apontar este facto como o único travão ao investimento da modalidade, já que na realidade, e analisando a vertente económica de qualquer desporto, o que mais contam são os valores financeiros. Então, a falta de visibilidade surge como o grande entrave a um maior investimento por parte dos clubes e de potenciais patrocinadores, pois, apelando à racionalidade económica, ninguém quer investir sem ter qualquer retorno. Esta característica tende a ser estrutural no futebol de praia, influenciando a maioria das relações que se criam dentro deste desporto, podendo então, afirmar-se que se trata de um desporto que se afirma independente das forças impostas pela ideologia capitalista vinculada à maioria dos desportos.

As motivações dos jogadores de futebol de praia não diferem muito das motivações de qualquer desportista: praticar desporto, pertença grupal e busca pelo sucesso. Contudo, relativamente à busca pelo sucesso, acaba por não se assumir como fundamental visto que, ainda, não há uma forte tradição no nosso país resultado também da pouca visibilidade do futebol de praia. Na maioria dos casos, dentro da amostra deste trabalho, os indivíduos iniciam-se no desporto por influência dos seus pares e só aquando da perceção de que podem, num futuro próximo, atingir o sucesso, investem seriamente no futebol de praia.

À semelhança do futsal, quando o futebol de praia surgiu, dependia, de forma extrema, dos jogadores (ou ex-jogadores) de futebol de onze. Porém, ao longo dos últimos anos isto tem-se vindo a alterar e neste momento são muito raros os casos de jogadores de futebol de onze que se encontrem na elite do futebol de praia. Podemos então afirmar que se está a verificar um processo de independência do futebol de praia em relação às outras modalidades. Esta independência deve-se, essencialmente, à evolução da exigência do jogo, levando a que seja necessário uma preparação longa e não compatível com uma época de outro qualquer desporto. Apesar desta independência, a diferença de recursos para a prática desportiva continua a ser enorme, comparando essencialmente com o futsal ou com o futebol de praia. A falta de campos fora da época competitiva é a maior lacuna para os praticantes de futebol de praia, senão que a falta de apoios é também um ponto importante.

Devido à falta de investimento existente no futebol de praia, acaba por ser um desporto mais *puro* onde as relações humanas são mais intensas, devido, também, às condições endógenas da modalidade que as entidades organizativas fornecem. Fatores como a permanência no mesmo hotel de todas as equipas em determinadas competições, a possibilidade de se disputar diversos campeonatos, e com isso, ter diversos companheiros de equipa, assim como o facto da preparação das equipas se centrar muito na realização de estágios, provoca uma intensidade de relações interpessoais única e diferenciadora face a outros desportos. Para isto, há que ter em atenção a dimensão do meio social do futebol de praia, que, sendo relativamente diminuto, contribui para que haja um grande conhecimento entre todos os intervenientes.

Devido ao desenvolvimento de relações humanas distintas, de maior proximidade, conhecimento e amizade, podemos então afirmar que existe uma comunidade envolvente ao futebol de praia em Portugal. Esta comunidade acaba por ser um dos vetores fundamentais para o desenvolvimento da modalidade, especialmente na conquista de melhores condições de jogo e para os jogadores. Contudo, a nível organizativo, há quem considere que o facto de não haver mudanças nas pessoas responsáveis, isto acaba por permitir que haja um certo entrave à evolução do futebol de praia nacional. Podemos concluir que existem duas fações dentro da comunidade: por um lado, uma comunidade composta essencialmente por jogadores, aberta, onde, apesar

de existirem algumas incompatibilidades, acaba por existir uma busca constante por melhores condições que permitam a evolução do futebol de praia; por outro lado, existe uma fação composta por pessoas que se inserem há um longo período na modalidade que pode levar à estagnação da mesma, por falta de inovação e de ideias, funcionando um pouco como um travão na intenção do primeiro subgrupo referido.

Dentro da comunidade nacional, desenvolveram-se, ao longo dos anos, comunidades locais, devido, essencialmente à realização de competições internacionais naqueles locais – com destaque para o *Mundialito de Futebol de Praia*. Podemos referir quatro comunidades a nível nacional: Póvoa do Varzim, Figueira da Foz, Nazaré e Setúbal. Nestes locais, há atletas a treinar regularmente, havendo uma elevada percentagem de atletas na Divisão de Elite que provém destes locais. Estas comunidades fazem com que jogadores que se defrontam durante o período competitivo, treinem juntos de maneira a evoluírem mutuamente de forma a elevar o nível desportivo do futebol de praia nacional. Durante o período não competitivo, há ainda registo para alguns jogos realizados entre os membros das comunidades de forma a não ser um treino redundante e isolado.

Falando de comunidades, a Nazaré assume-se como o berço maior da modalidade em Portugal devido às diversas condições naturais, culturais, humanas e até políticas que levam a um forte desenvolvimento não só da modalidade mas também do sentido de comunidade ali existente, havendo fortes motivações provenientes de uma herança cultural ali existente que leva a afirmar que o futebol de praia, na Nazaré, assume o papel de desporto com mais impacto na sociedade.

2.Pistas futuras

Como pistas futuras, gostaria que houvesse uma maior abertura por parte das ciências sociais em estudar os fenómenos desportivos, pois estes são elementos estruturantes que qualquer meio social, funcionando como espelho do contexto sociocultural onde decorrem. A análise não se deve cingir apenas aos desportos de massas, mas, procurando analisar e trazer a debate as práticas desportivas mais específicas e características de cada meio social.

Considero que seria interessante compreender e avaliar os impactos que o desporto têm para a constituição de um sentimento de pertença grupal e, conseqüentemente, para a criação de comunidades locais, tendo em conta os benefícios globais que os eventos desportivos podem trazer as localidades e aos seus habitantes.

Penso que a realização de mais trabalhos nestas áreas pode e deve conduzir a uma melhoria das condições existente em cada desporto, procurando também, divulgar os diversos desportos existentes, as suas vantagens e os impactos – económicos, sociais e culturais – que podem ter para aqueles que neles se envolvem.

Sobre este trabalho em concreto, a metodologia utilizada não é, de todo a mais abrangente e passível de generalizações, contudo, foi aquela que me permitiu recolher uma maior quantidade de informação, tendo em conta os objetivos iniciais do trabalho. O meio desportivo é, e sempre será, um meio diverso com indivíduos com os mais variados percursos que vida, pelo que, nunca se irá esgotar a possibilidade de novos trabalhos, sobre qualquer tipo de desporto.

Referências Bibliográficas

ABRANTES, Pedro (2011) - Para uma teoria da socialização. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. [em linha]. Vol. XXI, 2011, p.121-139. [consultado a 04.ABR.2017]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9864.pdf>

BONNEWITZ, Patrice . **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre (1979) - **La distinction; critique social du jugement**. Paris: Ed. Minuit. [em linha]. [consultado a 10.NOV.2016]. Disponível em <http://madagascar-interculture.le-monsite.com/medias/files/bourdieu-critique-sociale-du-jugement.pdf>.

BROMBERGER, Christian (1995) - Football as world-view and as ritual. **French Cultural Studies**. [em linha]. Nº6, p.293-311. [consultado a 22. OUT. 2016]. Disponível em <http://history.msu.edu/hst455/files/2012/05/Bromberger-1995.pdf>

CARVALHO, Mauro (2012) - A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR. **Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul**. [em linha]. v.20, nº 1, p.209-227, jan./jun.2012. [consultado a 16.MAI.2017]. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/2161/2521>

CLARO, Vanessa (2016) - **Percursos de jogadores de futsal portugueses: uma pesquisa sobre socialização**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

COSTA, António da Silva – Desporto e análise social. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto** [Em linha]. Série I, vol. 02 (1992), p. 101-109. Consultado pela última vez em 6-01-2016. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6671.pdf>

DUBAR, Claude (2006) - **A crise das identidades: A interpretação de uma mutação**. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 978-972-36-0835-9.

DUBAR, Claude (1997) - **A Socialização: Construção das Identidades Sociais**. Porto: Porto Editora. ISBN 2-200-21620-3.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric (1992) – **A busca da excitação**. Lisboa: Difel. ISBN 972-29-0203-2.

FREITAS, Clara (2000) - **O Significado Social do Desporto nas Classes Sociais: uma análise do fenómeno**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em Ciências do Desporto.

GIDDENS, Anthony (1997) - **Modernidade e Identidade Pessoal**. 2ª ed. Oeiras: Celta Editora. ISBN: 972-8027-73-7

LAHIRE, Bernard (2013) – **O singular plural**. [em linha]. p.16-26. [consultado a 03.DEZ.2016]. Disponível em http://sociofilo.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2013/12/2_Lahire.pdf

LAHIRE, Bernard (2005) - **Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual**. Sociologia, Problemas e Práticas. Nº 49, pp. 11-42. [em linha]. [consultado a 02.DEZ.2015]. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n49/n49a02.pdf>.

LOPES, João Teixeira (2014) - Retratos sociológicos. Dispositivo metodológico para uma sociologia da pluralidade disposicional. In TORRES, Leonor Lima e PALHARES, José Augusto, org - **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais da Educação**. V. N. Famalicão: Húmus. ISBN 978-989-755-050-8. p. 99-112.

MARIVOET, Salomé (2014) – Inclusão social no desporto. Contributos para uma nova área de investigação. In Congresso Português de Sociologia, VIII, Évora, 2014 - **40 anos de democracia(s): progressos, contradições e prospetivas**. [em linha]. p.1-12 [consultado a 14.OUT.2016]. Disponível em http://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0684.pdf.

MARIVOET, Salomé (2000) - **PRÁTICAS DESPORTIVAS NA SOCIEDADE PORTUGUESA (1988-1998)**. in IV Congresso Português de Sociologia

[Em linha]. Consultado pela última vez em 7-01-2016. Disponível em https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1610/1/SMarivoet_IV%20Congresso%20Portugu%C3%AAs%20de%20Sociologia_1.pdf

MARIVOET, Salomé (1997) – Dinâmicas sociais nos envolvimento desportivos. **Sociologia – Problemas e Práticas**. [Em linha]. N°23, p. 101-113 Consultado pela última vez em 7-01-2016. Disponível em <https://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/858/1/8.pdf>

NUNES, João Sedas (2012) – PARA UMA SOCIOLOGIA DA CONDIÇÃO ADEPTA (DE FUTEBOL) EM PORTUGAL. In Congresso Português de Sociologia, VII, Porto, 2012 – **Sociedade, Crise e Reconfigurações**. [Em linha]. p.1-11. [consultado a 12.NOV.2016]. Disponível em http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0902_ed.pdf

PINTO, José Madureira (1991) – **Considerações sobre a produção social de identidade**. Revista Crítica de Ciências Sociais, Faculdade de Economia da Universidade do Porto. N° 32, pp. 217-231. [em linha]. [consultado a 18.NOV.2015]. Disponível em: <http://www.ces.fe.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/32/Jose%20Madureira%20Pinto%20-%20Consideracoes%20Sobre%20a%20Producao%20Social%20de%20Identidade.pdf>.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1969) - Família e "Socialização": um Aspecto da Evolução Social Contemporânea. **Análise Social**. [em linha]. Vol. VII, 25-26, p. 67-84. [consultado a 15.MAI.2017]. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224253589K0xTB3uv8Hy76SY8.pdf>

STONE, G.P., American Sports: Play and Dis-Play em Eric Dunning (ed.), **The Sociology of Sport: a Selection of Readings**, Londres, 1971.

RIGAUER, Bero, **Sport und Arbeit**, Franckfurt, 1969.

Anexos

Anexo 1. Guião de entrevista nº1

- 1) Como começou a jogar futebol de praia?
- 2) Por que razão começou a jogar? Houve influência de alguém próximo de si?
- 3) Já fez com que alguém experimentasse a modalidade?
- 4) Sendo uma modalidade relativamente recente, durante a sua infância e adolescência, já acompanhava a modalidade? Se sim, de que maneira?
- 5) Qual a influência do seu grupo de amigos na prática deste desporto? E da sua família?
- 6) Até que ponto o futebol de praia é importante para si?
- 7) Considera que existe uma comunidade em torno da modalidade?
- 8) Quais as principais diferenças do futebol de praia para as outras modalidades que conhece?
- 9) Quais os valores predominantes do futebol de praia?
- 10) Quais os fatores que considera serem determinantes para a diferenciação do futebol de praia face a outros desportos?
- 11) Se tivesse que resumir o futebol de praia em três palavras, quais seriam?

Anexo 2. Guião de entrevista nº2

- 1- Que idade tem?
- 2- Onde vive?
- 3- Que habilitações literárias possui?
- 4- Estuda? Se sim, o que estuda?
- 5- Trabalha? Se sim, qual a profissão?
- 6- Considera que a sazonalidade da modalidade é algo que fortalece as relações criadas entre os vários intervenientes, tornando-as por isso distintas de outros desportos?
- 7- Considera que o facto do estabelecimento dessas relações contribuírem para a melhoria do futebol de praia, dentro e fora de campo?
- 8- O facto de se poder representar diversos clubes numa mesma época faz com que se mantenha relações com um elevado número de pessoas. No entanto, considera que isto pode ser um entrave ao investimento na modalidade visto que não existe exclusividade na utilização do jogador por parte do clube?
- 9- As diferenças entre o futebol de praia e o futebol de onze, existem apenas pelo desenvolvimento tardio do futebol de praia ou considera que elas se manterão devido a características próprias do mesmo?
- 10- A comunidade existente em torno do futebol de praia, é algo positivo para a modalidade? Leva ao fechamento da modalidade? Considera que pode levar à estagnação no desenvolvimento da modalidade?
- 11- Podemos falar em comunidade ou comunidades locais em torno do futebol de praia?
- 12- O futebol de praia deve ser visto exclusivamente como um desporto ou também como um espetáculo?
- 13- Como foi a conciliação entre o futebol de praia e a sua formação académica? E com a sua vida profissional?
- 14- E a conciliação com a sua vida pessoal e familiar?

(apenas para os entrevistados da Nazaré)

- 15- Considera que o futebol de praia acaba por ser uma herança cultural da Nazaré? Uma tradição, de certa forma?

Anexo 3. Categorização das entrevistas

Categoria de análise	Excerto
Influência da família	“O apoio é incondicional como costuma dizer o meu irmão e atrevo-me a dizer que sem esse apoio, neste momento não estaria a jogar.” (e1) “A família, nunca ligou muito ao futebol de praia em si em termos de futuro porque era mais o futebol, na altura, também não se ouvia tanto...” (e2) “É nenhuma... Os meus pais são divorciados, o meu pai, a parte do meu pai é da Arroquelas, uma vila no Ribatejo, eles queriam que eu fosse forçado, ou que andasse a pegar touros e eu sempre vivi aqui com a minha mãe e com a minha avó...” (e3) “A nível de futebol de praia, a minha família ajudou-me sempre muito, (...) . Curiosamente, o Nacional, quando começou as suas idas a Oceanside, em 2011, deveu-se muito, essencialmente, ao apoio financeiro da família (...)” (e4) “É grande. Dão-me bastante apoio, quer no início, quando comecei, os meus pais, quer depois de casar, a minha mulher.” (e5)
Conciliação com vida pessoal e familiar	“É assim, a tua mãe, o teu pai, a tua avó, estão sempre contigo... Agora em relação à tua namorada... A minha namorada estuda em Lisboa... Em Setembro começou as aulas. Eu no ano passado, saí no fim de semana de 9 e 10 de maio, parei no fim de semana de 29 e 30 de agosto... E ela no fim de semana a seguir começou as aulas... Não é fácil, não é fácil... Ou tens uma pessoa que aceita e que gosta de ti... Eu cheguei hoje a casa e estava há 27 dias sem estar em casa. Porque tivemos aqui um torneio, fomos para a Figueira da Foz uma semana e meia antes da Eurowinners, viemos diretamente para aqui, a Eurowinners acabou no domingo, eu viajei na

	segunda de manhã... Cheguei ontem. E ela foi hoje para Lisboa, de manhã... Tive com ela ontem 4/5 horas. Ela teve que ir para Lisboa para estudar... É assim, não é fácil. Mas tens que ter uma pessoa que te conhece já há 7 ou 8 anos, ou que aceita muito bem, mas não é fácil. Principalmente, não é fácil porquê? Porque qualquer relação normal ou escolar ou tu trabalhares, chega a uma altura em que vais ter férias, férias de verão, e as férias, é para jogar... Então desde que eu tenho a loja, a loja vai fazer um ano dia 13 de julho, no próximo mês, eu não tenho um dia para ir à praia. Porque é assim, eu quando estou cá, tenho que estar aqui o máximo de tempo possível, para que, quando não tiver, ou a minha mãe, ou a minha avó, ou pagar a alguém o mínimo possível para estarem aqui umas horas. Mas é assim, são opções... São opções de vida! Não é fácil!” (e3) “O futebol de praia exige que passe fins-de-semana fora, que perca bastante tempo e temos que coordenar bem as coisas e haver alguma compreensão para que tudo seja possível...” (e5) “Não é fácil porque estarmos a ir fazer um jogo à figueira da foz ou a ir fazer um jogo a Ansião, por exemplo, implica um sábado que deixa de existir para a família, portanto nunca é fácil essa conciliação, mas isto são opções que se têm na vida...” (e5) “Penso que aqui falo por mim e pelos restantes amigos e também colegas do Nacional, mas também pelos outros colegas das outras equipas a nível nacional, praticamente todas, quem – esposa, namorada, companheira- não é fácil... São muito dias fora, são muitas horas que se perdem, são muitos fins-de-semana que se perdem, são horas que podíamos estar a passear, com a família, com os filhos, com a namorada, pronto, uma série de situações que podíamos estar a fazer e
--	---

	abdicamos disso tudo... Ou melhor, quem está ao nosso lado, abdica para nos ver feliz, para nos ver concretizar um sonho e uma satisfação e realização pessoal.” (e6) “portanto eu mais do que o valor que eu dou aquilo e ao esforço que faço, dou ao esforço de quem está por trás de mim ou ao meu lado, porque acho que é de valor a quem está connosco, quem nos atura em todas as viagens, todos os estágios, todas as horas perdidas e não compartilhadas, são sempre compartilhadas, mas pronto, não estamos lá naquele dia para ir ao cinema, para ir levar o cão à rua, para fazer uma série de situações que podíamos estar a ajudar também.” (e6)
Influência dos amigos	“(…)desde muito cedo sempre vivi com um grupo de amigos que gostava de praticar desportos na praia, não só futebol de praia, mas também futevolei, e uma coisa leva a outra...” (e1) “(…) foi um bocado um grupo e olha, vamos todos, vamos fazer isto. Jogávamos todos à bola, portanto também era fácil fazer isso. Mas foi um bocado, entrávamos em torneios de futsal, depois entrámos também no futebol de praia, depois o Rui (Delgado) também tinha a equipa e depois daí para a frente já comecei a entrar também.” (e2) “Sempre gostei de jogar à bola, foram os meus amigos e a paixão que eu tenho pelo desporto...” (e3) “(…) porque nós em Agosto, entre os 14 e os 20 anos vamos sempre, Julho e Agosto, para a ilha do Porto Santo e eles organizavam lá sempre uma semana e nós acabámos por nos inscrever, tínhamos uma equipa onde a maior parte tinha 16 anos, 17 anos e jogávamos futebol de praia como podia ter sido outro desporto, não foi nada assim...” (e4) “A nível de futebol de praia, a minha família ajudou-me sempre muito, os amigos também, até tenho grandes amigos a jogar futebol de praia. Curiosamente, o nacional, quando começou as suas idas a Oceanside, em 2011, deveu-se muito,

	essencialmente, ao apoio financeiro da família e dos amigos. Portanto, eu diria que sem eles, esta modalidade não existiria na vertente do Nacional, portanto é alta.” (e4) “(…) o futebol de praia já me deu mais do que eu a ele, já me deu amigos para o resto da vida,(…)” (e4) “Comecei com os meus amigos, com 16 anos. Inscrevemo-nos num torneio que havia e gostámos, fomos continuando.” (e5) “É assim, a influência não é muita, como já disse, comecei através do João Pedro Oliveira, mas nenhum dos meus amigos pratica ou praticou alguma vez futebol de praia. Portanto, digamos que a influência é quase nula. Ou é nula mesmo” (e6)
Vertente financeira - jogadores	“Óbvio que por ser uma modalidade que não nos permite viver dela, de não ser sustentável,(…)” (e1) “(…)não só grandes, mas também médios/bons jogadores continuem a praticar a modalidade, porque conseguem ir buscar rendimentos a vários sítios, ok? Como eu disse, é uma modalidade sazonal, e quando aqui é inverno, nós temos que ir buscar fontes de rendimento a outros lados.” (e1) “Hoje em dia é uma coisa que posso dizer que posso ganhar dinheiro. Hoje em dia consigo tirar para mim, no verão consigo juntar um pézinho que me ajuda bastante na minha vida e no meu futuro.” (e3) “Não é aquele dinheiro que ganhas no verão, ou a ir a um torneio internacional ou uma coisa qualquer que dá para construíres uma casa, para comprares um carro... Tens que ter sempre alguma coisa... Se quiseres ter um bom futuro... Se viveres em casa dos pais, for só para pagar as despesas, o dinheiro que ganhas no verão, se calhar até dá.” (e3) “O clube tem que investir nesse jogador para esse jogador não sentir necessidade de sair para outros clubes ou para outros países. A meu ver, 90... É claro que chegas a uma idade que gostas de ir experimentar o campeonato da Itália, uma vez,

	gostas de ir experimentar, para ver... Mas a seguir a essa uma vez, 95% das pessoas que saem, saem por necessidade... Certamente que se tu disseses a qualquer um dos que joga futebol de praia em Portugal, que tem o trabalho, que tem os seus filhos, se lhe pagarem bem em Portugal, ele tem necessidade em ir sair? Apanhar o voo às cinco da manhã, às sete, treinar não sei quantas vezes por semana, não sei para onde, voltar ... Ninguém tinha vontade de sair. É claro que como o ser humano gosta de experiências, toda a gente tinha essa vontade, agora, penso que se não fosse isso, se não fosse essa possibilidade de jogar em vários campeonatos, em várias equipas, em ganhares o teu, penso que já tinha havido muita gente que já tinha desistido de jogar futebol de praia, porque infelizmente em Portugal, ainda não há a capacidade financeira de tu teres uma exclusividade máxima.” (e3) “(...) porque a nível financeiro o futebol de praia não me dá nada, já deu, mas já há uns anos que não dá, e se eu não gostasse mesmo disto, já tinha deixado (...)” (e5) “Isso, depois, por consequência, traria mais dinheiro, e aqueles que andam aí pelo dinheiro, não teriam necessidade de andar aí de uma equipa para a outra.” (e5) “(...)acredito que o futebol de praia ainda tenha muito para crescer e ainda tenha muito para ganhar a nível de condições financeiras.” (e5) “É um hobbie, como em muitos, se calhar 90% a nível da modalidade para não dizer só do Nacional, é um hobbie,(...)” (e6)
Vertente financeira – equipas vs patrocinadores	“Porque os clubes se calhar não investem tanto, porque acabam por não ter os atletas só para si, de trabalhar com eles num longo período, de se calhar ter a capacidade de arranjar apoios e patrocinadores para uma modalidade que tem uma visibilidade muito reduzida.” (e1)

	“Estou num clube que graças a Deus tem uma boa capacidade financeira, que está a apostar na modalidade e que a solução passa por combater com as mesmas armas que os outros.” (e1) “Penso que pouco a pouco o Braga vai reconhecendo a sua equipa de futebol de praia e vai ajudando, o Sporting a mesma coisa, estou a ver o Belenenses mais focado este ano e com um projeto muito mais bonito, se calhar o Nacional também apoia um bocadinho mais a estrutura mesmo sendo longe, o que não ajuda...” (e3) “O clube tem que investir nesse jogador para esse jogador não sentir necessidade de sair para outros clubes ou para outros países.” (e3) “Podia haver uma liga nacional, podia haver uma liga nacional muito mais alargada, porque é assim, tu tens um clube, o Nacional, o Sporting, não interessa. O Sporting tem um bocado mais visibilidade, mas tens o Nacional. Tu vais investir no Nacional para quê? Não apareces em lado nenhum, não dá um jogo na televisão, é bola.” (e3) “Os patrocinadores e os clubes como sabem que podem ir buscar os melhores jogadores quando quiserem, podem simplesmente pegar em cem mil euros e ir buscar os jogadores que quiser, forma a melhor equipa e ganha,(...)” (e5) “Por outro lado, quem investe, quem investe, as equipas, os patrocinadores, podem ver isto de uma forma um bocadinho mais fria... E se calhar analisar mais ao nível dos números que as empresas são analisadas a nível de números... Estão a fazer um investimento para algo que nunca é seu, é só seu durante aquele período, no entanto, o que antecede ou sucede a isso, poderá ser que esse mesmo jogador se poderá lesionar ao serviço de outra equipa, durante esse período de campeonato poderá até ter que estar parado, e pode ser até um pouco mal para cada um dos investidores ou das equipas.” (e6)
--	--

Importância para o indivíduo	“É extremamente importante, não só pela realização pessoal e no âmbito desportivo, mas também porque é algo que me permite libertar um pouco, digamos que é o meu elo de escape da tensão do dia-a-dia, e cada vez que vou para a praia treinar é o único momento em que a minha cabeça fica limpa.” (e1) “É muito importante e ajudou-me muito a crescer, epá, como pessoa e como desportista, eu acho que como desportista conseguimos aliar as duas coisas, ou seja, como desportista e como pessoa, porque esta modalidade é um bocadinho, penso eu, diferente dos outros desportos, porque há mais cumplicidade entre os adversários, acho que os adversários dão-se um bocadinho melhor...” (e2) “Sempre foi uma coisa que gostei muito, agora na loja é assim, eu venho para aqui às nove e meia, dez horas, saio daqui às sete da tarde, se eu não for treinar, chego aqui às cinco, seis da tarde, estou farto de estar aqui, fico doido... Sempre que vou treinar é um escape enorme! Entro aqui, abro a porta, estou aqui um bocadinho, às onze e meia a minha avó aparece, mais ou menos, eu já tenho ali a minha roupa, visto-me, agarro no saco e vou-me embora, vou treinar até há uma, uma e meia, chego a casa, tomo banho e almoço, quando venho abrir a loja às três da tarde, passa a correr! Neste aspeto, é uma diferença enorme! Treinar e não treinar, é uma diferença enorme! Ajuda-me bastante, no meu dia-a-dia! “ (e3) “olha, o futebol de praia é muito importante, e antes disso acho que qualquer pessoa deve ter sempre um desporto na sua vida porque relaxa e abstrai-se muito do seu dia-a-dia. O futebol de praia acaba por me ajudar muito a nível profissional porque liberta-me no fim-de-semana do stress da semana, o futebol de praia que gosto muito não só de jogar mas também de organizar, de arranjar jogadores, organizar idas aos EUA, tornou-me numa pessoa mais responsável e organizada. O
-------------------------------------	--

	futebol de praia deu-me a conhecer mais como pessoa ligada ao desporto na Madeira e está a começar a ser falada aqui no Nacional, mas em termos pessoais é muito importante e não só, fez-me conhecer muita gente, alguns ficaram amigos, outros muito amigos, alguns inimigos mas isso faz parte também do desporto.” (e4) “É muito, até porque a nível financeiro o futebol de praia não me dá nada, já deu, mas já há uns anos que não dá, e se eu não gostasse mesmo disto, já tinha deixado. É algo que gosto muito, apesar de perder bastante, quer a nível pessoal, quer a nível profissional e nem sempre é fácil fazer a gestão. “ (e5) “Muito! Primeiro porque me permitiu conhecer pessoas, e formar amizades. Conhecer pessoas novas e formar amizades! Depois é algo que eu gosto bastante, um desporto que gosto bastante. Faço questão de me preparar para na altura do verão estar sempre em forma para ajudar o grupo a atingir os objetivos. “ (e6)
Conciliação com a vida académica	“E até aí, não me ajudou muito, se queres que eu seja sincero, eu tenho um curso de relações humanas e comunicação empresarial em Leiria, que tenho todas as cadeiras do primeiro semestre feitas e tenho cinco cadeiras do segundo semestre que nunca as acabei por causa do futebol de praia... Não me ajudou muito a nível de tempo...” (e3) “A nível escolar, matou-me os meus segundos períodos... Eu tenho o curso feito, tenho todas as cadeiras do primeiro período feitas, fi-las todas nos três anos e depois tive mais dois anos só para tentar fazer o segundo período porque nunca conseguia... Chegava ali aquela altura, esquece. Nunca conseguia ir às frequências finais ou aos exames. A nível escolar é muito complicado.” (e3) “Não tenho qualquer tipo de dúvida que poderia ser um melhor estudante e um melhor profissional sem o futebol de

	praia, já abdiquei de muita coisa,” (e4) “Não é fácil, não é fácil porque muitas vezes para estar a treinar ou para estar a jogar implica estar a abdicar de algumas horas de trabalho.. Há uns anos atrás, de algumas horas de estudo...” (e5)
Conciliação com a vida profissional	“Tu para andares no futebol de praia, infelizmente, hoje em dia, tens três hipóteses: Ou és patrão – que é o meu caso, ou tens um emprego por turnos ou por horas ou dás aulas, e consegues trocar, tendo um horário flexível, o que não é fácil... Um enfermeiro, um professor de ginástica, um professor de educação física, um personal trainer... Ou então não fazes nada. Infelizmente, são as únicas três hipóteses que tu tens. Porque de resto, se tu quiseses jogar ao mais alto nível e saíres imensas vezes, não tens férias que cheguem... Não tens férias que cheguem... A gente teve pessoal no Sporting que pediu férias para o Irão, pediu férias para a Eurowinners e acabou...” (e3) “Não tenho qualquer tipo de dúvida que poderia ser um melhor estudante e um melhor profissional sem o futebol de praia, já abdiquei de muita coisa,” (e4) “Não é fácil, não é fácil porque muitas vezes para estar a treinar ou para estar a jogar implica estar a abdicar de algumas horas de trabalho.. Há uns anos atrás, de algumas horas de estudo... Mas hoje em dia, a nível profissional, não é fácil conciliar as coisas. Felizmente, tendo em conta a minha vida profissional, tenho alguma facilidade em gerir os meus horários e consequentemente consigo adaptar-me.” (e5) “(...)é super difícil conciliar... Porquê? Todos nós na equipa, ou estudamos ou trabalhamos, ninguém faz disto profissão. Mesmo nós, que temos um elemento que tem sido chamado às convocatórias com mais regularidade, o Pedro Vasconcelos, ele próprio trabalha, tem que conciliar e fazer trinta por uma

	linha para conseguir estar nos estágios da seleção, para depois conseguir conciliar a nível profissional essa situação, nós todos, como foi o caso destes 4,5,6 dias, em que estamos na Nazaré, não é fácil. Temos que tirar férias, temos que organizar família, temos que organizar a vida pessoal e a profissional, é bastante, bastante difícil...” (e6)
Motivações – insucesso futebol de 11/ futsal	“Assim um bocadinho mais a sério, foi, até foi, uma lesão no joelho, que eu tive, que me apanhou uma parte final do futebol, ou seja a recuperei e comecei a jogar na parte final da época desportiva de futebol de onze. Então aproveitei o verão para não ficar parado, para reforçar e assim. Então fui para a praia treinar (...)” (e2) “O futebol de praia, quando começou a ser mais a sério, a ir à seleção, porque aí é que eu percebi que, epá podia aproveitar isso e fazer uma coisa muito mais séria... Tendo em conta o futebol, porque o futebol quando ainda era mais novo, toda a gente sonha, ser jogador do Benfica, isto e aquilo... Chega uma certa idade que a gente percebe que não vai conseguir, que dificilmente vai conseguir, e se calhar, aproveitei o futebol de praia para, epá, já que não fui no futebol, posso conseguir fazer alguma coisa no futebol de praia... Então, quando fui à seleção, preocupei-me e foquei-me nos objetivos e fui tentando alcança-los, pronto (...)” (e2) “Eu sempre joguei futebol de onze, e jogava aqui nos seniores, já ganhava um dinheirinho, ia à seleção distrital e estava a ver se chegava a uma divisão nacional... Mas depois, ali aos 21/22 anos vi realmente que as coisas...” (e3) “Eu joguei futebol de onze até aos meus 15/16 anos, joguei futsal no Nacional, joguei futebol de onze no Nacional, na terceira divisão nacional cerca de dois anos e depois joguei futebol de praia. Muitas diferenças! (...) No futebol de onze não cheguei a atingir um limite alto, uma exigência máxima...

	No futsal, já se pode compara, porque o futsal, na terceira divisão já acaba por ser tão bem organizado, as equipas já estão a levar a sério, como levam o futebol de praia.” (e4)
Motivações – busca pelo sucesso	“Mas anualmente, comecei a gostar mesmo da modalidade, começámos a ganhar tudo o que havia para ganhar lá, e achámos por bem arriscar mais a nível nacional.” (e4) “Faço questão de me preparar para na altura do verão estar sempre em forma para ajudar o grupo a atingir os objetivos.” (e6) “(…) mas na altura a realidade daquela seleção era totalmente diferente, e no dia em que surgiu a primeira chamada foi com surpresa que constatei que podia lá chegar.” (e1) “(…) até porque juntamente com um grupo de amigos, a gente revelava algum jeito e o entusiasmo aumentava.” (e1) “E nós entrámos como Sotão B, na segunda divisão, era uma equipa pequenina, de miúdos, o objetivo era não descer de divisão, não ficarmos em ultimo e nesse ano fomos campeões nacionais, eu fui o melhor marcador, e três ou quatro jogadores dessa equipa foram logo convocados para um estágio em Dezembro, foi assim muito rápido. Depois foi normal, continuei a jogar sempre no Sotão, e depois só em 2011, quando fui chamado à seleção é que comecei a levar as coisas mais a sério...” (e3) “Epá estava no Sotão, naquele ultimo ano no Sotão, era para ir para o Belenenses, não quis, o Belenenses foi campeão nacional, ganhou ao Sotão, foi para a EuroWinners, eu não fui... A partir daí percebi que devia apostar mais, começar a treinar, a evoluir outras coisas, que podia começar a fazer essas coisas todas. A partir daí...” (e3) “Chega uma certa idade que a gente percebe que não vai conseguir, que dificilmente vai conseguir, e se calhar, aproveitei o futebol de praia para, epá, já que não fui no

	futebol, posso conseguir fazer alguma coisa no futebol de praia... Então, quando fui à seleção, preocupei-me e foquei-me nos objetivos e fui tentando alcança-los, pronto. Basicamente foi isso...” (e2)
Relação com futebol de 11/futsal	“É como te digo, nos últimos anos houve uma alteração de certas leis do jogo, que fizeram com que o jogo se tornasse muito mais exigente, a capacidade física, o ritmo que tem que ser imposto num jogo, não permite que um ex-atleta do futebol acompanhar jogadores que começam logo com 20 anos a jogar, e que por muito que eles sejam atletas de elite no campo, quando chegam aos 35/40 anos, à beira desses jovens que já têm um andamento totalmente diferente na areia, vão sentir muita dificuldade. Por isso, é que tu hoje em dia, não vês nenhum ex-jogador de futebol, eu não me estou a lembrar de nenhum, a fazer parte dos quadros de nenhuma seleção europeia ou mundial.” (e1) “Assim um bocadinho mais a sério, foi, até foi, uma lesão no joelho, que eu tive, que me apanhou uma parte final do futebol, ou seja a recuperei e comecei a jogar na parte final da época desportiva de futebol de onze. Então aproveitei o verão para não ficar parado, para reforçar e assim.” (e2) “Eu sempre joguei futebol de onze, e jogava aqui nos seniores, já ganhava um dinheirinho, ia à seleção distrital e estava a ver se chegava a uma divisão nacional... Mas depois, ali aos 21/22 anos vi realmente que as coisas...” (e3) “Porque é assim, hoje em dia, hoje em dia, tu já não ganhas no futebol de onze... Aqui à quatro ou cinco anos tu ainda ganhavas no futebol de onze... Havia muitos jogadores que jogavam futebol porquê? Ganho aqui 400 ou 500€ no mija na escada... Hoje em dia tu ganhas 50, 60, 100, 150€ no máximo! É o que te pagam na maior parte das divisões portuguesas... O que é que eu estou a querer dizer com isto,

	haveria muita gente que se houvesse um bom projeto, deixava o futebol de onze! Agora, para quê? Vão deixar para jogar dois meses?” (e3) “Eu joguei futebol de onze até aos meus 15/16 anos, joguei futsal no Nacional, joguei futebol de onze no Nacional, na terceira divisão nacional cerca de dois anos e depois joguei futebol de praia. Muitas diferenças! Tanto a nível de jogo, tanto a nível das pessoas, tanto a nível físico, de exigência... No futebol de onze não cheguei a atingir um limite alto, uma exigência máxima... No futsal, já se pode compara, porque o futsal, na terceira divisão já acaba por ser tão bem organizado, as equipas já estão a levar a sério, como levam o futebol de praia” (e4)
Comunidade(s) em torno da modalidade	“... Eu julgo que há uma comunidade... Essa comunidade existe em Portugal! Agora, se a sinceridade de cada uma das pessoas que a formam é pura e igual entre todos, isso já não acredito. Sou-te sincero, sei que há um grupo de pessoa que deseja que a modalidade cresça, que luta por isso, mas há outras que na hora H, acabam por pensar mais no próprio umbigo.” (e1) “A maior parte das pessoas ligadas ao futebol de praia, ou seja, seja a jogar, como diretores ou assim, a organizar, a maior parte, trabalham todos para o mesmo objetivo que é desenvolver a modalidade, desenvolver o próprio clube, ter uma equipa mais competitiva ou conseguir um torneio melhor organizado, etc...” (e2) “É assim, aqui na Nazaré há uma comunidade... Há uma comunidade porque nascemos todos no mesmo sítio, e independentemente dos clubes, precisamos todos uns dos outros para evoluir e para trabalhar. Penso, na minha opinião, que podia haver mais ajuda entre todos os jogadores. O futebol de praia é um meio muito pequeno e há muita inveja e muitos

	sentimentos negativos num meio tão pequeno e com tão pouca insignificância por vezes, acho que às vezes podia haver um bocadinho mais de ajuda. Nesse aspeto de fazer uma força todos juntos, contra uma federação, todos juntos contra uma coisa qualquer, a pedir melhores condições, etc... Para pedir um estádio melhor, bolas melhores... (...) Acho que às vezes as pessoas, é um meio muito pequeno, e acho que as pessoas deviam ter mais uma coisa de comunidade... Mas acho que as coisas estão a mudar ao longo dos tempos, estão a mudar...” (e3) “Eu estou a perceber onde queres chegar mas isso era se aparecesse aqui muita gente nova assim de repente e essa tal comunidade os fechasse. Isso parece-me que não acontece. Um exemplo mais em off, o Sotão, sentia eu e sentia alguns diretores em conversa comigo e até jogadores, que sentia necessidade de que se calhar, precisava de um treinador novo... Porque são 15 anos acho eu, do Paulo... Cansados já... A tal comunidade, mas a situação é assim, não há mais ninguém, percebes? Eu entendi o que queres dizer, se aparecesse uma carrada de gente e essa comunidade que são sempre os mesmos pensasse que “somos nós que aqui estamos, que vamos à seleção e assim” esse tipo de comunidade, mas é assim, a realidade é que não há o aparecimento de assim tanta gente nova... Acho que a nível dos jogadores, sim, está sempre a aparecer gente nova e aí penso que toda a gente é aberta, toda a gente é aberta a isso, vejo em todo o lado. O Braga é um projeto diferente, é uma maneira diferente de estar no futebol de praia, agora até no Sporting, um clube que foi campeão, está sempre à procura em qualquer tipo de torneio, de qualquer coisa, está sempre à procura de um miúdo diferente, o Belenenses, o Nacional, a Casa do Benfica e acho que isso é muito importante e muito
--	--

	motivador. Lá está, para as pessoas novas que aparecem, mas lá está, a nível, depois, de fechar e retrain, acho que isso não acontece. Acho que essa comunidade, não há assim tanta gente exterior que abrange mais ou se fecha mais.” (e3) “Existe, existe os tais sítios, o pessoal da Povia do Varzim que vem do futevolei, o pessoal de Setúbal, existe isso aí... Entre essas ligações, e não quê, não acho que há assim tantas... Penso que no final de contas, toda a gente se ajuda mutuamente! Claro que a gente sabe, que quando chega a altura de ganhar, toda a gente quer ganhar... Mas penso que aí, esta comunidade, não só neste Inverno, também no Inverno passado, tinha havido aí duas ou três coisinhas... Penso que essa comunidade se ajuda e desfruta dessa paixão pela modalidade né? Não quer dizer que nesses jogos não houvesse chatices, mas é normal (risos).” (e3) “Existe e isso só prejudica a modalidade, porque existe um grupo pequeno, reduzido, seletivo e muitas vezes esse grupo não deixa entrar mais ninguém, acho que o núcleo que existe no futebol de praia, esse núcleo são as mesmas pessoas que existia há cinco anos, há dez... Portanto, acho que a modalidade devia de cativar mais gente, não só a nível de jogadores, mas deveríamos levar isto para outros lados. Mas sim, os clubes que cá estão gostam mesmo da modalidade, dão-se muito bem, é um desporto em que os jogadores dão-se bem, diariamente, há grandes amigos que estão em equipas diferentes. Eu tenho grandes amigos em outras equipas e acabamos por, nos jogos, nos conhecer, nos falar... Devido também a isso, é um desporto muito pequeno, é um núcleo muito pequeno, quase que somos obrigados a gostar uns dos outros e dar-nos bem uns com os outros.” (e4) “As características do futebol de praia são isto mesmo e para quem está aqui, sabe que nos grandes palcos, estão quase
--	--

	sempre os mesmos jogadores. É muito fechado mas acho que nos últimos dois anos abriu muito, fruto também da aposta das seleções e equipas africanas e americanas, mas mesmo assim vai continuar a ser muito fechado e muito exclusivo. (..) Pode-se falar em diversas neste momento, a nível nacional, por exemplo, pode-se falar em diversas... Porque Portugal tem vindo a apostar muito nisso, tem construído diversos campos espalhados de norte a sul do país, por isso podemos falar em várias comunidades locais.” (e4) “(...) existe. Pelos jogadores essencialmente, todos se conhecem, é um meio pequeno. Aliás é quase exclusivo aos jogadores, a nível de adeptos, não temos muito isso.” (e5) “Sim, penso que sim. Até porque é uma modalidade diferente de todas as outras modalidades que se praticam por aí. (...) Não, eu acredito é que enquanto não houver dinheiro no futebol de praia a sério, os dirigentes nunca irão olhar para isto numa perspectiva de investimento. Porque depois uma coisa gera a outra... (...) Existem comunidades locais em determinados pontos do país, que sim, esses investem no futebol de praia, e vê-se, não a nível de jogadores mas também a nível de dirigentes, há um investimento e uma vontade própria de aumentar a qualidade e a quantidade dos jogadores de futebol de praia. Mas são pontos locais...” (e5) “Sim, considero, e isso é presente nas redes sociais, é presente durante o período quase sazonal entre novembro até agosto/setembro em que se vê vários grupos, ou de equipas se quisermos a treinar, a disputar sempre pela manutenção, pela subida, e na luta de não descer não é, da permanência...” (e6) “Sim, sem dúvida! Primeiro porque o futebol de praia tem uma coisa boa, como está na última parte do nome da modalidade, praia. Se põe praia, põe calor, põe sol, põe verão, e tudo o que põe verão, as pessoas gostam! Portanto é mais
--	--

	fácil nós irmos à praia e estarmos mais envolvidos, mesmo quem desconhece ou mesmo muitas vezes não tem a curiosidade de ir propositadamente ao campo, ver uma competição, ver um jogo, possivelmente para um bocadinho a meio do dia para ir ver um jogo, para fazer uma pausa com o filho ou com os amigos e vai, de ano para ano, nota-se, o crescendo no número de jogadores e mesmo de equipas na modalidade... (...) É assim, em parte sim... Por isto mesmo que estávamos a falar... A divulgação da modalidade não tem a expressão que tem outras modalidades e já não estamos a falar sequer de futebol de onze ou mesmo de futebol de salão ou de futsal, como se diz hoje em dia. É uma comunidade mais fechada, que tem a sua grande comunicação por parte de amigos ou conhecidos, que se vai desenvolvendo e nos últimos dois anos, penso eu, que o desenvolvimento, a partir do Mundial de 2015, quando Portugal organizou e sagrou-se campeão Mundial de futebol de praia, houve um desenvolvimento maior da modalidade. (...) Considero que há as duas, embora que em certos casos, casos como o da Nazaré, onde nós estamos neste momento, é flagrante, é um dos berços do futebol de praia, se não for o berço do futebol de praia em Portugal, é pelo menos um dos pontos de referência do futebol de praia, recordo-me de ser jovens e dois locais serem míticos: Portimão no Verão, a grande afluência de pessoas que existia e existe naquela época sazonal e também na praia da Figueira da Foz. Recordo-me de quando era mais jovem, já lá vão uns aninhos, de terem inúmeras pessoas sempre a ver os mundialitos, o que era algo de fantástico! Quem não se lembra do Zé Miguel na baliza, casos do Hernâni, aquele patrão lá atrás, epá e depois outros, mesmo já o próprio Belchior, Madjer, Alan, pronto, penso que aqui temos as duas situações mas casos flagrantes como estes três, Portimão, Nazaré e
--	---

	Figueira da Foz, tem mais desenvolvimento local.” (e6)
Relações humanas como fator distintivo da modalidade	“Sim, sim. Já alguns amigos, já os desafiei a treinar e tudo, para eles sentirem as dificuldades, digamos que sim.” (e1) “No entanto, tem características muito próprias que faz com que se calhar seja superior a todas as outras. Que é o facto de, por exemplo, quando estamos em estágios para competições e seleções, as equipas estão todas no mesmo hotel, há uma interação muito grande entre atletas, há uma amizade muito grande, o facto de podermos jogar em vários clubes, permite-nos ter vários companheiros de equipa, criar vários laços de amizade e então, aí, não se compara a todas as outras.” (e1) “Nós podemos jogar contra um jogador que em Espanha é da mesma equipa, e em Itália jogámos a final contra, o facto de estarmos todo no mesmo hotel, o facto dos próprios treinadores podem também trocar, colegas nossos da seleção que jogam também nas outras equipas dos campeonatos onde nós jogamos, isso tudo faz com que, por exemplo, em seleções, os adversários acabam por ser também, amigos, porque nós já conhecemos, já conversamos, depois dentro de campo, é outra conversa, né? (risos). Mas fora do campo, o ambiente é bom! (...) Acaba por ser um ambiente mais saudável apesar de toda a gente querer ganhar, mas acaba sempre por ser mais saudável.” (e2) “Epá, é assim, o futebol de praia tem uma coisa boa, é que tu fazes estágios, tu estás junto com pessoas. No futebol de onze, isso não acontece. Tu treinas ... Tu fazes muitos estágios no futebol de praia e isso faz-te criar laços de amizade muito mais fortes do que no futebol de onze. Porque tens ali colegas que estás três/cinco dias, n vezes por ano, ou na seleção ou no clube que estás sempre em contacto com eles. A toda a hora, a todo o instante, dormem, comem, etc... Ou vão juntos para fora jogar, ou vão para outros campeonatos e isso faz-te criar

	uma amizade muito mais forte do que colegas que tens no futebol de onze.” (e3) “Penso que em Portugal, às vezes acaba por ajudar né, porque as pessoas, acaba por haver um respeito grande entre praticamente todos os intervenientes... Não sei até que ponto seja essa sazonalidade, o ponto de referência ou de mudança nisso, mas acho que é assim, como ainda há muito amadorismo, é como diz o outro, quando se mete dinheiro é que começa a haver mais problemas... Como ainda há muito amadorismo, as pessoas acabam por se respeitar e conhecer e depois vamos ser sinceros, é um mundo pequeno. É um mundo pequeno onde são quase sempre as mesmas caras, quase sempre os mesmos todos os anos, e acabas por conhecer muita gente que durante muitos anos ou jogam contigo, ou jogam contra ti e acabas sempre por experimentar experiências e criar amizade.” (e3) “Eu diria que todas as pessoas da Madeira jogaram futebol de praia mais a sério devido ao Nacional, tivemos já jogadores na seleção, que aceitaram ir à seleção, já tivemos um que não aceitou ir à seleção... Já fiz com que muita gente da Madeira, e não só, comesse a jogar futebol de praia, curiosamente não são só pessoas jovens. Nós temos o caso, na equipa do Nacional, do Nuno Soares que com 28/29 anos começou a jogar futebol de praia em 2015. Portanto o Nacional já deu muitas oportunidades a muita gente.” (e4) “A nível pessoais, já disse aqui um e repito, no futebol de onze há muitos jogadores, no futsal também, não tens que ter aquela amizade com todos eles. No futebol de praia acabamos por ser só oito equipas na divisão nacional, oito equipas, se fizermos a 20 jogadores, são 160 jogadores, portanto acabas sempre por apanhar sempre as mesmas pessoas, se calhar daqui a um ano já estás a jogar na mesma equipa que eles, portanto existe
--	---

	muito mais amizade, mas uma amizade disfarçada, uma amizade, talvez há pessoas que fazem amizades para não ficar mal, porque daqui a um ano podem precisar e isso por vezes, esse núcleo pequeno como já referi, tem coisas boas mas também tem coisas muito más...” (e4) “Sim e não. Sim para aquelas equipas que estão semanalmente juntas, independentemente da chuva e isso fortalece. Há equipas que não, que só se juntam a partir de março, a partir de abril, um mês antes dos jogos, por isso essa questão é muito difícil, tanto dá para sim, como para não... Mas as grandes equipas, as que ganham, posso dar o exemplo que não porque é formado de grandes jogadores que só se juntam antes dos dias de jogos. (...) O espírito que se vive nos hotéis, fora dos campos, dentro dos campos é porque a modalidade é vista pelos jogadores... Porque a gente sabe que hoje estamos a jogar aqui, amanhã podemos estar do outro lado, portanto isso ajuda-nos muito e as relações interpessoais são muito grandes devido a isso e a modalidade está a crescer muito devido a isso.” (e4) “Essencialmente é o facto dos jogadores se conhecerem quase todos. É um meio pequeno, são só oito equipas na divisão de elite e toda a gente se conhece. Comparando com o futebol de onze, isso não acontece. Há sempre gente nova, que não se conhece de lado nenhum...” (e5) “Tenho grandes amigos nas outras equipas e isso torna as coisas menos rígidas, ninguém se vai chatear por causa disto. Todos querem ganhar, claro que sim, mas há um respeito e um conhecimento muito grande entre as pessoas” (e5) “E: Considera que a sazonalidade da modalidade é algo que fortalece as relações criadas entre os vários intervenientes, tornando-as por isso distintas de outros desportos? e: É um desporto muito diferentes dos outros todos, não sei se
--	--

	isso é benéfico ou prejudicial, mas que é diferente, isso sem dúvida. E: Considera que o facto do estabelecimento dessas relações contribuirão para a melhoria do futebol de praia, dentro e fora de campo? e: Isso sim!” (e5) “Já fiz com que alguém experimentasse, infelizmente não se adaptou. Mas gostou, gostou bastante.” (e6) “Sim, concordo em parte... Muito embora também tenha o seu peso a relação humana que se cria entre os grupos. Mais do que a sazonalidade da competição, é os grupos que criam e os laços que se criam entre as pessoas. No nosso caso do Clube Desportivo Nacional, isso acontece. É verdade, as pessoas reúnem-se com mais frequência na época de verão que é quando tem lugar a competição nacional, o campeonato. Mas durante o ano há sempre um grupo, há sempre um convívio, é difícil entre todos os elementos, mas entre grande parte deles vai-se falando através de jantares, almoços ou um simples café. (...) Sim, concordo com isso, e isso é visível não só neste grupo mas noutros grupos que nós vamos mantendo contato, e outras pessoas, amigos vá, digamos assim, que se vai criando também no desporto e na modalidade e isso é visível e está patente em cada uma das equipas e nas pessoas.” (e6)
Futebol de praia: desporto ou espetáculo?	“Eu acho que isso do espetáculo já foi. Acho que isso do espetáculo já foi. Acho que é um desporto muito desgastante e muito complicado. Para quem joga ao mais alto nível, acho que ninguém tem dúvida... Para quem está de fora, não faz a mais pequena noção do que é que custa jogar futebol de praia, andar no futebol de praia, andar ao mais alto nível no futebol de praia, treinar, jogar, competir... Acho que isso na modalidade já foi quando jogava a malta que vinha do futebol de onze, acho que isso já foi.” (e3)

	“Acima de tudo, como um espetáculo! Acho que hoje em dia ninguém consegue viver disto, não quer dizer que num desporto, os jogadores tenham que viver disso, não, mas acho que acima de tudo é um espetáculo, acima de tudo é um espetáculo até pelos espetáculos que existem dentro de campo, nos intervalos dos jogos existe o espetáculo de meninas, antes dos jogos existe outros, portanto isto é visto como um espetáculo acima de um desporto.” (e4) “Acredito que vai ou que deve ser sempre visto como as duas componentes.” (e5) “Eu acho que tudo o que é desporto, promove o espetáculo. Temos isto nas várias modalidades, seja no basket, seja no andebol, seja no futebol, ... O futebol de praia, pela sua criatividade, pelo que é possível fazer com a bola de futebol, eu penso que cria espetáculo, não é? Temos os tais brinca na areia que têm possibilidade de fazer coisas fantásticas, parecem fácil para os comuns mortais, como se costuma dizer, mas só quando pisamos a areia e tentamos fazer aquilo que eles fazem, percebemos que não é assim tão fácil. Uma bicicleta não é assim tão fácil de fazer como parece, dar toques em andamento ou a correr, não é nada fácil como parece, defender uma bola que nos bate à frente, não é tão fácil como parece e mesmo o próprio lançamento dos guarda-redes, que parece, quando estamos na bancada, que aquilo é super fácil de fazer, não é bem assim, tem que ser um ato contínuo e muito preciso para cada jogador que está a entrar numa ala ou mesmo para o pivot que está na área...” (e6) “A própria organização faz questão de fazer uma festa dentro desse espetáculo todo...” (e2)
Grandes eventos mundiais como catalisadores do desenvolvimento em Portugal	“(...)Lembro-me perfeitamente de ter 17, 18 anos, nessa fase em que as recordações são mais frescas, digamos assim, de ver o Mundialito na Figueira [da Foz] e desejar estar lá, (...)” (e1)

	“Daquilo que me lembro, dava o Mundialito na televisão, e lembro-me, até eram ex-jogadores que jogavam e tal. Sim, via.” (e2) “O mundial foi em 2015, e eu penso que nós, no inverno de 2013, foi quando nós começámos e foi aí que eu comecei a levar as coisas mais a sério,(...)” (e3) “e penso que tudo o que acabou por acontecer nesta Eurowinners, para esses jovens da Nazaré, poderem ver as tais pessoas mais velhas que já conhecem e que falam, a treinar e a jogar a este nível, contra estes jogadores, num estádio daqueles, penso que foi um trampolim para os próximos 10/15 anos... Tenho a certeza que daqui a dez anos teremos outra geração do Sotão a chegar à seleção, terá outra geração a fazer coisas bonitas.” (e3) “Na altura, pela televisão, os mundialitos na altura. Com o Hernani, Zé Miguel, Alan, Madjer que ainda continuam, o Bilro, o Rui Delgado, o João Delgado, por aí fora...” (e6) “Futebol de onze mexe com muita coisa que mexe com a economia, temos o caso destes dias que estamos aqui na praia da Nazaré e está a ter lugar a Eurowinners Cup 2017, em que temos aqui centenas de jogadores, várias equipas que estão aqui presentes, nos primeiros três dias, da pré-qualificação já estivemos bastantes equipas de várias partes da Europa, o que também mexe e ajuda a desenvolver as próprias localidades, neste caso a Nazaré. É uma competição que ajuda a desenvolver não só bares, cafés, restaurantes e hotéis e mesmo alojamentos privados, no entanto a nível de comunicação, publicidade e televisão nunca tem ou terá o impacto, nem de perto, nem de longe, na minha opinião, do futebol de onze.” (e6) “(...)a partir do Mundial de 2015, quando Portugal organizou e sagrou-se campeão Mundial de futebol de praia, houve um
--	---

	desenvolvimento maior da modalidade. Primeiro, porque foi o primeiro título de seniores em futebol que Portugal teve, antecedeu portanto a conquista do Campeonato da Europa de futebol de onze, mas foi um grande feito e criou uma maior visibilidade. Nesse mesmo ano, 2015, notou-se que o campeonato que existia em Portugal teve um bocadinho mais de publicidade, expandiu um bocadinho mais os horizontes, e a realidade é que na fase final do campeonato em 2015, na praia do Ouro, em Sesimbra, vimos uma grande afluência de pessoas já a quererem e a despertar o interesse para ver a modalidade, para verem os jogadores, a geração mais antiga mas que ainda continua, os que continuam cada vez mais próximos do fim, como os casos do Madjer, reconhecido internacionalmente e mundialmente, que tem vindo a dar o lugar a novas estrelas, a novos jogadores (...)" (e6)
Nazaré	"porque antigamente brincávamos na praia e a brincadeira era o futebol. Fazíamos as balizas com as sapatilhas, a roupa e tal, e depois ou Sporting x Benfica ou os vivem aqui no Norte com os vivem lá no Sul, fazíamos um bocado esse tipo de jogo." (e2) "Comecei em 2004, a gente jogava nos Nazarenos, nas camadas jovens, e o nosso treinador era jogador do Sotão, e o Sotão quis fazer uma coisa que nunca tinha sido feita em Portugal, que era as escolinhas de futebol de praia. E fez um mini torneio, como havia para os seniores, o 24 horas, e depois desse torneio fizeram uma seleção e andámos o verão todo, a treinar antes da equipa principal, e andámos o verão todo a treinar e a jogar. Na altura conseguimos jogar contra a Foz do Arelho, Figueira da Foz e São Martinho do Porto, em contacto também fizeram lá umas equipas de miúdos e a gente começámos a jogar. Depois em 2005 continuámos com esses treinos mas não tivemos jogos, depois em 2006 já

	conseguimos entrar no torneio dos seniores 24 horas, jogámos, mas depois nunca tivemos idade para jogar até 2008... Com 18 anos... Esse grupo todo, era eu, o Tiago Lopes que já jogou na seleção, que era o Daniel, era pessoal que joga aqui no Sotão, era o Jordan... Dessa equipa de 2004, três foram internacionais, e os outros só não foram porque acabaram por se perder... Em 2008, a gente já tinha 18 anos, eles aproveitaram esse grupo de jovens, formaram... Juntaram à equipa senior, porque o Sotão já era campeão nacional na altura, já tinha ganho os Masters em Portugal, era a melhor equipa portuguesa... E, o Sotão na altura, no campeonato nacional, entravas com <i>wild card</i>, tinha que representar o União de Leiria, era o Benfica, era o Porto, era o Sporting, havia ainda a distrital e a segunda divisão...” (e3) “É assim, eu tenho uma foto, que já levei para um estágio do Sporting, em 2001, a seleção a jogar aqui, e eu atrás do Madjer com uma bola. A Nazaré sempre foi uma terra com tradição no futebol de praia. Para tu teres noção, o único jogo que a seleção perdeu, em toda a história, com equipas, foi aqui na Nazaré. A seleção já veio duas vezes à Nazaré e nunca ganhou... A gente crescia a ver isso! Na altura o 24 horas era um torneio de 24 horas de futebol de praia, onde vinha gente de todo o país, vinha o Zé Maria, vinha malta de todo o país. Era um torneio grande! E a gente crescia nesse âmbito, porque havia muita gente ligada aos Nazarenos, ao clube de futebol de onze mas no verão estava aqui. E tu acabavas por crescer aqui, nós passávamos o verão a jogar à bola. O Jordan mora ali, passávamos o verão a jogar à bola na praia... Acabava por ser uma coisa natural que quem jogava à bola tinha que jogar futebol de praia, tinha muita fama na Nazaré, percebes?” (e3) “É assim, aqui na Nazaré há uma comunidade... Há uma comunidade porque nascemos todos no mesmo sítio, e
--	--

	independentemente dos clubes, precisamos todos uns dos outros para evoluir e para trabalhar.” (e3) “Aqui deu! Aqui deu porque nós aqui temos apoios aqui do município, da Camara, temos muitas facilidades... Precisamos de umas redes, as redes ficam, as balizas ficam... Precisamos de água, temos água, precisamos de ir treinar a um ginásio, temos um ginásio... Ajudam-nos bastante.” (e3) “Há, sem dúvida! Nunca haverá um sítio com este número de habitantes a produzir jogadores desta maneira! Penso que é uma coisa que faz parte, já, da cultura da Nazaré. Às vezes as pessoas perguntam-me, a Eurowinners tinha sido num sítio muito triste, e tu jogavas contra um bom clube, o Lokomotiv por exemplo, e estavam dez pessoas na bancada... E eu tinha dito a muitos amigos meus e a pessoas que conhecia que aqui as coisas iam ser diferentes porque as pessoas gostam de futebol de praia! E foi isso que se viu! Quase todos os dias houve casa cheia, quase todos os dias! Ou mais no jogo do Sotão, ou no jogo do Braga, ou no jogo do Sporting... O Sporting jogou à uma da tarde e estava muita gente nas bancadas, o Braga jogou às três horas e estava muita gente nas bancadas, às vezes jogava o Lokomotiv e estava gente nas bancadas porque tu se calhar chegas a Catania ou a qualquer lado do Mundo, e dizes que vai jogar o Lokomotiv com o Kristall e ninguém faz a ideia de quem são as equipas. As pessoas aqui na Nazaré sabem que o Kristall investe bem, tem boa equipa... E penso que com o decréscimo grande da equipa de futebol de onze, tem caído bastante, penso que há um tempo para cá, não tenho problema em afirmar que o primeiro desporto na Nazaré, se calhar o que mais ligam, e que dão mais importância, porque depois uns jogam na seleção, outros foram campeões do mundo, outros jogam no Braga, outros jogam no Sporting, e acaba por dar a Barcelona Cup, o
--	--

	Torneio do Irão ou o Mundialito de Clubes, acaba por dar imensas coisas que as pessoas gostam de ver e gostam de seguir, e que acabam por se identificar, e depois toda a gente gosta e toda a gente acaba por gostar.” (e3) “E a meu ver houve aqui duas ou três gerações muito fortes e com o andar dos anos e com um bocadinho dos resultados menos positivos – o Sotão acabou por descer de divisão- não digo que se tenha perdido aquele amor, ele continuava lá, mas acredito que esta Eurowinners foi um trampolim para os mais jovens, uma coisa fantástica... Tenho a certeza que quando eu tinha 10/11 anos e via a seleção a perder aqui com o Sotão, e via o Fabinho e via o Hilário, e via aquela primeira geração que já nem joga, e dizia que gostava um dia de jogar como eles e de ser como eles... E era isso que me motivava a ir aos treinos! E isso estava-se a acabar por perder um bocadinho... O Sotão não jogava em bons palcos, acabou por não subir de divisão, e penso que tudo o que acabou por acontecer nesta Eurowinners, para esses jovens da Nazaré, poderem ver as tais pessoas mais velhas que já conhecem e que falam, a treinar e a jogar a este nível, contra estes jogadores, num estádio daqueles, penso que foi um trampolim para os próximos 10/15 anos... Tenho a certeza que daqui a dez anos teremos outra geração do Sotão a chegar à seleção, terá outra geração a fazer coisas bonitas. Eu ontem cheguei, passei no treino e estavam 18/19 a treinar. Estavam lá 7 miúdos...” (e3)
--	---